This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
Q24
A32

A 466963

The Library of
Mercyhill
Lawrence
1817
ARTE [illegible] A VERITAS

MEMORIAS

DE

FR. JOÃO DE S. JOSEPH QUEIROZ

BISPO DO GRÃO-PARÁ

COM UMA INTRODUCÇÃO E MUITAS NOTAS ILLUSTRATIVAS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
LIVRARIA NACIONAL

1868

869.8
Q24
A32

515447-176

MEMORIAS

DE

D. FR. JOÃO DE S. JOSEPH QUEIROZ

MEMORIAS

DE

FR. JOÃO DE S. JOSEPH QUEIROZ

Bispo do Grão-Pará

COM UMA EXTENSA INTRODUCÇÃO E NOTAS ILLUSTRATIVAS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

PORTO

Typographia da Livraria Nacional, Rua do Laranjal, 2 a 92

1868

MEMORIAS

DE

FR. JOÃO DE S. JOSEPH QUEIROZ

BISPO DO GRÃO-PARÁ

INTRODUCÇÃO

I

Em uma das vinte e quatro espaçosas, alegres e lageadas ruas de Matozinhos...

Entra já o leitor sisudo a desconfiar que é isto romance!

Matozinhos com «vinte e quatro ruas espaçosas, alegres e lageadas»!...

E, se já lá passou, e agonisou com os ossos desconjuntados por solavancos da sege, na unica, tortuosa e descalçada rua que viu, sobre desconfiar da novella, desadora o engenho embusteiro do novellista.

Não lhe levo em mal a contumelia. Se ha scepticos respeitaveis, são os que passaram a trambolhões a unica rua d'uma villeta e depois não

crêem que ella tenha vinte e quatro espaçosas, alegres e lageadas ruas.

Pois tinha tudo isso, ha cento e trinta annos, Matozinhos. Tudo isso viu o academico da academia real da historia portugueza Antonio Cerqueira Pinto. Vinte e quatro ruas «de divertido e jocundo passeio, formadas todas de nobres e lusidas casas» escreve elle [1]. Os moradores eram gente de prol, que toda, com o dobar d'um seculo, degenerou em gentio meramente prolifico. Os quinchosos, que já foram ruas espaçosas em Mathozinhos, enxameam de rapazio nú a tresandar ao marisco. Pois diz Cerqueira que n'aquellas casas «se tratavam os moradores com aceado lusimento, fazendo-o assim urbanamente ennobrecido.»

Assim sería.

Em uma d'essas ruas e na mais antiga d'essas casas moravam, por 1711, Francisco Gonçalves Dias e sua mulher D. Joanna Dias de Queiroz, ambos de nobilissima prozapia. D'aquella casa tinham sahido geraes para a congregação de S. Bento, como D. Pedro da Gloria para a dos Cruzios, frades doutissimos como frei Ignacio de Jesus, bispos e capitães generaes, navegadores e martyres do oriente.

Aos doze d'agosto d'aquelle anno 1711, deu á luz D. Joanna de Queiroz um menino que foi

1 «Historia da prodigiosa imagem do Bom Jesus de Bouças», pag. 187.

baptisado na parochial egreja de Bouças e chamado João de Queiroz da Silveira.

Desde o berço, envolto nas alvas faixas, já o Joãosinho, a crescer, a fazer-se homem na phantasia amorosa de seus paes, lhes avultava entrajado com o habito de S. Bento. Para frade, para geral da ordem de frades fidalgos, para bispo o creavam, o bafejavam do seu amor, e offereciam a Deus e aos manes lareiros de seus avoengos.

Cresceu o menino robusto, bem que enfermiço de olhos. Aos dezoito annos recebeu o habito de noviço em Tibaens, professou nas mãos do dom abbade frei José de Santa Maria, e foi estudar philosophia no mosteiro de S. Miguel de Refojos de Basto.

Consumado theologo e philosopho, passou a ser conventual de Santo Thyrso, d'onde passou ao convento de Lisboa, não sei nem faz ao ponto saber em qual anno. E' certo que lá residia em 1744, conforme o testimunho de uma carta autographa que possuo de Diogo Barbosa Machado, escripta n'aquelle anno a frei Marcelliano da Ascensão, chronista-mór da congregação benedictina. Da carta inferimos que João de Queiroz da Silveira, ou monasticamente frei João de S. Joseph, privava com o erudito abbade de Sever, ao tempo de se estar estampando a valiosa *Bibliotheca Lusitana* [1].

1 Aos doutos e curiosos não será de mais o traslado da carta do doutis-

Letras e sangue lhe facilitavam ao benedictino alliança de amisade com os doutos Barbosas, com frei Manuel do Cenaculo, com D. Antonio Rollim de Moura, com Francisco Xavier d'Oliveira e seu irmão frei Thomaz d'Aquino, com Sebastião José de Carvalho e seu irmão Paulo de Carvalho e Mendonça, com o conde de S. Lourenço e os duques d'Aveiro, com o conde da Ponte, e, para em summa o dizer, com as rainhas D. Maria d'Austria e D. Marianna Victoria.

Na correnteza das *Memorias* virão justifica-

simo bibliophilo: «Reverendo padre fr. Marcelliano da Ascensão. Não posso cabalmente explicar o jubilo que tive com a carta de V. P. ao tempo que me fez lembrar a falta da sua amavel presença que me roubou o grande prestimo que a sua monachal congregação achou em V. P. para dignamente o occupar em obse uio de tão augusta mãe. A «Bibliotheca Lusitana», cujo segundo tomo tem já mais de cincoenta folhas impressas, sempre se reconhece devedora á infatigavel investigação de V. P., que se não descuida de a ornar com novas noticias: as que me remetteu estimei muito; e ainda chegou a b m tempo fr. Ignacio da Graça para entrar no seu logar. Do fr. Mauro, de que V. P. aponta as obras, quizera saber seu apellido e mais noticias, pois pela obra é digno de distincção. O portador da carta de V. P. me segurou que o thesoureiro-mór de Braga me queria mandar noticias dos seus patricios; eu lhe agradeci com sinceras expressões este soccorro litterario.

«No cathalogo que por via de meu irmão D. Joseph recebi dos authores bracharenses vem grande numero que não tenho, e assim peço a V. P. que quem o escreveu se resolva a mandar as noticias d'aquelles que não estão na «Bibliotheca Lusitana» já impressa, e com quanto maior brevidade se remetterem, tanto mais se irão acommodando em suas classes.

«Já que V. P. foi o Vasco da Gama da coronica de fr. João do Apocalipso, lhe peço me mande transcripto o titulo d'ella para assim o pôr na «Bibliotheca», e de quantos livros consta e como começa e acaba. Tambem não tenho os nomes de seus paes, nem o dia e anno que recebeu o habito, e somente que fôra natural de Guimarães, e que morrera em Travanca a 22 de abril de 1632. De tudo espero resposta.

«Joseph de Andrade Coimbra, vereador mais antigo da camara de Braga, fez a oração quando deu entrada publica n'esta cidade o ser.mo sr. D. Josep, arcebispo d'ella. Sahiu impressa em folha que tenho. Quero saber a patria dos paes de tal homem, e dia e anno da morte, pois me seguram já fallecera. Para que não tenha desvio a carta que V. P. me mandar, pois recebi a sua escripta a 24 de setembro a 27 de outubro, m'a remetterá ao «padre fr. João de S. Joseph, morador no convento da corte por por quem remetto esta». Para tudo o que respeitar o obsequio de V. P., achará muito prompta a minha obediencia. Deus Guarde a V. P. muitos annos. Lisboa, 31 de outubro de 1744. De V. P. o maior venerador e menor criado. D. Barbosa Machado.

das estas e outras relações, que deram aos inéditos de frei João de S. Joseph realces e meritos de publicidade.

O agrado que o frade teve no animo do ministro de D. José I, sem embargo da convivencia com a familia Lencastre, lhe valeu ser nomeado bispo do Gran-Pará em 10 de outubro de 1759.

Poucas palavras explicam a liberalidade do ministro: fr. João era inimigo de jesuitas, e visita do conde de Oeiras. Bispo aos quarenta e oito annos de edade; bispo sem ter exercitado na sua ordem alguma cathegoria; bispo assim feito de mero frade, que nem se quer documentàra com um livro de sermões a sua capacidade apostolica; e demais a mais, bispo contra sua vontade nomeado: eram condicções que então maravilharam os coevos e hoje suggerem desejos de aquilatar o valor intrinseco de tamanho sujeito. O conde valido não era homem que se illudisse nem deixasse embair, jámais com um enviado ao Pará onde cumpria queimar o restante das messes alqueivadas pela companhia de Jesus.

A 14 de outubro de 1759 recebeu fr. João de S. Joseph a nominata, e a 4 de maio do anno seguinte foi sagrado no Porto, sendo sagrante o bispo de Mauricastro, conego na Sé portuense,

e assistentes o abbade geral de S. Bento e outros abbades benedictinos.

Dois dias passados, sahiu Dom frei João a sagrar a egreja de Matozinhos em que tinha sido baptisado. Volveu a Lisboa, e, no fim d'aquelle anno, sahiu na frota para o Pará, onde ia substituir frei Miguel de Bulhões e Sousa.

Emquanto ventos prosperos o levam, investiguemos o fundamento, se o ha, da nomeada litteraria, que o Bispo deixára em Portugal. Aqui tenho uma carta d'elle, assignada no mosteiro de S. Bento do Porto, em 15 de março de 1760, e enviada ao chronista frei Marcelliano da Ascensão. Não a escreve, e dá a razão: *Soffra V. P. por conta da minha molestia de olhos não fazer de proprio punho estas regras e leia-as com paciencia, já que não podemos fallar por outro modo.*

Claro é pois que frei João dictava a carta que vae ler-se, e, longe de seus livros e gabinete, auferia da memoria os adornos litterarios que ahi lustram honrosamente, consoante ás sciencias naturaes n'aquelle tempo:

«Muito R. Padre Chronista.

«Eu me podéra queixar da fortuna com mais razão do que V. P. porque repetidas vezes me separou da sua presença, estando esta tão proxima, que, se n'este anno mediavam poucas ruas entre um e outro, em differente occasião, achan-

do-me em Braga, bastou uma parede de interposição para eu sentir a fatalidade de não ver nem ouvir a pessoa de V. P. a quem estimo e venero com a maior distincção, e a quem agradeço o continuado favor da amisade que sempre prezei e com que ultimamente V. P. se explica por me honrar: o que tudo attribuo á generosidade do seu coração, e nada ao meu merecimento.

«Recebo com grande prazer estes raros phenomenos da natureza, e admiro com especialidade a pedra preta em que considero no circulo branco do engaste os effeitos da petrificação a que os philosophos attribuem varios prodigios naturaes. A pedra branca é certo que tem particulas oleosas com abundancia de salinas. Quanto ás pedras de cevar, estimo que a nossa provincia seja fertil d'ellas, como são as Berlengas, em que tambem se acham, como me affirmou Caetano Ferreira do Valle, natural de Matozinhos, e um dos maiores pilotos da carreira de Lisboa para os Brazis. Tambem observei o barro de que se servem alguns rusticos para lavar as roupas, como muitos que não são rusticos de greda para tirar nodoas; mas creia V. P. que para ter estimação o primeiro entre portuguezes, era necessario que se lhe mettesse a estes que o tal barro servia de saboneté para as barbas de mr. Bayer, e milord Xapuz, e monsenhor Tar-

quini; emquanto elles se não persuadem d'isto, fique o barro como estava; viva o sabão, e deixemol-os em paz.

«Como eu faço conta de viajar por sertões que ficam na distancia de 800 leguas, que tantas contam no Pará de oriente a occidente, não deixarei de encontrar algumas raridades dignas de reflexão; e com effeito mandei encadernar alguns livros em ordem a instruir com algumas especies mais raras as viagens que fizer, de que participarei a vossa paternidade, dando-me Deus vida.

«Lá dizem que ha um barro amarello de prodigiosas virtudes, e que é necessario cavar muito para dar com elle no centro da terra: d'este cuido eu que encontrarei pouco, e na verdade não se me dará muito. As pedras vermelhas, que no Gerez se acham, tambem se encontram no districto de Bellas, não só em uma mina de agua, como me disse Simão de Vasconcellos, mas tambem em um campo, de cujas pedras teve muitas a snr.ª condessa de Pombeiro e d'ellas fez um adereço, misturando-lhes diamantes a snr.ª marqueza d'Abrantes. Indo eu de Lisboa para Thomar com o padre mestre frei Bento do Pilar, encontrei no caminho desviado da estrada pedaços de crystal nobilissimo, sextavados pela natureza, e em outras partes d'este reino sei os ha excellentes, e o escreveu já Duarte Nunes de Leão.

Não me admira que haja no Gerez ervas desconhecidas: o mesmo se observa na serra da Estrella e muito mais na de Cintra, como se escreve nos dois tominhos francezes intitulados *Memoires d'un voyageur*. Admiravel é em Portugal uma ponta de cabra silvestre com cinco palmos de comprido; e podia com mais razão fazer memoria d'ella, se a visse, o infante D. Duarte, de tragica e lastimosa memoria, no que fez de outras que observou nos bosques d'Alemanha, e de que dava conta em carta propria a seu irmão o duque de Bragança e nosso restaurador, e refere Antonio Caetano na *Hist. da Casa Real* ou nas *Provas*.

«Não é muito que se ache o maná em Alemtejo, que, como é provincia sem gente, podiamos dizer sem equivoco que o maná se achava no dezerto.

«Do chá tenho noticia; e, se V. P. se quizer lembrar de Beirotas, póde ser que lá o visse, e o padre frei Luis de S. José, D. abbade de Cabanas, poderá mostrar algum da casa de seus irmãos. E' certo que o reino tem muito oiro, e basta lêr na historia romana os talentos d'este metal que iam da Luzitania antiga para Roma. Hoje se tira algum em varias partes; e em Avintes, junto a esta cidade, se achou uma pedra com oito dentro que pesavam coisa de 70 a 80 mil réis, não ha muitos annos. Na quinta de Povos

tirei eu e padre mestre Rita uma pequena porção de prata de que abundam aquelles montes.

«De cobre ha actualmente minas na terra da Feira e trabalha em uma d'ellas um estrangeiro: tambem ha chumbo em Portugal de que offereceu uma grande pedra, cuido que de cinco arrateis, ao ill.^{mo} snr. monsenhor Paulo de Carvalho, José Alvares de Mira, segurando ao dito snr., daria todo o chumbo necessario para Portugal.

«Quanto á qualidade das aguas mineraes, cuido que Jacob de Castro Sarmento, em livro pertencente a este assumpto, descreveu com bastante exacção o que havia na materia; sendo mui facil a averiguação de qualquer que tenha uma tintura da chimica para distinguir as particulas metalicas, sulphuricas, nitrosas e vitrioladas.

«Concordo inteiramente com V. P. na judiciosa critica que faz ácerca dos medicos; e sem me revestir do espirito de Molieri, de Quevedo e Feijo, sempre direi que, se exceptuarmos uns poucos — como v. g. os dois castelhanos da Luz e algum outro — julgo ser melhor curar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa a natureza com mais desembaraçado instincto e com mais evidente felicidade.....

«Os amigos Barbosas sempre o mesmo. O snr. abbade de Sever esteve com resolução de vir para esta cidade; porém, passou-lhe com o tempo o

horror do estrago [1]: vive no mesmo sitio com seu irmão, e ambos se lembram muito de V. P.....»

II

Em 31 d'agosto de 1760 está D. João de S. Joseph no paço episcopal de Belem, capital do Gran-Pará.

Escreveu elle propriamente a descripção da viagem, que mandou a Lisboa ao convento da Estrella, e outra cópia a frei Manuel do Cenaculo. Este manuscripto, comprehendendo mais duas visitas ao sertão, depositou provavelmente o bispo de Beja na bibliotheca eborense, onde está, conforme o *Cathalogo dos manuscriptos* d'aquelle rico archivo. Parte d'este codice já corre impresso na *Revista trimestral do Instituto do Brazil*, tom. III.

Queixava-se o bispo da descortezia com que os benedictinos de Lisboa lhe menosprezaram a sua viagem, em carta ao franciscano Cenaculo, n'estes termos: «.. Se v. rev.ma, que para as minhas coisas olha com affecto, usasse dos microscopios da Estrella, não faria a estimação da minha viajem, que lá foi, pois indo cópia d'ella trez

1 Allude ao terramoto do 1.º de novembro de 1755.

vezes áquelle collegio, supponho pareceu comedia de trez jornadas; e, qualificada por tal, não foi ao seu destino, que era para o Porto. Tão delicada é a critica e tão escrupulosa, que deveu parecer indigna do meu caracter a obrinha, ou ser qualificada, por uma politica e exactissima delicadesa, capaz de se transfundir em algum ineffavel mysterio de religião, sendo que a materia toda era de fé humana. Emfim, seria zelo, seria amizade, seria tudo o que é decoroso; porque inveja não tinha logar.»

Já d'aqui nos transluz que o bispo jogava destramente a ironia.

D'um grosso volume em folha, copiador das cartas do prelado, quasi todas de seu punho, mórmente as confidenciaes, lhe irei esboçando a biographia no Pará. Não será mais extensa do que foi prestadia aos annaes d'aquella christandade; porque em 24 de novembro de 1763 já o bispo se fazia no rumo da patria.

Infamado, ou transferido para mais pingue prelasia? Logo saberemos.

Consideremol-o primeiro como padre illustrado que lia livros prohibidos e os mandava ao convento da Estrella, desde o Pará, sob clausula de estarem a bom recato e defesa dos frades incapazes de os impugnarem.

No tocante a bruxedos e demoniacos, pedra de toque para dar o quilate d'um frade d'aquelle

tempo, as suas cartas nos deparam provas de juizo recto. Encontrou no aljube uma india condemnada a prisão perpetua e convicta de pactuar com o diabo. O bispo officiou ao vigario da vara, mandando trazer á sua presença o summario do processo, «por duvidar com bom fundamento das culpas que se lhe attribuia de feitiçaria.» A india foi descondemnada.

Eil-o aqui ensinando a um padre Manuel da Penha, como se havia de regular na melindrosa materia de exorcismos: «Advirta que, em mulheres, as queixas uterinas são complicadas por certo modo com convulsões e outros symptomas extraordinarios que ainda medicos muito doutos se costumam enganar, entendendo são coisas sobrenaturaes; como tambem pelo contrario, se os confessores excedem a rigidez do criterio, costumam talvez ser enganados... Os exorcistas attribuem a causas sobrenaturaes effeitos que o não são...»

Sobre enterramentos nos templos e cemiterios em centro de terras muito povoadas, não transige com preconceitos. Ao coronel Nuno da Cunha e Athaide escreve peremptoriamente «que se faça uma especie de cerco com uma cruz dentro, de modo que haja de impedir entrada de animaes» e accrescenta com graça: «tenham paciencia os defuntos de Macapá, porque os que se enterram na campina não estão de melhor partido.»

Quanto a desinteresse, é bom argumento o periodo de uma carta a frei José da Gaia: «..Agradeço muito a V. P. o favor e affecto com que desejou favorecer-me com o presente de um moleque o que muito do coração lhe agradeço; fallando, porém, sinceramente, estimo que houvesse pedimento, nem se reduzisse a effeito, porque seria preciso desfazer-me do pretinho, talvez com apparencias de negociante, supposta a minha pobresa a que me reduzi de monge benedictino a bispo mendicante, sem embargo que tendo com que me vista moderadamente, e com que me sustente em mesa parca e frugal, dar-me-hei por satisfeito.»

Pelo que diz respeito a zelo apostolico, muito é que em menos de tres annos prégasse vinte sermões, e por duas vezes entrasse novecentas leguas sertão dentro, posto que experimentasse a inefficacia de seus esforços. Escrevia elle á snr.ª D. Antonia Barbuda, sua prima: «Tem descido muito gentio; mas elle acha tão mau exemplo no commum dos catholicos e do reino, que muitos se tornam a metter ao matto: e muitos que ficam e se bautisam me parecem tão gentios depois como d'antes. Bem sinto eu que assim se malogre o sangue de Jesus Christo, e tomára ter lagrimas de sangue com que chorasse tantas miserias.»

Severo na justiça, era-o principalmente com

os padres, admoestando-os previamente com cartas de original theor. Uma ao padre Nazario de Novaes, diz assim:... «Não mais o chamarei ao serviço da egreja, vista a escandalosa incapacidade a que a desordem de beber e de viver tem reduzido em todo este estado a sua pessoa, prostituida a reputação, como, nas estradas de Coimbra, a do mais vil moço de mulas, ou n'este estado a do indio mais perdido... Reputando com magua de nosso coração a indecencia que resulta de lançar mão ao tremendo calix de Jesus Christo, sem receio de que seque o braço que se anima, não digo como Oza, a sustentar a arca do testamento, porém a tocar em o maná ou hostia immaculada com as mesmas mãos com que sustenta o copo dos infames sacrificios do Baccho; para que não misture pois o sagrado com o profano... lhe ordenamos se abstenha de dizer missa etc.»

E' mais faceta a que mandou ao padre Gabriel da Silva:... «Por uma carta se me diz que vm.ce desattendera a um official de justiça, e lhe chegara as mãos aos peitos; e, como não consta que vm.ce tenha este privilegio, e já outra vez poz mãos na cara d'um pobre militar, entro na consideração de que será verdade o que me dizem, isto é, que vm.ce tem o fogo do purgatorio na garganta e um areal da Libia no estomago, capaz de absorver em si um Jordão de cachaça,

vicio tão feio n'um sacerdote que o faz indigno da presença de Deus e dos homens... etc.»

No tocante a outras qualidades relevantes de bom prelado, elle as dirá opportunamente quando os inimigos se conjurarem no seu descredito.

São aproveitaveis como historias, e graciosas, como ridiculesas do tempo, umas noticias que o bispo envia ao governador do Maranhão em 7 de setembro de 1762. Diz que os degredados do reino, Martinho Velho e Gonçalo Christovão, morreram entre Benguella e Angola, e lá ia morrer tambem Antonio da Costa Freire. Que um frade caetano, tio do duque de Cadaval, estava preso no seu convento por ter ralhado do casamento do sobrinho com uma filha do conde de S. Vicente. Que o doutor Ignacio Thomaz de Castro estava preso pela inconfidencia. Que frei Affonso dos Prazeres continuava a fazer milagres depois da sua morte no Varatojo. Que a rainha, chamando o embaixador catholico, lhe gritara: «Diga ao barbaro de meu irmão que ainda são vivos os netos d'aquelles que venceram vinte e cinco batalhas aos hespanhoes: diga-lhe que não sou castelhana: que sou rainha de Portugal, e que me hei de ir ver com elle no campo.» Que o conde de S. Lourenço, chamado á côrte, gemia em rigorosa prisão. Que o conde de Obidos, indo-lhe fallar o corregedor que assiste na Junqueira, com *robe de chambre*, o conde o saudou com um tam-

borete com que lhe atirou aos narizes, acompanhando esta acção com algumas flores de eloquencia para animar a figura, chamando-lhe patifão e outras miudezas por esse tom; que o ministro se queixara ao conde de Oeiras, e o conde o ouvira a sangue frio e lhe dera uma reprimenda pela insolencia, e que D. José I dissera: «que o conde em qualquer fortuna era cônde.» [2]

Sem embargo de não approvar o destrôço do nariz do magistrado, o bispo, escrevendo ao conde da Ponte, diz do ministro de D. José: «Do que v. ex.ª me diz do conde de Oeiras, não ha que admirar, por ser admiravel sempre aquelle senhor; mas que ha de ser, se elle tem um coração em que cabem terramotos, exercitos, reedificações, conspirações alheias, castigos, prisões, embaixadas, despachos e providencias, e — o que mais é — sem embaraço da respiração! Assentemos que, sendo todos de barro damasceno, parecem poucos de outro mais fino. Tudo é barro: mas um de Estremoz, outro do Romão, da Saxonia, etc.»

Quando a guerra com Castella parecia inevitavel, duas galantes cartas escrevia para o reino o bispo. A D. Pelagia de Almeida, camareira mór, enviou uma n'este requinte de finezas, que, ditas hoje, rebentariam de inchadas de màu gosto:...

4 As novidades enviava-lh'as de Portugal o franciscano Manuel do Cenaculo.

«Aqui totalmente se ignora se o rumor da guerra passará a estrondo, e se a estas horas terão visto os campos do Alem-Tejo mais do que o apparato. Deus nos livre das inclemencias da guerra e nos conserve em uma gloriosa paz, até para o socego de v. ex.ª; porque, se acaso houver campanha, parece-me que os marciaes espiritos da rainha fidelissima (se el-rei, que Deus guarde, se puzer na testa do exercito, como cá se receia) não poderão conter-se, sem que ao lado de Marte deixe de fazer o papel de Bellona. E que seria se em tal caso ás damas se lhes metter em testa formarem um regimento de amazonas commandadas pela sua rainha Pantasilea? Vem a cahir em v. ex.ª o arranjar as tropas; porém, venturoso exercito! por que os hespanhoes, que se prezam de cortezãos, não podiam deixar de confessar o triumpho mais glorioso!»

Isto devia ser muito festejado na côrte.

De mais sal é a pintura que D. João faz ao seu amigo Cenaculo das forças militares do Pará, no lanço de romper-se batalha com os castelhanos: «A milicia do paiz não cede na disciplina á dos regimentos pagos; e, como todos fizeram brios de se fardarem uniformes, está a cidade uma praça de armas, com quatro fortalezas além das trincheiras em que se monta artilheria. Se de algumas das lagoas de Marajó se podesse conduzir um regimento verde de tres ou

quatro mil jacarés impenetraveis ás balas — por que bem cobertos de concha ou cataphractos, que só podem ser mortos pelo ouvido, como Achylles pelo calcanhar, depois de banhado na lagoa Estygia — seria excellente para acudir a um desembarque de francezes ou castelhanos, por serem muito amigos de carne fresca; porém Deus defenda a todos, e nos gûarde primeiro a nós.»

Imagino eu que o pachorrento e jovial prelado quebrava o espinho das tristezas, que lhe andavam ensilveirando a alma, com uns dizeres galhofeiros, que muito arguem o bom conversador que elle seria na mocidade de Refojos de Basto e Santo Thyrso. Uma freira de Lisboa, D. Antonia Xavier, queixava-se de umas madres sovinas, que lhe não offereciam do seu chá. A isto responde consoladoramente o bispo: «Estimarei que esteja de melhor saude para que não necessite de chá das amigas; quem nega uma chicara de agua quente é capaz de negar um pucaro de agua fria, e tambem tem cara para negar uma divida: o certo é que ha creaturas tão indigestas, que todo o chá é pouco para ellas. Vm.ce deu em ser muito aproveitada, e não faz peior em se desfazer do café, porque em Portugal tomado com leite engrossa muito o sangue.»

Depois isto, seguem umas linhas maviosas e eruditas. A freira lastimava-se de lhe morrerem consecutivamente as irmãs todas. «Não sabe vm.ce,

*

diz o bispo, a que attribua a pressa com que Deus lhe vae levando umas irmãs atráz das outras? A fructa, que mais cedo se faz madura, mais cedo a colhe o pomareiro; isto é aquellas creaturas que nas virtudes se consummaram em breve, encherão a diuturnidade dos annos e a dilação de muitos tempos. Ainda lá, na intempestiva morte de Druzo, fingiu um poeta, que escrevendo elle a Livia, sua desconsolada mãe, lhe dizia:

Não me contes annos: conta
minhas excellentes obras;
obras são cans; nestas sobras
contas d'annos se desconta.»

III

Sendo pouquissimo o que temos descriptivo da natureza e costumes d'aquella região, aproveitemos alguns lanços das cartas do bispo; não esperem, porém, os leitores vezados ás pompas lyricas dos viajantes francezes, ou ao pautado e methodico dos inglezes, achar no estylo epistolar do frade realces que, a meu vêr, idoneo seria elle para usal-os em escripto de mais tomo.

Escrevia ao bispo da Guarda: «Os defluxos me são inseparaveis, sem embargo do clima ser be-

nigno, pois desde as quatro da tarde até nove horas do dia é uma perpetua primavera; em o mais tempo e horas ha algum calor: porém não tem que ver com o que experimentamos nos caniculares em Portugal; e, comquanto esteja dentro do tropico, e distasse do equinocial um grau e tantos minutos ao sul, como isto é um labyrintho de rios com que se acha recortado o continente, o saudavel vapor das mesmas aguas, e a frescura dos arvoredos sempre cobertos, com a viração que ha de manhã, tarde e á noite, faz o paiz temperado e saudavel. Se não fossem as trovoadas em quasi todas as luas, dariam estes alguma idéa do que a terra do Pará era um retrato do paraiso. Verdade é que não faltam por aqui suas serpentes, nem fructa vedada; porém, a miseria dos filhos de Adão em toda parte se acha, visto que o peccado da origem transcendeu pela especie.»

A frei Jeronymo de Santa Gertrudes dizia, quando se estava apercebendo para a segunda visita ao sertão:... «Vou navegar contra a corrente do primeiro rio do mundo, que é o Amazonas, cujo pendor é tão arrebatado, que em quinze minutos se faz viagem de tres leguas no salto do Pongo. Verdade é que tem motivo de se apertarem as aguas na estreiteza de dois montes, tão empinados e horridos, á vista, que quem passa aquelle fatal ponto estremece e desmaia — o que

tem acontecido a navegantes que viram o formidavel cabo de Horne. Para este ponto já dentro dos dominios castelhanos, não navego, mas sobejam-me cá perigos de correntezas e trovoadas, e encontros de arvores, que tombam ao rio, mormente cedros do rio Madeira, os quaes entrando por dilatada bahia ao Amazonas, se topam as canôas, é perigo quasi invencivel. As arvores são tão grandes, que no sertão que vae da villa de Ourem para o Caetí não alcançava o chumbo a grimpa da arvore, e os indios que lá sobem pelos sipós, enrolados n'elles como gatos e macacos, parecem saguís, vistos de baixo. Não se admire V. P.; que isto cá tem coisas monstruosas. Ha cobras aqui tamanhas que engolem um boi.»

Imaginemos a visagem sobre-horrenda que fez frei Jeronymo de Santa Gertrudes!

Quanto a costumes, escrevia ao conde da Ponte:... «Eu vivo com pouca saude, muita molestia de cabeça, maior debilidade na vista, e se me vae exaltando a hyppocondria. Estou bem mortificado, porque a miseria dos costumes d'este país me faz lembrar o fim das cinco cidades, por me parecer que moro, como diz a escriptura, nos suburbios de Gomorra, mui proximos e na visinhança de Sodoma. E assim temo o fogo do ceu no meio das horriveis trovoadas que aqui se escutam».

A um parente, que lhe pedia emprego no Pará para um padre, respondia: «... Devo comtudo lembrar a v. s.ª que se o rapaz é curioso, ou para melhor dizer alguma coisa travesso a respeito do sexo feminino, vem para terra summamente perigosa e occasionada. Mocidades não as devem soffrer os do meu officio...»

A outro primo: «..Ha em todas as villas d'esta capitania um militar ou homem secular a que chamam director; e, poucos exceptuados, são homens sem religião, que tratam os ecclesiasticos como os mouros d'Argel, com insolencias incriveis. Padre que encontra um director bem póde pesar-se a cêra e mais a prata.»

Bom seria que nem pesado a ouro o clerigo se livrasse do director, se fosse do estofo d'um padre Varella, de quem o bispo deixou esta memoria: «Ladrão constante dos curraes do Maranhão, lobo cerval que me assaltou as ovelhas, trazendo á garupa uma prostituida com quem vive.»

Este padre com os outros dois que tinham o «purgatorio na garganta» explicavam cabalmente o inferno dos directores.

Outro mau costume dos indios era não quererem comprar a bulla, em cuja venda muito se empenhava Paulo de Carvalho, irmão do conde de Oeiras. O bispo, explicando a minguada fé dos menoscabadores da bulla, dizia a monsenhor

Mendonça: «as doutrinas jesuiticas estão semeadas na terra». Parece que os jesuitas doutrinavam, em certos pontos luminosamente. Eu n'isto de bullas, vou com elles e com os selvagens do Amazonas.

Um bom costume viçava no Pará: era que ninguem fazia versos. Collige-se do começo de uma carta do bispo a frei Manuel do Cenaculo: «Meu amigo e senhor, parte a nau e eu fico aqui... Valha-me Deus, que principiei a carta em tom lyrico e de outeiro! Pois na verdade, não se ouvem por aqui cantar as musas... N'estes sitios tudo são obstrucções nos orgãos da melodia, por isso é que não se escutam as musas, vendo-se mal substituidas no bramido das onças....»

IV

Dirse-hia que

reinava a doce paz na santa egreja.

Não.

Conflagraram-se odios poderosos contra o bispo.

O libello era formidavel e diffamantissimo. Os inimigos eram os padres ebrios, o vigario geral,

os frades carmelitas, os devassos ricos, á frente dos quaes sahiu um Mathias da Silva Gayo, casado com duas mulheres.

Os frades do Carmo, quer affeiçoados á ordem de negocios e governo ecclesiastico do Pará, transtornados com a extincção da companhia de Jesus, quer despeitados da mitra na cabeça d'um benedictino, ou porque o provincial carmelitano a cubiçasse, ou por qualquer razão já agora ininvestigavel, andavam malavindos com o bispo. Ao irmão do conde de Oeiras se queixára D. João de S. Joseph: «Eu não tenho visitado estas fazendas por me não expor aos desatinos d'esta gente, maiormente padres do Carmo, com quem me não entendo, exceptuando tres ou quatro religiosos de Portugal serios e graves, em que não entra o provincial actual por mais que ore por elle muita gente á força de cacau e de café.» Em carta a um prelado de Portugal diz que tem perdoado ao carmelita intrigante e delator, como se perdoa aos incuraveis que demoram na casa dos orates «sendo o peior não os terem presos, como desejava um cavalheiro de Amarante, que encontrando-se com a serpe na procissão de Corpus Christi em o Porto, metteu mão á espada, dizendo: Sabem que morde e trazem-na solta?!» Prasenteiro sempre o bom do frade, como acastellado sobre a rocha da sua insossobravel consciencia! Dizia elle: «Vou-me calejando na pa-

ciencia; na consciencia não, que a não tenho cauterisada.»

A denuncia não de um, mas de muitos, ao que parece, alcunhara o bispo de depredador dos povos, no valor de algumas duzias de mil cruzados, constantes de multas acoimadas no acto das visitas ao sertão, afóra o levantamento das fianças dos banhos, convertidas em proveito proprio.

Bispos e fidalgos lhe escreviam de Portugal, grandemente aggravados e pezarosos das accusações que pesavam sobre o credito de tão bem-agourado principe da egreja. D. João, respondendo a um prelado de mosteiro de sua ordem, escrevia: «....Agradeço-lhe muito o que me escreve na sua ultima carta; beijo-lhe a mão, e beijava-lhe os pés se podéra, mais que mentalmente. Vou responder. Poderá enganar-me amor proprio ou erro de entendimento; mas, como quem dá a um director conta da sua consciencia, farei confissão sincera. Aqui não ha desculpas: ha contas e obrigação de as dar.

«Dizem que esfolo os povos. Dizem-no todos quantos d'aqui vão. Os honrados tambem o dizem?... [1] Dil-o-ha o Gayo, accusado ao santo officio por duas testimunhas, de estar casado em Campos e no Pará. Dil-o Manuel da Silva, a

1 Escreve nomes de pessoas de cujo parecer elle fia á sua honra.

quem severamente reprehendi, por intervir com sua magestade na collação de um parocho, d'um filho do qual sua mulher é ama secca; parocho que, pouco ha, se concubinou com uma exterminada minha por incestuosa com seu pae. Dil-o-ha... mas para que intento uma inducção? Diga-o todo o mundo; não o diga a minha consciencia. O que ha ahi? Calumnias vagas: a maxima jesuitica inveterada nos tutanos dos clandestinos adeptos.

«Ahi vae das multas. Multei oitenta pessoas por andarem nuas da cintura para cima e a nadarem á hora do meio dia debaixo das minhas janellas, homens e mulheres, abraçando-se publicamente, collarejas e soldados. Esta multa é do meirinho e carcereiro. Do bispo nada. Multaram-se quatro mercadores por venderem ao domingo com porta aberta. A multa é da fabrica da sè. Multaram-se uns marinheiros em umas tantas libras de cera, que manda a constituição, por se não desobrigarem. São multas da sé. Na visita passada não chegaram a 8$000 réis as multas; e n'esta, em que ando ha cinco mezes, nem um real..... [1].

«Vamos á pedra de escandalo em que não tropecei. Dizem que tenho assolado a terra com mandar levantar as finanças ou depositos a ba-

1 Seguem largas explicações inuteis.

nhos. Se o eu fizesse, usava do meu direito; mas, se eu, no principio d'esta visita, mandei perdoar cinco mil cruzados, que se me deviam em Rio-Negro, de fianças, como me suppõem assim todos os que vão de cá?... [1].

«Suspiram pelo meu antecessor... Mas que suspiros! de sorte elles são, que me é preciso mandal-os suffocar na cadeia, por serem explicados em verso satyrico ou libello famoso. Ninguem suspire por mim com tanto que não caia sobre mim o suspiro de Isaias: *Ve mihi quia tacui!*

«Devo dar a V. P. a consolação que sou o mesmo, que fui, limpissimo de mãos, por misericordia de Deus. Não aceito presentes, excepto ao general umà galanteria, e coisa similhante a algum ministro. Ás religiões não aceito propina...

«Aqui d'antes recebiam-se 14 moedas para pôr correntes os papeis d'um ordenando, e outros roubos precisos para sustentar amigas que ainda estando presas eram de noite visitadas... [2].

«Tudo quanto tive na minha vida, reparti-o com os pobres. Quando não tinha, pedia para elles: sabe-o a sr.ª D. Maria Magdalena de Mendonça e muita gente em Lisboa. Sabe-o el-rei, meu senhor, pois fiou de mim as restituições que se lhe deviam, para eu distribuir em obras pias,

1 Expõe com louvavel mas enfadonha miudeza a esmolas que tinha feito de reis 400$000 annuaes, recebendo tão sómente de sua magestade 80$000 reis para ellas.

2 Allusão ao vigario geral Pedro Barbosa.

como se serviu ensinuar-me pelo conde de S. Lourenço D. João de Noronha. V. P. me diz que ás vezes se passam os Alpes. Sim, não se esfriou em mim a caridade; nem os rios m'a afogaram debaixo da linha, nem referveram os miolos como costumam os assucares rosados.

«Segue-se a minha pompa. Dei duas risadas quando cheguei a este ponto da carta de V. P., duas risadas como as de frei Lourenço Justiniano, que não deviam coisa alguma ás gargalhadas do meu amigo o sr. principal Almeida.

«A minha copa importará trez mil cruzados. Assentei que a podia ter, por ler com edificação que muitos prelados desfizeram sua baixella em tal ou tal calamidade do seu povo: isto não se póde fazer sem a ter; assim o praticou na India o snr. arcebispo D. Ignacio de Santa Thereza, a quem então faziam herege os jesuitas, e no voto do conde de Oeiras, que peza mais, foi o Palafox da nossa edade. O estado da perfeição dos bispos são poucos os theologos que o explicam bem. Consultando eu muitos, o que me pareceu melhor foi Soares, o grande, que diz: consiste na disposição do animo para obras heroicas. Preparado estou para offerecer fazenda e vida, sendo necessario, pelo meu povo. Sei o que dizem os canones, e tambem S. Jeronymo, S. Chrysostomo e S. Bernardo; mas, se eu fosse ás alampadas da egreja para acudir, como os francezes hoje, para sus-

tentar a tropa, teria V. P. o trabalho de fazer-me a apologia do ladrão, maior que a de Tertuliano á sua capa. Por agora vou pagando dividas; se morrer antes, fica com que pague, e morrerei menos entalado do que esteve um bispo que V. P. conhece, cuidando que morria, e dizendo a certo conego: «Ai de mim! e as minhas dividas! nunca hei de ter juizo!»

«Reduz-se a minha pompa a dar em dia de missa nova de dois familiares meus, um jantar aceiado com toalhas adamascadas, que tive no Porto de presente; com loiça de Macau que me mandou a sr.ª condessa d'Avila, D. Maria de Menezes, e alguma José Alves de Mira. Appareceu um prato e gomil, salva e bandeja de prata e umas galhetas em talher pequeno, por cuja causa mandei fazer outro irmão, colheres e garfos.

«Invejo ao exm.º snr. bispo conde [1] usar dos de metal: mas, sem especie de murmuração, mais me edeficaria se tivesse decente prata na mesa, já que a cruz do peito não é de pau de caravaca, nem de contas de Jerusalem, nem a pedra do annel de fava de cacau; e evitasse a indecencia com trocar o metal da mesa pelo que falta aos sinos quebrados da sua sé. Cubram-se os filhos sem indecencia da esposa. Mais me edificava se não assolasse o seu bispado, e fizes-

1 Era o celebre D. Miguel da Annunciação das Pastoraes, que o conde de Ociras fez prender.

se como eu este anno visita á sua custa; mais me edificaria se fizesse seminario como o de Braga e não um que entre os episcopaes é o primeiro; mais me edificaria se não andasse em liteira, como fez o nosso v. D. frei Anselmo Gomes; e eu, vaidoso e pomposo, tendo cavallos a 12$800 rs. em Marajó, e seges na terra, ando em um cadaver de cadeirinha, cahindo-lhe a pedaços o forro, porque outra de vidros tem podre a fabrica interior, Emfim, mais garfo e menos finta. Será melhor estar desmembrando egrejas da mitra para o pobre collegio da sapiencia onde estão engrossando aquelles repolhos que Santo Agostinho plantou na horta de Valerio! Cresçam, porém, estes preciosos garfos plantados na egreja, e tenha o snr. bispo conde o que quizer na sua casa... Confesso que, ainda a vista de tanta simplissima e devotissima desordem, tenho-o na conta de rectissimo nas intenções, varão justo, innocente, santinho e de pouco talento.

«Creio que V. P. não prohibe um garfo de prata, ainda louvando a pobreza do snr. bispo conde. Não ha de negar ao missionario do Pará o que se permitte a qualquer monge de S. Bento, mormente destinando o snr. rei D. João v, para uso das visitas, bacias de prata. A minha comtudo é de estanho. Uso do meu habito, com um bordão de pau preto, e fivelas de ferro; prohibi a seda em minha casa e familia; não trago

barrete nem meias de seda, salvo em pontifical. Em rol á parte, direi do passadio de minha casa para lá conferir com o meu amigo provincial do Carmo e vigario geral, quando o vir.

«Achei um docel de damasco carmezim: foi logo para o oratorio; está no altar. O chapeu de sol dei-o para o Santissimo Sacramento a um parocho de egreja que não tinha palfio. O meu docel e cortinas são de materia vil: é lã, sem seda, de côr parda. Cadeiras pretas, outras de palha da terra. Cortinados não tenho. Cobertor um branco; e uma coberta de chita. Conclusão: é falso o assolamento do povo. Das alfaias já disse.

Não ignoro o que se póde dizer de uma e de outra parte; por que tenho lido muito do meu officio. Sacrifiquei o meu Isaac: era o meu affecto a livros. Sei que na primitiva, até o seculo III, se andava descalço; até o de 500 se conservou a barba. Não uso do *peculium clericorum*. Morrerei sem elle. Seja em graça de Deus que guarde a V. P. por muitos annos. Gurupá, 28 de março de 1763. *Fr. João.*»

Da fluente e desempeçada conta de sua vida, transluz, se não me engano, virtude sem biocos, espirito de christão e bispo, certo não propenso a sanctidades nem ageitado para milagres, mas o bastante para não macular a mitra que, dobados annos, assentará na fronte de Caetano Bran-

dão, o mais glorioso vulto das christandades lusitanas.

Quando o accusavam de faustoso, fr. João de de S. Joseph pedia a el-rei que convertesse na catequese dos indios os 600$000 réis do seu ordenado, subjeitando-se elle a viver das benesses das sua mitra.

O bispo enviava do Pará mesadas a religiosas pobres e a tias residentes em Matozinhos. A umas primas necessitadas que lhe pediam soccorro para costeio de demandas, escrevia frei João: «Bem cuidei que dentro em tres annos poderia desempenhar-me: enganei-me. Pedi 5$000 cruzados a dois negociantes d'esta terra. Foi o mais d'este dinheiro para desempenho do que lá fiquei devendo. Tive a infelicidade de ainda me lá não pagarem as lettras a companhia.» Conclue enviando oito moedas ás primas de Caminha, e consolando-as com lembrar-lhes uma irmã de frei Bartholomeu dos Martyres, freira em Lisboa, á qual o primaz e senhor riquissimo de Braga dava annualmente uma moeda.

As defesas do bispo, accusado na côrte, malsinado ao conde de Oeiras, desdoirado na opinião dos seus proprios amigos, não vingaram desfazer a intriga do provincial, dos carmelitas paraenses, mancommunados com o vigario geral do Pará e com alguns prelados da metropole.

Ao recolher-se da segunda visita, escrevia n'es-

tes termos a Nuno da Cunha d'Athaide: «A carta de v. s.ª, que ultimamente tive a honra de receber, me acha na situação e vesperas de me transportar para Portugal, em virtude da ordem que recebo de S. M. F. em carta firmada de seu real punho. Sendo esta solução suspirada para mim, as circumstancias me devem persuadir que eu não atinaria a servir como desejava. Mais me deve penetrar na consideração de que ministerio tão illustrado não é facil padecer obrepções, de que nem os principes se isentam alguma vez: fio, porém, que em caso de ellas terem logar, farão o tempo, e os honrados amigos, e sobretudo Deus, a minha apologia...»

Em 15 de outubro d'aquelle anno 1763, escrevia o bispo ao seu collega do Maranhão. As affrontas tinham-lhe já vergado a rigidez do animo. «Bem quizera eu estar aos pés de v. ex.ª —, dizia elle — para com as suas santas doutrinas levantar o coração, não sei se abatido, porém certamente cercado de afflicções.»

Na noite do dia anterior, os aguasis lhe haviam entrado em casa e sequestrado os papeis existentes no quarto do escrivão da camara. Diz o consternado bispo: «Não se lhe achou cousa de suspeita; só sim dever tres ou quatro mil cruzados, que constam dos escriptos apresentados pelos credores. E' horrorosa a idéa que se tem dado do clerigo á côrte. Se as contas saem verda-

deiras, é um monstro; porquanto lhe imputam e consequentemente a mim, que só de multas se tirára na visita 32$000 cruzados.»

E prosegue, depois de explicar sua innocencia, com os já expostos argumentos ao prelado do reino: «Chegaram a esta terra novo general o snr. Fernando da Costa de Athaide Teyve, para Matto-Grosso o snr. D. João Pedro da Camara, e um inquisidor e visitador apostolico... Cortejei estes senhores; porém, só do inquisidor recebi uma visita de attenção, e outra de officio para assignar um termo..»

Remette copia da carta del-rei, chamando-o a Lisboa, e observa ao bispo do Maranhão: «Do emphatico da ordem infira v. ex.ª como terei algumas vezes inquieto o pensamento! Devo dizer a v. ex.ª que se diz aqui que os denegridores do meu credito andam como fóra de si temerosos da rapidez do lance e do meu informe, que lhes não convinha fosse tão depressa... Como vim empenhado de Portugal, pedi cinco mil cruzados, que remetti, e para não ir para o reino com as plumas de calote, mandei vender os meus trastes, em que entram até os comestiveis, por não ter com que pagar passagem nem preparar-me. Conservo alguma prata com que, chegando a Lisboa, extinguirei toda a divida. Com tudo isto dou a Deus infinitas graças, e a v. ex.ª rogo-lhe me ajude para o mesmo effeito, para o Senhor me dar cons-

tancia n'esta que o mundo costuma chamar fortuna adversa, e eu julgo ser providencia altissima do Senhor; que para honra e esplendor de sua santa egreja, basta que conserve a v. ex.ª e a outros benemeritos, no santo ministerio em serviço seu.»

Ao governador maranhense dizia na mesma data: «Por ordem de S. M. me recolho á côrte onde seguirei o destino que a Providencia arbitrar. Se me mandarem para o meu mosteiro (visto que para os mosteiros se mandavam os maus bispos algum dia) receberei como o favor o castigo.»

Não lhe estava reservado esse bem, se o era...

Embarcou o bispo em 24 de novembro de 1763.

Desembarcou em Lisboa, e foi á portaria do seu mosteiro. Acolheram-no uns frades com menos-preço, outros com piedade. Sabiam todos que a deshonra d'aquelle filho de S. Bento era irreparavel.

Poucas horas depois, frei João de S. Joseph recebia do governo ordem de se recolher como desterrado ao convento de S. João de Pendurada, Entre-Douro-e-Minho. Ordem urgente e de cumprimento immediato, ordem como as dava o conde de Oeiras, o seu *velho* amigo Sebastião José de Carvalho.

S. João de Pendurada!

E' aquelle mosteiro triste, empinado n'uns rochedos que se debruçam sobre o Douro. E' lá em cima no monte d'Arados, onde as neves hybernaes requeimam as raizes do bravio para que alli não floreçam os gestaes em abril, nem as tojeiras no dezembro se dourem com os seus festões amarellos.

Que desterro!

Alli entrou o bispo, precedido da noticia de sua infamia e desgraça.

Era em fins de janeiro de 1763.

Que lugubre lhe choraria tudo em volta d'elle! Uns frades suspeitosos, cuidando que o consolarem o desterrado lhes acarrearia lenha e betume para os supplicios eternos. Uma casa escura, silenciosa, cheia da toada gemente do vento a sibillar nos velhos vigamentos!

E alli, elle o frade fidalgo da côrte de D. Maria Anna d'Austria e de D. José I! O commensal dos duques, dos condes luxuosos, feitos na côrte do Luiz XIV portuguez! Elle, o amigo, o convivente dos Cenaculos e Barbosas, alli, em meio de sandeus e fanaticos, que o fugiam como de leproso, a quem o governo, sequer, não concedia defender-se...

Que fazia? agonisava.

Mas, ainda assim, com a morte sobre o seio, seio robusto de cincoenta e tres annos, que longos paroxismos!

Viveu oito mezes. Morreu em 15 d'agosto de 1764.

Conformado? resignado? As cinzas sei eu que dormem pacificamente na claustra do mosteiro triste, ha mais de um seculo, se é que o arado as não remecheu para abrir ao travez das ossadas as hortas de que se nutrem os viscondes d'Alpendurada, actuaes senhores do mosteiro.

Pobre bispo! com que amargura eu leio as tuas *Memorias*, escriptas nos teus ditosos dias de frade, querido de rainha e de grandes senhores!

E depois, quantos ingratos a cavaram-te a sepultura!

Os teus frades da Estrella, esses propriamente a quem do Pará mandaste dez caixões com os teus livros e ricas madeiras para as suas estantes, esses te resariam um «pater» pela alma?

Quero persuadir-me, atormentado espirito, que Deus, para te acolher a si, dispensaria a introducção dos frades.

V

Agora, uma pergunta alegre a v. ex.ª, leitora, se livro d'esta natureza póde gabar-se de a ter:

— Quando v. ex.ª cobre os seus hombros com um lencinho branco, no louvavel intento de corrigir as demasias do seu vestido muito despeito-

rado, acaso pensou no inventor ou inventora de tal moda, a moda do lencinho no pescoço?

Foi um frade, minha senhora, foi um frade bento, foi D. fr. João de S. Joseph, cuja biographia filtrou ao cerebro de v. ex.ª essencias nicotinas de que o seu bocejar, como espectaculo de formosos dentes, me está dando, se não lisongeiro, compensativo jubilo de a ter acalentado para um doce dormir.

Foi o meu frade que inventou lencinhos brancos no pescoço das damas da rainha D. Marianna Victoria, esposa de el-rei D. José. Aqui tem v. ex.ª quando e como. E' elle o modesto epico da sua invenção n'uma carta a fr. Manuel da Penha.

«...Devo dizer a vossa paternidade, que, havendo de sahir com as suas damas, pela primeira vez, a rainha fidelissima, pude eu persuadil-a a que sahissem com lenços brancos em os hombros, de sorte que se recatasse quanto descobrem os decotados. Quiz Deus que pegasse a moda; e d'aqui póde vossa paternidade inferir o meu modo de pensar á vista das sensiveis provas de oitenta prisões que mandei fazer por escandalosa desnudez...»

Será permittido e rasoavel conjecturar que as damas, cujos eburneos hombros o frade fez esconder, se conjuraram depois contra elle, bandeadas com os inimigos? Por menores despeitos,

vinganças maiores fizeram estrondo na historia. E depois que zanga não ganhariam ao frade os afeminados cortezãos de D. José I! Eram já serodias as austeridades do inventor do lencinho branco! De mais a mais, elle, que tão de fundamento conhecia os usos e costumeiras do seu tempo, como v. ex.ª vae ver nas *Memorias!*

PREFACIO DO EDITOR

Não sei que livros portuguezes disputem a primasia e originalidade d'estas *Memorias*. Fr. João denominou os seus escriptos *Miscelaneas;* mas melhor lhes quadra o outro titulo. Não me dispenso em encarecimentos do livro que se offerece a juizo publico. Seria isso reprehensivel e mal disfarçado modo de ensinar o leitor a ver o valor das coisas. As defezas e gabos são opportunos quando a crytica ignorante, desfazendo nas boas obras, suscita a necessidade de acautelar a boa fé dos indecisos.

Algumas paginas do volume manuscripto não se estampam. Cancelei-as em favor á memoria do bispo, em consideração aos netos dos contemporaneos do frade, e com respeito á honestidade de quem lê; bem que tal respeito custa ao leitor privar-se de rir á desgarrada das facecias rabelaicas do monge no mais florente da vida. Quem as lesse e entendesse ficaria scismando no que seriam as praticas clautraes de uns sujeitos, que tão lindamente monologavam e punham em escriptura o pensamento.

O manuscripto foi começado em S. Thyrso, talvez ahi pelos vinte e poucos mais annos do frade, continuado em Lisboa e no Pará com apontamentos de viagens, e suspenso no derradeiro anno de vida do author.

Onde o bispo do Pará morreu ahi ficou o manuscripto e o copiador das suas cartas. Em ambos ha vestigios de folhas arrancadas. Elle seria quem as arrancou, se não foram os monges de Pendorada em impetos de pudenda colera contra o archivista de vicios porventura incriveis áquelles castos sujeitos.

De Pendorada ou Alpendorada, como hoje dizem, passaram os manuscriptos para o mosteiro de Tibaens. O cardeal Saraiva viu-os e com seu punho escreveu no alto da primeira pagina: *Mss. de D. fr. João de S. Joseph, bispo do Pará.*

Não ajuisou por intuições ou tradicção; que author, na correntesa do seu ora alegre ora melancolico trabalho, diz quem é.

Para a urdidura da biographia anteposta, além das especies auferidas da correspondencia, consultei um dos prestantes e mais doutos litteratos d'este paiz: o snr. conselheiro José Silvestre Ribeiro. S. ex.ª acudiu-me onde mais carecido me viu do seu auxilio, apontando-me o local, anno e dia da morte do bispo desterrado. O snr. José Silvestre Ribeiro sabe muito e conhece os variados e escondidos mananciaes de factos,

que malogradamente rebuscamos nas bibliothecas. Não será este o ultimo testemunho que eu publique da minha gratidão ao abalisado escriptor, para quem as lettras são um culto virtuoso, e o ensinar um praser que se lhe conhece na promptidão de suas informações.

Appenso ao manuscripto da *Miscellanea* está o de uma viagem ao sertão por lettra do bispo. Não é de certo a viagem publicada na *Revista Trimensal do Instituto* do Brazil, tom. 3.º pag. 43, 179 e 476. Esta não vi eu; mas sei que é a *Visita* de 1762 e 1763. A manuscripta, que eu tenho, é de 1761. Affoitamente a publicarei como inedita, se as *Memorias* não avolumarem muito. Do descaminho da copia d'esta primeira visita ao sertão se queixava o bispo, enviando outro treslado a fr. Manuel do Cenaculo. Se ella sair d'esta feita, hão de lá topar bastantes motivos para o desterro de quem desenbuçadamente se atrevia a censurar o governo de D. José I. Graças ao conde de Oeiras, que antepôz o desterro do censor mitrado á Bastilha da Junqueira, como o bispo denomina as lôbregas enxovias do rancoroso valido. Em Pendorada, ao menos, foi permittido a D. fr. João de S. Joseph Queiroz morrer, e espirar o ultimo alento aos pés de um Christo.

MISCELLANEAS

AUCTOR

QUEM O QUIZER SER

Que isto de collecções dá pouquissima gloria, excepto o que se põe de casa, como v. g. nas collecções de Concilios as reflexões de Aguirre, de Lubbe, Harduino e Baluzzio, — si licet in minimis exemplis grandibus uti. —

DEDICADO

Aos ociosos. Ás ociosas não: dedicatoria a essas é a carta de Francisco Xavier de Oliveira, tom. I, pagina que escusa o leitor de lêr e a leitora tambem.

S. TYRSO, EM FERIAS

Para tudo sobejava o tempo; porque os velhos para uma parte; os moços no coristado: a gente média a estudar sermões, e os mais sempre bem occupados.

LICENÇAS E CENSURAS DE D. FRANCISCO DE QUEVEDO VILLEGAS

Lean sin escrúpulo este libro: nada tiene contra las buenas costumbres, pues solo habla en filosopho moral y christiano contra las malas; yo lo hize mejor, pero fui mal succedido. Ojo avisôr e salga lo que saliere. De mi estudio. *Salvo semper melioré.*

DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

Como toda a minha vida foi collecção de trabalhos, em, vendo collecções, vou a consolar-me. Desenganei-me. Entendi achar tristezas, empenho, lances tragicos, emfim um tomo de *Persiles y Sigismunda*, mas os encontros desatinados d'aquella obra do engenhoso Cervantes compostos em satyra das Novellas (como o foi a obra das quichotadas para desterro dos livros de cavallarias) tem, senão similhança, supplemento; porque maior encontro de especies não o ha nem em Suppico. A obra é um xadrez de côres, mas sem murtas que as ordenem em um plano; é um *macarrone* italiano. Leia quem gostar por sua ordem as desordens do author, que me parece ha de ser enfermo porque vae gastando o bom humor. Torre de Belem ou de Babilonia, sobre cujos

rios chorava ou cantava: *Sobre las olas del Tago...*

Melodino.

DE TRAJANO BOCALINO

Oh! oh! mi piace questa composizione! Ne' miei raglagli, farò (come diceva un insensato de soprafino discernimento) farà cantar la musa al suon dell'arme e dell'Apollo, senza cetra. C'è del'sale, è saporito al mio paláto, è benissimo. Salvo etc... e per questa volta senza la verga censoria.

Bocalino.

DE VOLTAIRE.

Une bizarrerie si marquée dans l'esprit d'un savant écrivain, bien que petit auteur, mérite bien des éloges. Les bornes que je suis obligé de me prescrire dans cette critique ne me permettent pas d'appuyer le style, l'art avec lequel il a enchaîné le choix par tout et le gout. Et après un tel examain on pourait décider d'après le sentiment. Je crois qu'il me suffit de l'indiquer à des lecteurs éclairés et sans prévention. A Genève.

De Voltaire [1].

1 As ficções de Quevedo, Bocalino e Voltaire são imaginarias compostu-ras do author, vaidoso de compor em idiomas estrangeiros. A de D. Francisco Manuel me parece boa imitação. Segue-se outra, que omittimos por mui comprida e elegantemente latina, subscripta pelo bispo Osorio. N'este ultimo idioma, o frade de S. Thyrso sobrepujava o conhecimento dos tres em que estadeou a sua sciencia polyglota.

LICENÇAS

Suppõem-se dadas ou tomadas, se parecer ao mestre do sacro palacio de Apollo; entendo será Mercurio ou Esculapio, por mais espertos e escolhidos do numen, que de quando em quando os inspira. Uma palavrinha aqui sómente: Licenças antes da dedicatoria e prologo? Sim senhores. Então que tem? queriam-nas no rabo do livro, como fazem os francezes? Não estamos de todo á franceza; nem Cicero escrevia sempre *more attico*, isto é, á grega. Por isso tambem antes do prologo não pedimos licença aos ociosos para lhes dedicar a obra, que tambem é da moda: fique uma por outra e sempre coherentes. Além d'isso que queriam? que faltasse ao caracter de *Miscellanea?* Esta é como a olha fervendo em tempo de inverno: nabos para cima, toucinho para baixo, gallinha aqui, acolá perdiz; lá apparece carneiro; lá rebenta um padaço de boi; emfim sae o todo substancial d'uma podrida, com quatro tomates ou pimentões castelhanos. Mantenha-se, pois, o caracter até ao fim, que assim faziam Plauto e mais Terencio, e por isso Molière, Corneille e Voltaire são muito louvados. Corra a obra com toda a sua gravidade caracteristica. Segue-se o

PROLOGO

Foi equivocação: é *Dedicatoria*. Succedeu-me o que a um guardião de S. Francisco. Lia um frade ao refeitorio a Chronica do padre Esperança; e como lá se diz «no convento da Conceição de Matosinhos», o corista, que era de Lessa, não levava á paciencia que ficando no districto d'este logar se lhe não désse o titulo. Lia: «no convento da Conceição de Lessa». O guardião dizia: «Não é Lessa, é Matosinhos.» Teimaram seu pedaço de tempo, cada um pela parte que lhe tocava. Eu sou docil: accommodo-me logo. Não é prologo, é

DEDICATORIA

Aos varões de ferro, digo, aos ociosos que toda uma tarde estão com os olhos espetados, sem se moverem de um logar, estuporados de preguiça, sem bolir mão nem pé, saude e paz por modo de *requiem æternum*.

Amigos, a vocês se encaminha esta arenga como uma bala; e ainda que dando em ferro frio não abra brecha, vá sempre este tiro d'amor encaminhado a dissuadir muita gente, que só cuida em fazer numero n'este mundo; e não se met-

tendo em resta com os sabios, póde[1] completar, á urca, os milhores tiros de mula. A vocês, inimigos da letra redonda, dirigem minhas vozes seu impeto, com susto de que no lethargo em que se acham, nem voz de Estentor os espertará. Se n'esse torpor vocês sentirem o sarjar da lanceta, bom signal é, e haverá esperança de que saltem do charco do ocio, da sepultura da inercia, rotas as ligaduras da preguiça, Lazaros podres, não de quatro dias, mas de muitos annos.

A vocês offereço este assucar rosado: devorem, e verão que, sendo doce na boca, póde ter effeitos purgativos como *pirolas* de Clericatto capitaes, arrojando da cabeça muitas preoccupações ou prejuisos. Entre as flores não ha aqui haspide que morda, quando muito, mosquito trombeteiro que por modo de melga accorde e faça arder algum tanto. O meu sal não é corrosivo, nem Seneca o estoico o approvava d'outro modo; porém, tal qual é, póde aproveitar a algumas cabeças, posto na moleira dos que as tem vasias, como a da estatua que viu a raposa no tempo em que tudo fallava. *Oh! quale caput! sed cerebrum non habet.* Assim o escreve Horacio, que, ainda que doente dos olhos, não duvidára affirmar que viu o caso; nem Homero, ainda que cego e dorminhoco, ás vezes.

1 Emendou á margem: «podendo fazer honra á humana especie...»

Se alguma coisa for aqui ardente, lancem o fogo ás barbas do visinho, que é politica da Europa pela caridade heroica do equilibrio; e então ficam vossês de remolho, aprendendo nas barbas dos outros. Salvem-se vossês, e arda Bayonna. Que caiam ou não caiam as torres de Valhadolid, que se lhes dá a vossês d'isso? Aproveitem-se e curem as feridas proprias com os pós sympathicos nas cabeças d'outros, que é remedio de grande fé entre authores, que Deus N. S. vae tirando da republica; mas sempre ha de ficar algum para divertir emquanto a physica for tão essencial como nà theologia o transito do conceito, de que tanto proveito aufere a republica litteraria por beneficio dos jesuitas *ad majorem Dei gloriam.*

Eu não sei se fallo com gente de casa, se de fóra; se com esta ultima, e é d'aquelles doutores de gasetta e ainda de uns estafermos de café que não são ainda bachareis: se é cedo para assembléa, leiam. Isto bem sei que não é palha e cevada; porém, válha o que valer, é melhor pasto do que ouvir a algum companheiro historias do general Dunquerque e do mouro bravissimo chamado Lepanto. É sentido no fallar nas qualidades do chá de Macau; porque se se fallar no Ayson, não cuidem que é author inglez de relogios como Taylor e Marchan. Se fallo com gente de casa, isto é para vossês se divertirem e occupa-

rem algum tempo. Não occupava o padre mestre N. as suas horas em sustentar, ouvir e limpar com tanta edificação quarenta lavercas? Imitem, seja do modo que for, o bom estilo de desterrar a ociosidade. Leiam, que é melhor isto que em o mosteiro de Santarem gastar o tempo do silencio em dar com o pé na taboa da janella e com a chave na mesma, chegando pela continuação a fazer um buraco. Se um d'estes martellasse na cabeça com o triste Larraga, sabia definições moraes ao menos. E não se veriam envergonhados muitas vezes ao serem perguntados, como meu primo D. Caetano de Santa Maria, collegial theologo em Grijó, que, inquirido por meu tio o padre mestre frei Ignacio de Jesus, «que materia postillava na aula?» nem soube nem entendeu, sem passar a resposta do seguinte: — Materia?! Como que materia?!

Vossês estão mortos por saberem quem eu sou. Aqui em segredo ao ouvido... Sou eu. Achava-me em vinte e quatro de edade, quando juntei a maior parte das especies, tão disparatadas como as cinco do Universal. Andava melancolico; tomei este divertimento por eutrapellia, que é uma coisa assim chamada no «tractado das virtudes» de S. Thomaz. Declaro isto aos leigos; não por que elles não tenham heroicas e fortissimas eutrapellias: mas para não traduzirem a palavra em *outra pelle*, como fez um irmão que se que-

ria ordenar, e no exame traduziu aquillo: *Vidit Dominum facie ad faciem*, viu um homem que faz e desfaz. (Já houve quem disse *Deum de Deo*, dê onde der.) Ao outro pareceu-lhe acertado assim, por ter prelados d'aquelle caracter de fazer e desfazer. Leiam, já que nem santos padres nem historias lhes entram. Leiam, meus ociosos, mas que seja Gasetta, se algum visitador da ordem as não prohibir; porque além de poder tirar fructo da sua lição para desengano do que é o mundo (quando até das Eclogas de Virgilio fazia pontos de meditação um meu bom amigo, e seriam para ver, sobre a lição do *formosus pastor* Corydon, as mysticas reflexões de espirito purgado) e para conhecer o mesmo mundo, pois logo saberão o que ignoravam. Se nos «Mercucurios volantes» ou gasettas lerem o 1.º capitulo que pela maior parte é propriedade de Montarroyo, se lerem ao menos isto, virão a entender que a casa ottomana não são as secretas de Rendufe. Será isto allusão? E'. No collegio do mestre frei Sebastião de S. Placido fez-se uma dança de mouros e christãos, e frei José de S. Bento fez o seu papel de sorte que para toda a vida lhe ficou impresso o caracter de conhecido de *turco*, sendo aliás bom monge. Um hospede que viu a funcção, querendo saber do cubiculo ou casa onde estavam os da dança, para se despedir em arabigo que é melhor do que em latim, pergun-

tou pela casa ottomana. Um innocente o encaminhou para as «necessarias» cuidando teria algum recado que dar de assento. Ficou o hospede sem dar embaixada nem fazer cortesia á porta, porque deu com um conductor que merecia ser baxá de tres caudas, por levar os narizes do hospede aos oculos da casa...

Tomára já acabado isto! Vae-me saindo longa a dedicatoria; mas ahi está a do cardeal Cienfuegos na vida do santo Borja. Bom arbitrio! divida-se a dedicatoria em duas partes. Novidade! E, se não, (maior novidade) divida-se a dedicatoria em tres jornadas; que eu já vi comedias em prosa — Deus perdôe a Camões I e a Camões II, o padre Martinho da Congregação, ou o monteiro mór do reino. O primeiro fez comedias em prosa; o segundo entremezes em verso [1].

---

1 Não ha noticias de se estamparem os entremezes do padre Martinho.

SEGUNDA PARTE DO PROLOGO

Ainda que me digam os hespanhoes com grave accento

Que el artifice es falto de juicio
Que haze el portal mayor que el edificio

importa pouco; porque sem embargo da porta da egreja do mosteiro de S. Romão poder servir em a de Mafra, Escurial, Westminster e Basilica de S. Pedro, ainda até agora não sáiu o mosteirinho pela porta fóra. Nem mais nem menos. Que importa que no edificio d'esta obra se vejam duas portas, se por ellas se entra com desembaraço, sem perigo algum de sair nada para fóra? E reconheçam o affecto com que ainda n'isso procede a minha attenção agradecida no dobrado obsequio de um prologo bipartido, que serve de fachada a uma obra tão singela. De longe se verá o affecto não menos do que se divisa o Parnasso com os dois cumes bautisados na Aganipe. Acceitem estas expressões correntes e claras como a agua que o rustico offereceu a Xerxes, em si-

gnal de que daria mais se tivesse: porque até falta o tempo para bater na testa, ainda que ás vezes respondem de dentro: «não está em casa o engenho». Falta o tabaquear que ajuda muito a compôr, espirrando descripções ás vezes, que parece sevadilha da mais irritante, dos mamillares do orgão do olfacto. Falta o roer as unhas, grande fonte de consoantes, fertil campo de alegres despropositos; mas o author não faz coplas por officio, e só de curiosidade, como o conde Lucano, que disse, perguntado: *Hazeis coplas.*

Sy senora
ni siemple que no haya una,
ni tan loco que haya dos.

Acceitem o meu obsequio, e usem d'elle com judiciosa critica, e para que não succeda algum desproposito, lembro um de Gaspar Pires de Rebello, author da *Constante Florinda*, e de um tomo de novellas. No prologo d'estas li eu, sendo rapaz, uma coisa assim: «Leia a casta donzella estas novellas como abelha que de flores faz doce favo, aprendendo a ser com seus amores constante.»

Este clerigo deixou o seu espirito dobrado ao P. frei Lucas de Santa Catharina, que no *Serão politico*, se me não engana a memoria, pois o li ha bons annos, diz assim: «Pobre e esquecido

da fortuna era Crates philosopho, e poderam suas prendas captivar a Epárchia Maronea, formosissima grega, que por seguir namorada os seus estudos deixou a nobre opulencia de muitos desposorios.» Conclue o santo padre com o seguinte epiphonema: «que nem sempre nas mulheres ha de reinar a ambição: alguma vez ha de reinar o bom gosto.» Bella moralidade de costumes se tirará de taes maximas...

Para que não succeda pois, que quando eu pretendo concertar erros, alguns, sem attentarem no mel da abelha, se valham de ferrão critico como se qualificam, em vez de sair instruidos hajam de sair murmuradores, deixando flores e colhendo espinhos, fazendo-se fabricadores de eculeos pungentes, que são a parte da caridade, conforme diz Affonso Rodrigues, lembro que aqui se ponderam erros, se criticam ditos, da mesma sorte que nos mappas e cartas de marear se mostram os baixos e sirtes de que se deve fugir; aliaz o contar como um homem cahiu do cavallo, será para os leitores se deixarem ir pelas orelhas ou pela garupa fóra. Nas historias divinas descreve-se o adulterio e homicidio de David, a curiosidade e desatino dos velhos de Susanna; mas nada d'isto é para que se tome o oculo, e estejam a gatear as trapeiras da visinhança, ou os descuidos da decencia ao descer a dama da seje, quando apparecer de cothurnos á tragica em

postura de dança alta *a lo grulho*. Nada menos.

Onde vae aqui o caracter da Dedicatoria? Não reparem em bagatellas. Além de que nunca vossês ouviram dizer que Calderon, Lope, Mureto Salazar, Solis e outros, erraram o caracter d'este ou d'aquelle personagem? Pois assentem que errei o heroico caracter d'esta magnifica Dedicatoria. E, se apertarem muito, direi que não errei, diante de Milton, de Adisson, de Schakspeare e de outros inglezes que sabem da poda; porquanto, sendo esta obra mosaica, isto é miscellania de embrechados, veste-se de muitas côres como capa de retalhos em tempo de mascaras ou theatro de Paris. Mas, para resalvar de escandalo, desempenharei o caracter especial prologetico. Ahi vae: A quem, se não a vossês, na ociosidade heroes, se devia offerecer este bazulaque em ocio concebido e em ocio guisado? Defendam-no, pois, de dentes e linguas inimigas e malignantes. E, se não fôr contra o ocio, façam alguma coisa que sirva á posteridade de certidão de que viveram. Abram a bocca e digam batendo as palmas, como emfim de glossa de outeiro, e de aria cantada: «Que viva! Bravo! etc.» Quando não, fallem por signaes de exercitatorio, inclinando a orelha a modo de quem approva, cabeceando a uma e outra parte como conego que entra em côro, ou acolito que incensa o povo. E,

quando não, façam cara de quem toma remedio de centaurea menor e deixem-se ir como quem vae por agua abaixo; que, se se virem perdidos, com lançar mão, nas conversações, de ramos varios, que lhe ministra este tronco, escaparão; e sejam agradecidos á Providencia, mais do que o biscainho de quem se conta na «Floresta Hespanhola» que, virando-se-lhe o barco, esteve a sua fortuna em dar com um ramo de arvore a que se agarrou, e viveu. «Dá graças a Deus que te livrou!» diziam os outros. Elle respondia: «*gracias doy al gancho que quanto la voluntad de Dios ya yo la tenia visto.*»

Forte simples! sempre os ha e ha de haver! Todo mundo é Biscaia; no meio de Lisboa se encontra como as cesões da Sardenha em o Tybre. *In medio Tibure Sardinia est*, disse um antigo.

Segue-se fallar nos zoilos e aristarchos. Defendei esta obra das linguas que até chegam ao céo; defendei-a dos zoilos, assignalados pela lingua, melhor do que em Marcial pelo cabello arruivascado, boca livida pela inveja, torto d'um olho, *lumine fuscus*.... Agora vão os signaes dos aristarchos: cabello branco, de cão que toda a vida roeu osso que lhe não passa da garganta, uivando e escumando; boca sorvida de muito apertar os beiços, que não saia por descuido algum flato de elogio a impulsos do movimento pe-

ristaltico com que se lhes inquietam às entranhas, vendo os outros applaudidos. Não lhes vejo remedio; e, quando a medicina os não tem, diz Hipocrates que se recorra aos deuses: *Ad Deos recurrendum.* Pé grande, de marca e fóra da marca, pé de Barcellos, e cujo sapato — como os do licenciado Cabra na Historia do gram Tacaño de Quevedo — póde ser tumba d'um felisteo, porque os irmãos aristarchos, que á vista do luzimento dos outros se entristecem e dão um riso amarello, desfazendo e cerceando-lhe o applauso, e até rebatendo nos quilates dos premios, louvando umas coisas ligeiras, omittindo as solidas, de probidade, litteratura etc., se creia que fazem justiça com grande acerto — artificio de infernal inveja — e tudo encaminhado a metter n'um chinello a quem não podem egualar em meritos e fortuna; por isso desejavam vampirar-lhe o sangue, seccar-lhe os ossos e fazel-o tão pequeno que dentro do seu sapato coubessem ambos, pé e homem, para o trilhar, calcar, desprezar e abater. Não me defendam vossês d'estes porque a obra não é dezargunchar invejas. Nova idéa me occorre: digam e tornem a dizer mal, porque d'ahi me virá honra e elogio depois. Muita pena teria eu, dizia o snr. Malheiros, bispo do Rio, ao Mestre***, se você que diz mal de todos dissesse bem de mim. E outro cavalheiro fallando com Aristarcho seu patricio: «Senhor fu-

lano, a mim me dizem que vossemecê, fallando mal de todos, diz bem de mim: falle de mim como dos outros, aliaz corto-lhe a cara.

Antes me parece que pódem os ociosos entregar e recommendar esta obra aos aristarchos; pois como estes tem unha de gran-besta, não morrerá a obra de gota coral; posto que ella morra agora de repente porque se acabou o papel.

MEMORIAS-MISCELLANEAS

§

MANUEL DE FARIA E SOUSA

Manuel de Faria e Sousa foi satyrico e aos poetas fez uma enorme satyra. Cahiram-lhe em cima da sua Fonte de Aganipe, chamando-lhe *ran de charco.* O peruano, que vendicou Gongora de Faria, reparou que, fallando este de Petrarcha, dizia:

El famoso Petrarca
De lyricas canciones Patriarcha,

diz o hespanhol: *esto es como se dixeramos:*

Salustio Chrispo
De romanas historias Arçobispo;

REFLEXÃO

Manoel de Faria estudou philosophia no mosteiro de Basto, sendo creado ou afilhado do snr. frei Gonçalo de Novaes, que o favoreceu muito.

Namorou-se da mulher com quem casou em terça-feira maior. Foi para Madrid onde morreu. A viuva deu com os ossos d'elle em Pombeiro, e tinha-os em casa mettidos em um sacco. Dizia-se que lhe fazia seu anniversario em casa, pondo-se a chorar á vista d'elles. Linguas praguentas adiantaram o conceito enormemente cruel, suppondo as lagrimas de crocodilo á vista da caveira sem carne. Os padres benedictinos persuadiram a mulher a que deixasse descançar aquella ossada na egreja de Pombeiro. Puzeram-os juntos á pia da agua-benta com um epitaphio em verso errado. Quererá Deus que no juiso final o horror da conta lhe faça não reparar nos numeros do epitaphio, aliás alguma critica levariam os padres bentos, a quem, devendo o Faria tanto, nunca fez um elogio que chegasse á nossa noticia. Aos cavalheiros de Basto foi pouco favoravel a sua penna. *Requiescat in pace.*

REFLEXÃO DA REFLEXÃO

Disse que aos cavalheiros de Basto foi pouco favoravel a sua penna, quando nas composições lhes chamou *Cavalleros de la pluma,* tratando-os como podia Cervantes a D. Quixote, ou Torcato Tasso a Amadis de Gaula [1]. Póde ser, sem teme-

1 Esta correlação de Torquato Tasso com Amadis de Gaula, se não é equivocação do erudito frade, é referencia que não percebo. Quereria referir-se a Bernardo Tasso que parodiou o «Amadis de Gaula.»

rario juiso, que algum d'estes cavalheiros desfizesse algum aggravo e indireitasse algum torto, se elle menos rectamente olhasse para alguma criada, e d'estas queixas talvez nasça a quixotada *de la pluma*, bem entendido que era capaz em Basto, e com menos annos para fazer o mesmo que no Porto, pois acompanhando ao bispo, de cuja familia era, e ajoelhando a fazer oração em terça-feira maior, ajustou-se com uma dama, com quem depois casou. Os cavalheiros de Basto são summamente attentos, nem usam faltar ás attentações; sentem faltarem-lhe, e não merecem a applicação d'aquelles de quem se faz menção no psalmo: como alguma vez observei se lhes fazia, por muitos que não nasceram com tanta honra como a maior parte dos cavalheiros de Basto, honradores de todos, e de quem todos christã e politicamente devem ser honradores tambem.

§

PRÉITO AO DINHEIRO DOS JUDEUS

Escandálisava-se muito um cavalheiro portuguez de que o conde de Tarouca João Gomes da Silva e o duque de Ossuna D. A. Girão assistissem á circumcisão de um judeu por obsequio a Pinto, homem de nação e extração portugueza, o qual casára sua filha com o barão de Suar-

so, a quem deu em dote vinte e dois toneis de dobroens, contando cada tonel cem mil cruzados.

REFLEXÃO

Dado que o judeu sabia que os dois eram catholicos romanos e não seguiam o seu erro, julgo que não será approvar a acção. Se o Pinto os conhecia por parentes, honrava-se de que existissem tão distinctos próceres na sua tribu ou ascendencia, ainda que olhasse para elles como de estranha religião. Não me parece peccaminoso gravemente a curiosidade de ver uma ceremonia antiga, e como se praticava, prescindindo sempre de haver escandalo (porque, havendo-o, não tem logar a curiosidade, ainda que não concorram para a cerimonia senão com o obsequio de acompanharem o innocente). Nem parece dar-se maior razão para se não culparem os catholicos que vivem em Argel de procurarem ver o sacrificio de Abraham, repetido todos os annos em procissão solemne em certa madrugada. Repito: se o Pinto reconhecia *como parentes* o duque de Ossuna e o conde de Tarouca... não digo que são judeus, bem que do duque faz menção o cardeal Mendonça, hespanhol, e valido de Filippe II no celebre manuscripto intitulado *Memorial del infierno,* o qual compoz em despique de se lhe difficultar a um sobrinho a entrada n'um col-

legio de Salamanca. N'este memorial, pois, mostra a ascendencia de muita gente da grandeza hespanhola maculada, principiando pelos descendentes de Ruy Capam, judeu, de quem o nosso conde D. Pedro, no *Livro das linhagens*, diz que fôra baptisado em pé, dando a entender que fôra neophito ou christão novo; palavras que mandou tirar na edição romana o marquez de Castel Rodrigo estando em Roma. No papel, portanto, do cardeal, cuido vem os duques de Ossuna, e no mesmo que está manuscripto na livraria de Basto, se lê esta nota marginal no principio: *Este papel, se Filippe o pozesse ao pescoço do cardeal e logo lhe atacasse fogo, faria um grande beneficio á nobreza d'estes reinos.*

O que entendo é que a maior parte das casas de Hespanha está como as de Portugal, onde entra Maria Pinheira ou Juliañes (outros dizem *Gilianes* ou *mestre Gabriel*, ou *Duarte Brandão*) ou casamentos de Hespanha, como na casa de Moscoso e outras. E, quando se não verifica judaismo, ha bastante com que humilhar os que se prezam de fazer com as allianças grande roda, podendo desfazer a de pavão.

O conde de Tarouca João Gomes da Silva foi da casa de Alegretes, a qual presume ser puritana; ainda que o genealogico José Freire dizem se arriscára intentando provar que não existia familia puritana, e de puro susto emmudeceu.

Uma senhora de alta ascendencia não soffria muito a pureza dos Alegretes e disse: «Sim, senhores, ... com vinte e cinco linhas de mouros».

Deixada a questão, D. Verissimo de Lencastre, inquisidor geral, dizendo-lhe um amigo que tambem descendia de um rei mouro de Cordova, respondeu:

«Não tem mau jogo quem se descarta de rei» — como os Alegretes se podiam descartar, dizendo que o ser mouros só lhes convinha por terem o seu palacio na Mouraria. A materia é ampla e devemos n'ella sobre-estar ou, como dizem os maus portuguezes, *superseder*. Podem, porém, os senhores de Alegrete não fazer pompa de que lhe vão tirar a casa as femeas pela orelha, por serem da familia puritana; por que essa felicidade tem-na desde o tempo que se emparentaram com Cadaval, vindo a senhora D. Eugenia, filha de D. Nuno Alvares Pereira, casar á Mouraria, e tambem serem as senhoras d'esta casa de excellente porte, e Telles muito differentes de D. Leonor escandalo de Portugal [1].

1 Sem desdouro das pessoas de bem da casa de Alegrete, que as tem dado nobilissimas e respeitabilissimas, peço licença á memoria do snr. bispo do Pará para lhe additar aos seus conhecimentos genealogicos que a 4.ª avó do 5.º conde de Villar-Maior D. Luiza Ferreira, era filha de Simão Ferreira, que foi casado com Guiomar de Sequeira, viuva de Antonio de Mello, filha de Affonso Botelho, meirinho das sizas em Alemquer, e de Isabel Botelho, sua prima, filha de um carpinteiro. Simão Ferreira era filho de Diogo Vaz Palha e de Maria Herrera, mulata, natural das Canarias.

§

UM SONETO DE MR. VOITURE

E' grande o escrupulo de muitos oradores em dizer nos sermões da Mãe de Deus: «O' Divina Maria!» e nenhum escrupulo tem os poetas em tratar assim as suas bem-estreadas; mas como é gente que finge, já não escrupulisam em tal. Não ha mentir como mr. Voiture. Dil-o-hei na lingua em que elle escreveu, por ser no seu genero ficção bellissima:

Sous un habit de fleurs la nimphe que j'adore
en une de ces nuits apparut dans ces lieux,
et à l'éclat de son teint et à celui de ses yeux
tout le monde la prit pour la naissante aurore.

La terre en la voyant fit mille fleurs éclore,
l'air se remplit partout de ces chants melodieux,
et les feux de la nuit pâlirent dans les cieux,
et crurent que le jour recommençait encore.

Le soleil qui tomba dans le sein de Thétis,
rallumant tout-à-coup ses rayons amortis,
retourna ses chevaux pour aller auprès d'elle:

Et l'empire des flots ne l'eut su retenir;
mais la regardant mieux, et la voyant plus belle,
il se cacha sous l'onde, et n'osa revenir.

Os gregos foram muito tentados d'estas phan-

tasias, bem que Anacreonte excellentemente as moralisasse. Darei por exemplo um epigramma, em que o poeta advertidamente ensina que se deve fugir de brincos amoriscados e travessear com amores. Parece que é prisão por graça a de um cabello; d'elle, porém, lança mão o ensejo, e acha-se preso duramente quem despresou a fragilidade da atadura. Ainda Salomão nos seus cantares se confessava ferido de um cabello da amada, *vulnerasti cor meum in uno crine*. E' um cabello pequeno para prisão; é; mas não vos fieis: o cabello converte-se em ferro, e dos arcos dos olhos cada pestana é seta.

Lembram-me que, doutrinando eu assim diante de um genio festivo, aliás monge, disse elle que estes perigos sómente os havia frequentes, quando o amor era grande; mas que uma inclinação pequena não tinha esse escandalo proximo, e explicava com a sua genial galantaria, distinguindo o caso.

Dizia elle: «Ha amor canzarrão e amor cachorrinho.» Houve quem disse que ambos mordiam, e que os dogues (palavra ingleza que significa *cães pequenos*, ao menos em Portugal...) brincavam muito, mas que sempre acabavam em cambalhota no estrado. *Qui potest capere, capiat*. Dos cachorrinhos se fazem os canzarrões, e de um cabello uma maroma.

Mas, sem nos desviar do assumpto, estes pro-

digiosos rasgos dos poetas é fazer milagrosas as que julgam sem escrúpulos *deidades*. Fausto Sabéo chamou *santos* aos braços de Venus!

Se da ficção tira o poeta moralidade, é quando ata ao bom gosto o discernimento. N'isto foram insignissimos os dois aragonezes Argensolas. Dar pasto ao juizo e ao engenho é coisa rara; por isso de Caramuel se dizia que tivera engenho como 8, eloquencia como 5 e juizo como 2. Emfim, o engenho compõe ramilhetes, o juizo produz os fructos, quando não fica tudo em flor. E' exemplo este soneto de D. Joaquim Bernardes [1]:

Eu vi um dia amor que se queixava
que de vista o privasse a natureza,
pois assim lhe negava uma belleza
que elle por fé sómente idolatrava.

A tenra mão aos olhos applicava
para a venda soltar sobre elles presa;
mas a mãe lhe advertiu que n'esta empresa
o ser d'amor com vista se arriscava.

Té que Leonor com mão de neve pura,
com gesto airoso e livre desapêgo,
os nós lhe desatou da ligadura.

1 Era conego regrante de Santo Agostinho, e homem de letras entre os mais grados do seu tempo. Alguma coisa lhe coube da herança de seu sapientissimo tio, o oratoriano Manuel Bernardes. Emparceirou-se com Diniz e Garção no intento de instituirem a Arcadia Ulyssiponense. Renhiram os fundadores á conta do seiscentismo pertinaz do cruzio, e desconchavaram. O snr. Innocencio Francisco da Silva nos faz conhecer parte das obras impressas de D. Joaquim; e Barbosa, na «Bib. Lusit.,» dá mais ampla lista.

Fez amor em seus olhos doce emprego;
porém, vendo tão rara formosura,
em logar de ver mais, ficou mais cego.

Mas emfim não concluiu com disparate, similhante ao de um poeta que fechava um soneto de boas festas; e fallando de uma moça doente e nada galante, e menos enfeitada ou discreta, concluia:

Essa divina flor, D. Maria!

Hoje é freira em Odivellas, e muito dada á virtude, verdadeiramente de Deus, em Val de Flores ou Claraval.

Tornando ao soneto de Voiture, *sous un habit de fleurs*... Traduziu-o o conego D. Joaquim Bernardes, pelo modo seguinte, aos 70 annos de sua edade, em que aprendeu a cantar arias e a dançar minuetes. Emfim, poeta até morrer.

SONETO

De noite veio aqui a que esta alma adora,
e o trage a primavera lhe cortara,
com tanta luz nos olhos e na cara
que todo o mundo a teve por aurora.

Tanto que a vê, produz mil flores Flora,
apura o canto a filomena rara,
escondendo as estrellas a luz clara
por crer que o dia raia n'ella agora.

O sol já sepultado só por vêl-a,
sem poder de Neptuno ser detido,
colloca o plaustro d'ouro junto d'ella.

Vendo-a esteve curioso e divertido;
e, observando que a ninfa era mais bella,
tornou á sepultura de corrido [1].

NOTA

Tem merecimento esta traducção de mestre; porém nenhuma desculpa lhe acho em pedir o *plaustro* emprestado á lingua latina quando sobejavam termos na lingua portugueza; e, se *carroça* era menos harmonioso, não o ficaria dizendo: *colloca o carro d'ouro junto d'ella;* [2] que ninguem se equivocaria, por haver camelão fino, que se chama assim, e a menina estar vestida de primavera. O certo é que por fugir da baixeza aprehendida deram grandes genios em frioleiras. Os poetas são n'isto arriscados. O padre D. José Barbosa, por fugir de dizer *ciranda*, no sermão do N. P. S. Bento, arrima os termos portuguezes e adopta o reparado *capisterio* no primeiro milagre de S. Bento. Caiu-lhe muito bem fr. Jacinto de S. Miguel.

1 Quem leu o soneto de Voiture, e depois a versão portugueza, não duvida que o frade cruzio tivesse os setenta annos. Este soneto é uma certidão de edade authentica.

2 O cruzio disse melhor que o bento. Aquelle «cocarro» é peior que «plaustro».

§

ZARCO

João Gonçalves Zarco, descubridor da ilha da Madeira em 1440, foi homem valoroso e serviu em Africa com grande satisfação, sendo criado do snr. rei D. João I, e D. Duarte, e muito acceito ao infante D. Henrique. D. Francisco Manuel de Mello nas suas *Epanâphoras* diz ser opinião de alguns genealogicos que elle era natural de Matozinhos. Escreve-se d'este homem que foi elle o primeiro que montou peças de artilheria a bordo de naus; [1] e é certo que merecendo, por suas proesas, ser conde da Ribeira, com o titulo de Camara de Lobos, faz honra á sua patria, maiormente sendo tantas as casas illustres que d'elle tem origem ou alliança. Descobriu primeiro a ilha de Porto-Santo em 1418 e 1420. Foi casado com uma snr.ª Constança Rodrigues de Sá, a quem talvez vira em Matosinhos de que eram senhores os paes d'esta dama.

SONHO QUE NOS PARECE VEROSIMIL

Sobre este plano exporemos algumas especies

1 Prevost, tom. 6.º

ou disparates, que o leitor mais noticioso póde regeitar. Lembra-me que ha quarenta annos, pouco mais ou menos, ouvi dizer a pessoa de boas noticias, adquiridas na conversação de pessoas muito eruditas do seculo passado, muito antigas e que do seculo de quinhentos conservavam especies raras que, atraz do convento da Conceição de Matozinhos, em o logar de *Gonçalves,* nascera um estudante que depois fôra conde. A isto accrescentavam que elle fôra a Lisboa a procurar; como dizem, fortuna; que lhe succedera ver em uma janella do paço uma dama, de quem ficou tão namorado que a sua bem-aventurança era esperar um dia inteiro, e semanas pelo instante de ver acaso á janella aquella dama, sem mais esperança nem significação que a do insigne pasmatorio: o que, fazendo-se reparavel, foi o estudante chamado pelo rei, confessára a paixão vehemente com desembaraço e vivesa, de sorte que o rei o tomara para seu criado e o fizera depois fidalgo; e que, não querendo a dama recebel-o para esposo, lhe perguntara o rei se o queria sendo conde. A menina disse que sim.

Parece-me que isto se verificaria com João Gonçalves Zarco. E' inverosimil que logo que foi para Lisboa e viu a moça, se movesse o rei a querel-o casar com pessoa que se suppõem tão desigual; mas natural parece que, affeiçoando-se-lhe pelo valor, juizo desembaraço e outras pren-

das, o iria habilitando com os successos de Africa, onde ganhou merecimentos para fidalgo, e logo o descobrimento das ilhas, onde ganhou o titulo de conde. Cresce o sonho.

Muitos motivos haveria para se impor á primeira egreja o nome do Salvador; mas deve-se advertir que na parte de Matozinhos que chamam de Bouças, em cujo sitio esteve a imagem do Senhor, é grande a devoção e a festa com o titulo de Salvador.

A mulher Constança Rodrigues, quando foi com seu marido, levantou uma egreja a Santa Catharina, santa que se celebra no mesmo sitio de Lessa junto ao mar. Esta senhora pelo sobrenome parece ser filha dos senhores de Matozinhos, que eram Rodrigues de Sá e depois foram condes de Matozinhos, onde tinham casas nobres no fim da rua do Paço, á beira do rio Lessa, junto a outra capella de Nossa Senhora de Ribamar, onde tambem se venera a antiquissima imagem de Santa Catharina. Finalmente, tomou por armas um castello que no mesmo sitio pertencia aos paes ou parentes de sua mulher, hoje marquezes de Abrantes, antes de Fontes, antes de Penaguião, e primeiro de Matozinhos, os quaes tem o seu jazigo no convento da Conceição de Matozinhos na aldeia, ou sitio de Gonçalves.

§

D. QUIXOTE NO PARÁ

No reino do Pegu assentou o capitão Antonio Correia pazes com o rei em 1518. Como os bracmenes juraram por um livro, o Correia recommendou ao capellão que viesse de sobrepeliz e breviario; mas, como este era muito velho, suppriu-o com um livro de musica bem encadernado, que continha solfas da egreja. Antes isto que o D. Quixote no Pará. Era o livro que o juiz offerecia em logar de Missal, Breviario ou Horas.

§

AH!... JESUITAS...

Do principe Eugenio se conta que sobre o campo resolvera ajustar suspensão d'armas com o exercito francez, commandado pelo duque de Beroik, ao serviço da França. Moveu-se a dar este passo, visto que o imperador o authorisára a qualquer honroso ajuste. E, tendo instrucções da côrte de Vienna para este fim, achava-se sempre prevenido; pelo que, em resultado de activissimas diligencias, veiu a entender, mediante umas cartas interceptadas, que o confessor jesuita

entregava o segredo do gabinete que lhe fiava o imperador. Ajustado, pois, o armisticio, tomou postos, chegou a Vienna, entrou no palacio a horas que o imperador despedia da sua camara o confessor, e se ficou despindo. Como o principe era clavicularío ou da chave-dourada, as guardas lhe não disputaram o passo. Entrou, pois, nas antecamaras, e, encontrando o jesuita, arrebatou-se da cólera e precipitou-se a metter-lhe o faiam no coração. Fez estrondo a queda; pòrém, o aggressor com grande desembaraço limpou ao lenço o florete e deu parte ao imperador que chegava pela porta da campanha. Entrou; e recebido com alvoroço, lhe mostrou a carta dos jesuitas. Ficou o imperador pasmado. — E agora, Eugenio? — disse o monarcha. O principe respondeu «Agora ajustar pazes». — Mas o confessor? — «Descance V. M. cezarea, porque já não ha de atraiçoar outrà vez o padre. Encontrei-o ahi nas ante-camaras; não me lembrou que estava em palacio... já lá ficou estendido. Perdôe V. M a inadvertencia.» Riu-se o imperador. Fez-se a paz.

Não sei que tenho com estes jesuitas!... Queira Deus me engane... e me livre de suas intrigas...

REFLEXÃO

Não louvo a acção do principe; porém, como

os moralistas corruptos da Companhia sustentaram que os similhantes maquinadores eram aggressores, entendia elle, mais soldado que letrado, que estava a coisa em termos, ao menos nos das suas opiniões.

Tambem na portaria de S. Francisco, em Santarem, se entregou um cadaver sem cabeça, dentro de um sacco, em certa noite. De umas cartas que se mandaram a el-rei D. Pedro, que logo as communicou a Carlos III e ao almirante Henriques de Cabrera, que todos estavam na villa, surdiu a decapitação occulta. Hoje sei que o secretario do almirante foi o morto por infiel (disse-m'o o chronista fr. Marcelliano).

DUAS PALAVRAS ÁCERCA DO PRINCIPE EUGENIO

Expunha elle o Santissimo Sacramento na sua tenda de campanha. Sendo pois, tamanha a piedade, que lhe attribuem, mal posso com ella conciliar o caracter, que lhe assigna D. Luiz da Cunha no tomo I das suas *Memorias* manuscriptas [1].

CARACTER DO PRINCIPE

Eugenio, em seus primeiros annos foi desti-

1 D. Antonio Caetano de Sousa viu na bibliotheca real seis vol. in fol. manuscriptos, das «Memorias» d'este habilissimo diplomata, fallecido em Paris a 9 de outubro de 1749. Vej. o «Dicc. bibliog.» do snr. I. Francisco da Silva.

nado á egreja; não podendo, porém, vencer a inclinação das armas, passar ao serviço do imperador por el-rei de França lhe negar um regimento. Nas primeiras campanhas mostrou que era aquella a sua verdadeira vocação, sem todavia se desoccupar dos livros proprios d'um soldado... Entre tantas qualidades de um grande capitão, é accusado de cuidar mais em ganhar batalhas, ainda que sem consequencia, do que em conservar as tropas por occasiões de maior utilidade. E tambem lhe reprovam ter o coração tão endurecido nas crueldades, que nenhuma o move á compaixão... Finalmente tem pouca religião; porque, lendo maus livros, falta-lhe tempo e sciencia para examinar os agudos sophismas com que os seus destestaveis authores quizeram surprehender os que o lessem com similhante espirito.

REFLEXÃO

Ignoro que livros fossem os do uso do snr. D. Luiz. A côrte de Lisboa não lhe conhece religião. D'elle é a carta a um amigo em que lhe perguntava se em Lisboa ainda era moda as procissões. Entrando-lhe um cardeal em casa, gritou que lhe fossem buscar um crucifixo para a cabeceira da cama. Isto são venialidades a respeito de coisas moraes...

§

O PADRE ANTONIO VIEIRA, POETA

Poucos sabem que elle o foi. Em nome do guarda do collegio da companhia fez elle a el-rei D. João IV a seguinte *canção panegyrica*. Transladei-a dos seus papeis aprehendidos na busca que o santo officio lhe fez.

Este trabalho, extrema musa amada,
camareira do filho de Latona,
com teu favor permitte que se ordene.
Tu que em cothurnos d'oiro apantufada
no tribunal do paço de Helycona
és alimaria branca de Hypocrene,
prepara-me uma cythra com balona,
que eu não sou o Bandarra
que entôe vaticinios á guitarra.
Quero uma voz de freira,
tão suave e tão doce, que a caldeira
do grão Pero Botelho
mitigue como fez de Thracia o velho,
que todo o bem-cazado e todo o amante
revendicou com lyra resonante,
e a defunta consorte
dos fedorentos carceres da morte.

Quero um cysne em polainas do Mondego,
como outro de Meandro em calcanhares,
dar que cantar ao Ecco que soletra;

ao som da minha voz ponha refego
Apolo manposteiro dos cantares
na cythara melhor, na melhor letra,
agua vae dos louvores singulares
do nosso rei das botas
que celebram com vivas e chacotas
as moças do Parnaso
que lavam na pegada do Pegáso.
Não se chegue a ouvir meu canto cengo;
do judica me Deus *algum podengo;*
que se tem mortal odio
Ao Sarapatél que é pae do brodio,
como terão carinho
a um rei que lambe os dedos ao toicinho?

Vós, alto rei, não digo de estatura,
digo do coração, digo do braço,
que em vós novo Alexandre nos retrata,
tardastes em chegar, porque a ventura,
preguiça do Brazil com tardo passo,
o que mais se deseja mais dilata.
De Rhodes o grandissimo madraço,
Das aguas espantalho,
de dilatados annos foi trabalho.

O barbaro milagre,
de Memphis a que o tempo fez vinagre,
com força inimiga
de seculos cumpridos foi fadiga;
que os valerosos peitos
emprendem de vagar heroicos feitos,
porque a sorte os prove:
que o ceu maior mais devagar os move.

Talvez de frio inverno cristal fino,

feito ingurria da fonte transparente,
impede das correntes o caminho
pasmada em parocismo cristalino;
o que de prata foi viva serpente,.
entre as pedras caiu defunto arminho;
porém, inda que injusto e insolente,
entre grilhões de neve,
lá no solor do monte
onde a fonte nasceu sempre foi fonte;
assim vós, rei, por mais que a força dura
o curso vos deteve da ventura
sempre ereis rei subido,
como sol que de nuvens perseguido,
retem a luz primeira
ainda que seja sol com bigodeira.
Infadaram-se as lagrimas sabléas,
E a massa do ceruleo labyrintho,
de perfumar presuntos e chacina
do cabo da soan das chitaréas
ninfas de Mançanares que a Corintho
fazem da fama antiga menos dina,
de chamuscadas grenhas Oretina.
Malavar que enviava
as pedras que na praia o indo lava,
e na ribeira côa
o Ganges odorifero ensaboa,
vendo que de seus fardos de canella
herdeira ab intestado *era Castella.*
Sem ser da negra linha
de Balthasar ou de Sabá rainha,
rasgou-lhe os codicillos,
e a Castella mandou caçar aos grilos.

Cloto, ó rei, para vós a fatal roca
tanto carregue de madeixa loura,

que a cana vergue e a cinta lhe magoe;
e Lachesis tão longa massoroca
envolva, que d'Atropos a thesoura
de ferruge coberta se corôe.
Nos paços portuguezes,
renoveis os penachos trinta vezes;
Com fenicias porfias
empurreis em viver mui largos dias [1].

§

FILIPPE II E UMA MENINA

Filippe II desejava deixar em Lisboa um filho, que nascido e creado entre portuguezes, fizesse menos pesado o grilhão com que gemiam sujeitos a Castella. Viu na procissão do Corpo de Deus uma bella dama em certa janella, e, com vil beneplacito dos parentes, a mandou conduzir para umas casas junto a S. Roque, nas quaes depois morou o snr. Basto, desembargador do Paço.

Entrou o rei, e ficou á porta o marquez de Castello Rodrigo D. Christovão de Moura. Sentou-se o rei em uma magnifica cadeira com au-

1 Andou avisadamente o padre Vieira, não se divulgando poeta. Foi egual, n'este dom das musas, aos mais obscuros da sua edade. Ha ahi, todavia, estrophes que bem arguem o inintelligivel d'alguns passos dos seus sermões. Não se ha de imputar a rapaziada a canção. Vieira orçava por trinta e quatro annos, ou pouco menos. As poesias ultimamente publicadas nos tres volumes das «obras ineditas» do padre Vieira, encerram alguns poemas que não desdizem d'este.

thoridade hespanhola, que n'elle estava amor e não magestade, e ella poz-se de joelhos tremendo como varas de marmeleiro verde, convertida toda a febre em suor frio. Carregou Filippe a sobrancelha por modo de lente de prima que preside a actos grandes e laconicamente lhe disse: *Sabeys que soi vuestro rey? y me debeis hablar verdad?* — Sim, senhor — disse a dama. Então elle: *Sois honrada?* Respondeu mais do que lhe perguntavam:—Um primo beneficiado...—*Vaya! todo lo que aqui está es vuestro,* disse o rei. Levantou-se e saiu. Admirado o marquez da brevidade lhe disse: *Tan a prissa buelve V. M.?* Responde o rei, inflando como Jupiter, na expressão de Horacio, as hespanholas bochedas: *Ha intrado primero la Iglezia.*

§

OS DOIS BARBOSAS

A seu irmão Diogo Barbosa dizia Ignacio Barbosa: «Irmão, o vosso estylo é pomposo, e o meu florido, sabeis por que? Por que nem vós nem eu somos capazes de escrever como frei Luiz de Sousa, ou descrever, v. g. o *satyro* de Bemfica.

Fr. Luiz tem grande merecimento; mas é vulneravel. No mesmo logar em que descreve a fonte do satyro, descrevendo o sitio e laranjal

diz que este era uma continuada esmeralda; as flores pareciam de prata, os pomos de oiro. Se guardasse estes para descrever o horto das Hesperides, e aquellas para algum romance em que se descrevesse algum toucado, passe. Para historia não tem logar expressões poeticas. [1] Ainda no verso está o bom gosto na expressão singela, natural, desaffectada, em que se observe um natural desalinho, e simplicidade polida; mas que pareça espontanea da natureza como corrente que deveria já bejando a flor, já volvendo o fructo despegado, já esperguiçando-se sob a arvore que a ensombra e, em pagá, a está espelhando. Póde ser que eu resvale no mesmo declive que censuro. Diogenes, Platão, Tertuliano... etc.

§

P. VIEIRA E O DESEMBARGADOR BACALHAU

O sermão da Degollação do Bautista, prégado em Odivellas pelo padre Vieira, foi uma invectiva contra o rei D. Pedro II, dizia o desembargador João Marques Bacalhau. E eu entendo que, se assim é, mudou Vieira de opinião; o que bem se infere do sermão que prégou nos annos

1 Caturrice inferior ao sadío espirito do bispo do Pará. Eram deslizes fradescos estes lapsos. Ainda os ha d'este parecer, leigos e leigarraços de hoje em dia.

da rainha, e das diligencias que fez para a dispensa de Roma, em ordem a que ella, depois de casada com Affonso VI, casasse escandalosamente com D. Pedro II.

Não admira a inconstancia de Vieira; pois no sermão de S. Sebastião, o primeiro que fez em sua vida, mostrou idéas sebastianistas, e nos outros diz claramente: «morreu el-rei D. Sebastião.»

Volvendo ao Bacalhau:

Propoz-se no conselho se podia S. M. D. João V applicar o real d'agua que se extrae do povo e clero (aliaz exempto de collectas) para a procissão de Corpus, depois de applicado para o fim que se expoz ao Papa. A lisonja dos theologos votou que sim. O desembargador João Marques Bacalhau foi o ministro que primeiro disse que não, principiando o seu voto assim: «S. M. faz esta pergunta para salvar a sua consciencia. Responderei de sorte que elle a salve e eu a minha.» Seguiu o mesmo parecer o desembargador José Vaz de Carvalho. Então fallou terceiro ministro, dizendo: «Quem duvida que S. M. póde tomar este dinheiro de emprestimo?» Responde Bacalhau: Esse não é o caso; mas ainda n'esse só póde dar resposta o rei, segundo o animo em que estiver de pagar ou não pagar.

Quando o rei estava muito fogoso em castigos, dizia-lhe João Marques: «Senhor, *o nil inul-*

tum remanebit [1] da *sequencia de defunctis* entende-se com outra vida. E assim livrou muitos presos.

§

IGNACIO BARBOSA

Este desembargador dizia muitos annos antes de cairem os jesuitas: «Se eu podesse concorrer para a extincção de jesuitas (não é libertinagem), certamente o faria.» Barbosa era theologo á franceza: não cria na infallibilidade do Papa.

Certo religioso lhe disse uma vez: «Eu vejo dançar raparigas e nenhum abalo sinto.»

— Vossa paternidade deve de ser molinista — respondeu Barbosa. — Eu confesso que me é preciso pôr os olhos em terra e lembrar da morte.

Não cria em salamandras racionaes, nem em quartos meninos de Babylonia.

§

AFOGADOS MASCULINOS E FEMININOS

A especie de que afogados masculinos aboiam com o ventre para o ar, e as mulheres afogadas

1 Nenhuma culpa será impune.

com o ventre para o fundo é de Plinio, no liv. 7 cap. 17 com a seguinte reflexão: *Até nas mulheres defuntas a naturesa lhes vela o pudor.* Não sei se é verdadeira. Se assim acontece, provém isso do volume do ventre mulheril, o qual sendo grande, e estreita a cintura sem costas largas, naturalmente vae ao fundo. Pelo contrario o homem (fallo do, que não fôr como João Lé ou Lait, no Porto, cuja barriga era monstruosissima) [1] necessariamente largo de hombros, e o peso equilibrado dos lados, ha de ficar olhando para cima.

§

TRES BOFETADAS SOLEMNES

O doutor frei Antonio do Sacramente foi missionario no Varatojo. Era forte de genio, desabrido, e terribilissimo furioso. Mudou de convento, de genio não. Em casa de uma fidalga teve o dissabor de ser desmentido tres vezes pela mesma ill.ma e insolentissima senhora. A cada *mente* da dama, respondia elle: *Tola!* Ella ia por pontos levantado a voz, quando o padre fóra de si lhe fez o compasso com tres bofetadas. Saiu-se pela casa fóra sem perigo. Foi a fidalga a S.

1 Note-se que o Porto foi terra fertil d'estes prodigios de gordura tanto na barriga como na região paredes meias da mesma. Veja-se o panegyrico d'esta no «Arco de Santa Anna» de Garrett, pag. 37, 1.° vol. José U continuou, na cidade heroica a fama de João Lé, posto que ás avessas.

Vicente: prendeu-se o frade, e se entendeu ser por um sermão satyrico-doutrinal. A verdade é que esteve preso em S. Bento da Saude, na 4.ª cella do Coristado, 17 mezes, saindo em dia da Ascenção para Madrid. Teve muito que padecer da gotta, quando preso, e dizia: «El-rei prendeu-me e Deus lançou-me os grilhões.» Não era facil em deixar de rezar o officio divino, e costumava dizer: «Escrupulos da reza só m'os tira o breviario.» Pedro da Motta prohibiu-lhe a lição d'outro livro, excepto os *Exercicios de perfeição* do padre Affonso Rodrigues.

§

ARÃO E ABIGAIL

Para Hollanda fugiu um capucho com a abbadessa de Santa Anna, chamada Laureana. Deu elle o nome á synagoga; mas foi modo de viver segundo afirmaram ao conego D. Joaquim Bernardes em Hollanda. Este viu em uma egreja, em quinta feira maior á noite, a infeliz religiosa, posta a um canto. Consta que já morreu. O snr. rei D. João v mandou-lhes segurar o perdão, e que viessem com este salvo-conducto para o gremio da egreja e para Portugal. Não foi possivel.

§

QUE INNOCENCIA!

De sua mãe D. Pelagia de Rohan e Soubisse me dizia sua filha D. Guiomar de Vasconcellos que fôra a dita senhora educada em um mosteiro em França, onde era estylo trocar todos os mezes breviario, cadeira, etc. O mesmo se observa no convento das Grillas em Lisboa. Foi creada em costumes tão innocentes, que, saindo do convento para se receber no paço, (estylo devido á grandeza dos duques de Rohan e principes de Soubisse) por procuração com o conde de Castello-Melhor e então da Calheta, vindo para casa e cuspindo muito por nauzea do estomago, se persuadiu que estava pejada, e assim disse a suas irmãs: «Vêdes vós que trabalho terei com o enjôo do mar e da prenhez!» Riram as irmãs e Luiz XIV tambem. Mandou logo o rei visitar a abbadessa, agradecendo-lhe o bem que criava as donzellas do alto nascimento, como se via nos innocentes costumes do sobrinha.

§

FAVORES DA INQUISIÇÃO

Um monge nosso caiu na miseria do peccado

nefando. Soube-se no santo officio. Um inquisidor, nosso amigo, escreveu ao geral que mandasse aquelle padre para o Brasil. O mesmo favor se fez a um conego regular, sendo geral meu tio D. Pedro da Gloria. A primeira historia contou-a frei João de S. Pedro que viveu trinta annos voluntariamente inclaustrado no mosteiro de Renduffe. A segunda passou com meu primo D. José da Gloria, geral dos cruzios. Sempre é bom, por isso, servir ao tribunal do santo officio e estar bem entabolado com a ordem. Nunca vi sair em Portugal jesuitas, nem dominicos em auto de fé [1]. A estes tem-se amor, e aos outros medo, depois do desproposito de Vieira, ou como dizia um inquisidor, mandando a sentença d'este ultimo: «Ahi vae essa borracheira.»

§

QUE MISSIONARIO

Fr. João Blasques do Barco, author da *Trombeta evangelica,* prégava no Porto, sendo eu menino, especialmente contra os que consentiam tivessem os inglezes hereges uma sala em que exercitavam as funcções religiosas. Esteve o Porto em termos de se amotinar em guerra contra os

1 O prior de Montejuncto e o Malagrida não concordam com o bispo do Pará.

inglezes. E então se disse que para tal fim o cardeal Alberoni mandára o missionario ao Porto. Dizia que elle chamava primo ao contractador dos tabacos, parentesco que ninguem desejava. Nos sermões era tão insolente, que apostrophava o cabido e a relação, chamando-lhes *Cabildo de borra* e *Relacion de m...* Gaspar Cardoso de Carvalho, corregedor, lhe intimou decreto real para sair do Porto em 24 horas. Então fez elle uma procissão de penitencia, tomando por tema: *Jerusalem, Jerusalem, quæ occidis prophetas et lapidas eos qui ad te missi sunt!* [1]

§

DE D. PEDRO II

O snr. rei D. Pedro conversava com D. Nuno Alvares Pereira, duque do Cadaval, menos honestamente. Bernardes [2]; physico-mór, agitava a agua na tina para o banho do rei. Perguntava este: «Está boa?» Sim, senhor, fresca como a conversação — respondeu Barnardes.

El-rei mudou-a, e disse baixo ao duque: «Anima-se a muito!...»

Muita virtude é necessaria para dar correcção a principes! Quem não fôr João Bautista, accom-

1 Jerusalem, que apedrejas e matas os prophetas que te são enviados.
2 João Bernardes de Moraes, irmão do padre Manuel Bernardes.

mode-se. O espirito de Natan propheta é para poucos. Esta doutrina é do padre Bernardes na *Floresta*; mas seu irmão, que assim fallou, conhecia o modo, genio e capacidade do principe a quem servia fiel. Viu que o semblante triste não era vento que soprasse a nevoa espessa da luxuria: fez de catholico valeroso, e seria capaz de dizer no pulpito ao mesmo rei: *Non licet tibi habere uxorem fratis tui* [1], como lhe disse frei Antonio das Chagas. Por signal que um aulico d'aquelles que estão promptos para mudar de religião, se o principe gostar, aconselhou que lançassem o frade ao Tejo. O principe respondeu: «A um homem, que calca mitras, faremos isso?»

Não se escandalise o leitor, porque estes apontamentos não são para imprimir; creia, porém, que muita gente palaciana estudou a doutrina christã por curiosidade, como outros a mythologia, ou talvez por medo. Mas em religião e espirito d'ella observei em obras e palavras supina ignorancia. Fiquem as provas para quando Deus quizer.

§

VALENTES MULHERES

A condessa da Ribeira, franceza, foi amada

1 E'-te defeso possuir a mulher de teu irmão.

do duque regente Filippe de Orleans. Como quer porém que elle não achasse fraqueza no honradissimo coração de madame condessa, fez que as princezas filhas d'elle a convidassem a jantar com ellas em dia d'annos do regente. A filha dos principes de Soubisse acceitou prevenida e acautelou-se com os preciosos vinhos que guarneciam os aparadores de botelha. Findo o banquete, foi conduzida a um esplendido quarto em que estava preciosa cama imperial para lhe pretextar o descanço e armar o que a ligeiresa franceza costuma chamar *amorosa intriga*, e os portuguezes de bigode á fernandina chamam desaforo, insolencia e deshonra. Retiradas as filhas do duque, que assim o pedia a comedia, sente a Soubise que por traz dos pannos de arraz havia um tal ou qual movimento. Tirou promptamente dois pistoletes e um punhal, salta do leito e brada: «Quem está ahi, se der mais um passo, morre!» Parou o mobil; e, dando ella um passeio para uma das janellas, e abrindo as vidraças de cristal que em frisos de oiro cahiam para uma galeria de pinturas originaes, appareceu-lhe o principe regente a explicar-lhe as suas intenções, com a energia diabolica de que era soccorrido; porém a dama, fumegante d'ira, accudiu: «Retirae-vos, duque, se não disparo-vos esta pistola no peito. Não me queiraes fazer heroina á custa do vosso estrago.» — Madame, eu me

retiro, disse elle, e seja esta obediencia o ultimo sacrificio do meu amor. Esta dama era irmã da snr.ª D. Pelagia de Rohan e Subisse, esposa do conde de Castello-Melhor e ambas filhas de uma mãe que, investida por Luiz XIV, lhe imprimiu na face uma bem sacudida bofetada.

Tudo isto me referiu sua neta a snr.ª D. Guiomar.

§

O MUSICO ABEL

Este musico andou um anno em Portugal a despedir-se, dizendo os papeis na esquinas: *Tal dia canta Abel pela ultima vez.* Foi para Augusto de Polonia, finalmente. Era o pae do actual reinante. Lá esteve tres mezes sem o rei fazer caso d'elle. Um dia quiz ouvil-o; porém o musico despeitado respondeu que estava doente. Augusto percebeu a soberba do despique, disparatado na desegualdade da pessoa, e só capaz de entrar em cabeça de musico. Mandou-o cantar, sob pena de morte, aos tigres e leões tres horas sem descançar, cercado de soldados com as catanas e cimitarra nuas. Cumprido o castigo, foi posto á porta da cidade, com ordem de ser enforcado se tornasse a entrar em Polonia.

§

GALANTARIAS

Meu tio (com perdão de vm.ces) o doutor frei Ignacio de Jesus, monge de S. Bento, foi muito eloquente e celebre nas erudições dos seiscentistas, muito lido em romances e comedias, e algumas vezes applicando passagens alheias com graça. Indo eu com elle ao passeio do Padrão em a patria de ambos, Matosinhos, reparámos em uma dama, que recostada no braço a uma janella, adormeceu; e alli se entendia esperava o seu galanteador. Diz promptamente frei Ignacio:

Dormido yaze el amor
en el regazo de Venus.
inflamando las saétas
con la suavidad del sueño.

Então se lhe disse:

El dulce sueño le tiene
en dos soles usurpados;
pero abraza su hermosura
aun faltandole los rayos [1].

1 Bom emprego de tempo e innocente palestra de tio e sobrinho, frades ambos! Innocente e ao mesmo tempo, sobre lyrica, pittoresca situação. A menina a dormir, e os dois filhos de S. Bento, na rua, com seus habitos magestosos, e gestos esculpturaes bafejando mais que dizendo as perfumadas coplas á compita de quem as diria mais inintelligiveis! Que tempos aquelles! Perdeu-se tudo que era bom!...

§

FR. ANTONIO DAS CHAGAS

Este veneravel frade foi muito amigo dos benedictinos entre os quaes esteve retirado quando matou um homem no Brasil, sendo soldado. Depois de religioso, sabendo que no mosteiro de S. Bento da saude vivia o seu amigo frei Jeronymo Vahia, e que havia copias de seus versos entre aquelles cujos olhos se deviam tam sómente occupar em versos de David no côro, quiz regal-as por terem as taes coplas muitas profanidades. Não obteve despacho; gracejaram com elle e metteram-n'o a bulha.

Em Odivellas prégava elle missão em companhia de frei Leandro, e n'este mesmo tempo estavam o mestre frei Ignacio de Athaide, e frei Antonio de Tovar, depois prégador geral. Eram moços, e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo. Emquanto durava a missão não se fechavam palratorios, como hoje se usa. Por alli, pois, se passava o tempo.

Como os quatro missionarios e monges se accommodavam nos dois quartos da hospedaria atraz da capella-mór — que para seu descanço mandou fazer um conde no tempo da sua devoção de Odivellas — passavam os dois monges a

noute muito fóra dos termos a jogar as tabolas, até que o Chagas foi para dentro do seu quarto e tal disciplina tomou por elles, que de madrugada se recolheram a Lisboa para evitar ao menos o escandalo.

§

QUE MARTYRES!

Na fortaleza de Malaca não dura nem já se hastea bandeira de nação estrangeira, porque sem demora lhe cae raio que a fulmina ou pegão de vento que a leva. Unicamente persiste a portugueza.

Em carta de um jesuita se contava esta historia a outro. Tremo de acreditar noticias d'Asia dadas por jesuitas, depois que ha cartas edificantes em letra redonda e successos como dois que apontarei.

Em Braga está o retrato do padre N. no collegio de S. Paulo da Companhia com muito sangue em signal de martyrio. Ao padre frei Lourenço Brandão, monge benedictino, mostraram-lhe o retrato, por que o martyr tinha sido seu mestre nas classes. Examinou-o e disse: «padre, meu irmão frei Antonio, que está em Goa, escreveu-me dizendo-me que este padre era fallecido de uma diarrhea sanguinea; assim, pois, aquelle sangue é de cursos e não de martyrio.»

Outro successo.

Um jesuita na India, como os marinheiros saltassem um dia em fazendas da companhia, sem embargo de serem portuguezes, tratou-os mal de palavras. Marujos de nau da India são muito livres. Moeram o padre a pau, ficou por morto, e de isto chegou a noticia a Goa e a Lisboa. O padre Carboni mandou logo fazer um painel, e o poz no seu cubiculo em Santo Antão com letreiro que dizia: *Morreu ás mãos dos barbaros*. O caso é que o martyr estava vivo como lhe segurou o portador da nova, contando que se achára na bulha, sem se interessar n'ella; mas sabia que embrulhado em lençoes de vinho escapára. Esta historia me contou o sr. D. João v.

§

MARQUEZA DE ANGEJA

Esta senhora, indo visitar a sogra de seu filho conde de S. Lourenço, que casou com a herdeira d'esta casa, sendo muito rapaz, disse á condessa de S. Lourenço, sogra de conde; «Sabeis, marqueza, que João me desattendeu?» — Como assim? — «Teve uns hospedes, mandou fazer chá, mandei-lhe o assucar que tinha, não o achou muito claro, e atirou com o assucareiro

pela sala fóra. — Sim?! — responde a marqueza. — Venha João.

Chegou o conde; e ella sem mais demora, lançou mão de um pau e deu-lhe a valer. Ajoelhou-se o conde, e disse: «V. ex.ª por que me castiga?» Ouvida a causa, repoz: «Injustamente o faz, minha senhora, porque ainda agora sei que o assucar não veio mandado pelo copeiro, mas sim pela condessa, minha senhora e dispenseira.» Ficaram em paz: beijou-lhe a mão o conde, e foi para o seu quarto.

A mesma matrona de Angeja, visitando sua filha a condessa de Valle de Reis, a senhora D. Joanna de Noronha, não a achou em casa; e, perguntando por ella á sogra, mãe do conde, respondeu esta senhora que não sabia para onde fôra. Replicou a marqueza: «Pois sae para fóra sem dizer a sua sogra para onde vae?... Está bem...» Esperou a filha, e assim que ella chegou pregou-lhe duas bofetadas.

Esta fidalga, estando em Vianna, escreveu uma carta directiva para suas filhas, cheia de piedade e juiso. D'ella recebi os versos de sua irmã, a madre Soror Marianna, religiosa em as Therezas de Carnide, para o qual convento fugiu com outra irmã — o que muito custou a seu pae, o celebre conde de Tarouca, João Gomes da Silva, não querendo vêr as filhas dois annos, até que Soror Marianna, não menos harmoniosa

que seu pae nos numeros da poesia, tocou um coração de cera na imagem de Santa Thereza, para vêr se assim podia com este innocente artificio abrandar o duro pae. E junta ao coração enviou-lhe esta

DECIMA

Este coração, senhor,
Unido ao meu vos offr'eço,
Para vêr se assim mereço
Ter comvosco algum valor.
Do vosso o cruel rigor
Ao toque d'este abrandae,
E, se não, senhor, cuidae
Se será bem que se diga
Que de eu ter tal mãe se siga
Não quereres vós ser pae!

Ficou o pae como a propria cêra: visitou logo as filhas. O que puderam os versos da carinhosa Circe!... [1]

§

MANUEL DOS REIS PEREIRA

Estava este sujeito casado com uma D. Leonor filha illegitima do Senhor de Balsemão da casa dos Pintos. Saiu esta moça com vinte e dois annos de edade e notavel formosura a ser espec-

1 A graça mythologica, dada pelo bispo á freira, não diz muito em honra do pae. Circe, quando encantava, fazia javardos.

taculo n'um auto da fé, pela pouca que guardava a Jesus Christo, sendo filha de uma mulher de nação. Intentou Manuel dos Reis de annular o matrimonio, atropellando as antigas memorias, excessos e finesas, que divulgára em harmoniosos versos; pôde comtudo a honra (!) suffocar os suspiros da musa, e, apesar das saudades, tentar romper o enlace, persuadindo que não fôra sagrado, e dando testemunhas de haver consentido condicionalmente. Com a sentença do santo officio, e que Leonor confessava não crêr em sacramentos da egreja, compoz o marido uma allegação latina excellentemente trabalhada a primor de elegancia. Approvaram as universidades de Coimbra e Evora, e julgou a causa o bispo de Lamego, aquelle insigne theologo e thomarista frei Feliciano de N. Senhora. O sr. D. José de Evora quiz que tornasse a causa ao principio com certos fundamentos, que afinal não poderam impedir o enlace e annulação do casamento. O mesmo Manuel dos Reis explicava o Universal dos *Esganarelos* (Vid. Molière, *passim)* palavra a que muita gente abaixa a cabeça sem vontade muitas vezes, e dividia em 5 especies a travessura que expunha a João Jacques de Magalhães em Angola:

ANTECUCO — Marido que, casando, foi prevenido.

CUCO — Marido de mulher infiel.

RECUCO — Marido consentidor.

POST-CUCO — Marido a quem a mulher é infiel, depois de morto.

ASSOMBRADO — Marido que teve em grande perigo a sua honra.

§

MIUDEZAS

Hontem 16 de setembro de 1759 se embarcaram em duas naus de guerra 132 jesuitas desnaturalisados pelo caso da conspiração contra o rei.

*

O conde de Oeyras me disse que o nuncio quiz hoje entregar ao rei duas cartas com um breve, e, fallando a D. Luiz da Cunha, secretario dos negocios estrangeiros, este lhe advertiu ser fóra do estylo entregar carta ao principe sem copia previa ao secretario. Assim se fez. E, constando o breve de uma licença do papa ao rei para este justificar os reos ecclesiasticos, pelas circumstancias em que vinha, não se acceitou. E como o breve vinha incluido na carta, nem esta foi recebida, dando-se satisfação ao papa em carta ao nuncio, attenta e fortissima que o deixou instruido e macio como um veludo.

Mais me disse o conde: «A santa Sé profun-

damente respeitada é do rei: a carta de Roma, nada. A decisão dos cardeaes é cousa de riso nos interesses do principe, e mormente se se arrogam poderes incompetentes. Em tal caso, o rei que limpe os sapatos aos trapos vermelhos dos cardeaes.

*

Hontem 10 de outubro de 1759 chegou el-rei de Mafra e á noite me nomeou bispo do Pará. Fui avisado da secretaria pelas 3 da madrugada do dia 11. Até aqui tenho resistido e espero resistir.

A 14 de outubro me veiu carta da secretaria com a nominata de el-rei meu senhor. A 15 lhe beijei a mão.

*

Hontem 13 de novembro mandou o cardeal Accinoli a casa do conde de Oeyras dizer a um criado que ouvira se tinham impresso na dita casa uns papeis contra os jesuitas, por isso lhe mandasse uma copia. O criado disse ao conde e este respondeu: Diz lá que se não vendem aqui gazetas; quando se venderem, que venha cá elle.

*

Hontem, 6 de junho, se declarou o casamento

da senhorà princeza com seu tio o infante D. Pedro por occasião dos annos do rei irmão e pae. De tarde se celebrou na capella real da Ajuda, sendo o patriarcha cardeal Gama que os recebeu, precedido da grandeza e côrte. Não foi convidado o cardeal Accinoli, sendo . nuncio actual, por estar a côrte mal satisfeita do seu proceder, pelo que respeita aos jesuitas, tomando o partido do cardeal Rezzonico que os favorece e é nepote do papa reinante Clemente XII. O Accinoli é de curto talento e de tanta bondade, que estava publicamente á janella a vêr os coches que vinham da funcção, e passaram de Belem pela sua porta na Junqueira, mostrando no semblante a tristeza, que lhe chegára ao ámago, como se explicou comigo o seu secretario conego Vargas.

*

Hoje 15 de junho de 1760, é cercada a casa do nuncio, e pela manhã se lhe intima a ordem da sair da côrte dentro de tres horas, e de Portugal dentro de tres dias. Luiz de Mendonça, governador da côrte, o acompanhou com 80 cavallos [1].

1 Os pormenores d'este corajoso feito do governo já foram expendidos e commentados pelo sr. José Julio de Oliveira Pinto na «Gazeta de Portugal,» ha poucos mezes. Nao é para esquecimento aquelle trabalho de um recto espirito e vastissima intelligencia (1867).

Poucos dias depois de ser publicada esta nota no folhetim do «Jornal do Commercio,» morreu em duello o snr. José Julio d'Oliveira Pinto.

§

CALHARIZES

A'cerca do tiro que se deu em Lisboa sobre Fernando da Costa, e cuidaram ser D. Manuel de Souza Calhariz o homicida por zelos da princeza de Holstein sua infeliz mulher, hoje sabe-se ter sido o assassino um criado do conde de S. Vicente, pae, em respeito de sua filha a condessa de Avintes, que era donzella; e ficava-lhe defronte Fernando da Costa, por morarem os srs. de S. Vicente por então junto aos Cardaes.

O Calhariz foi quem persuadiu a Manuel de Saldanha que não recebesse em Setubal a filha de Quevedo ou Cabedo, como devia, e o resolveu a fugir para Alemanha. Ficou a moça sem honra e depois entregue escandalosamente a D. Luiz de Souza. Basta uma injustiça d'estas para Deus castigar a casa do Calhariz como se tem visto. E tão mal reputada está com os succesos de D. Henrique de Menezes, que fugiu de casa de D. Manuel de Souza Calhariz, seguindo-o este com uma faca na mão, pelo achar de visita com a princeza de Holstein, sua mulher. E, como as consequencias eram terriveis, tendo de morrer um dos dois á lei do duello, foi D. Manuel aconselhado dos srs. Alegretes seus primos, que fosse

visitar D. Henrique e dizer-lhe que tivera aquella visão *depois de jantar*. Não obstante D. Henrique foi para França e veiu em 1760, depois de preso o Calhariz, hoje fallecido. D. Henrique é monsenhor na Patriarchal [1]. Para salvar a vida da princeza de Holstein, a quem uma bebida de agua forte era, na intensão de P. Manuel, o instrumento de seu fatal destino, empenhou D. Anna de Moscoso todo o valimento que tinha no coração e espirito de Manuel, que achou uma carta, etc. etc. Portugal, o novo, está peior que o velho!

§

DUELLOS

Muitas vezes me disseram na côrte que os duellos certamente eram indignos; que, todavia ficava desairado o cavalheiro que o não acceitasse. Defendi que ficava mal a um cavalheiro acceital-o, bem entendido que as leis reputam desdourados os duellistas. No 3.° tomo das comedias em prosa de Goldoni vem uma optima resposta a um repto, na pag. 66. Diz assim: «Ao vosso desafio respondo que não posso nem devo acceital-o, porque todos as leis m'o prohibem. Se não houvesse ahi mais temer do que perda

1 Que monsenhor da patriarchal! Que viveiro de «varões»... ás direitas!

de dinheiro ou outros castigos que os soberanos infligem, póde ser que me eu expozesse a soffrer tudo para vos provar que não temo; mas como as leis declaram infame o duellista, absolutamente recuso ir ao logar destinado no vosso cartel. Digo-vos, porém, ao mesmo tempo que eu trago comigo uma espada, com a qual defendo minha honra e vida, e, em qualquer parte que me provoqueis, saberei responder-vos como cavalheiro que sou.»

E' celebre a resposta que deu N... a Francisco Xavier d'Oliveira, que o desafiou:

«Logo que vm. me mandar um papel assignado por dois ou quatro theologos, decidindo que posso acceitar desafio sem culpa nem excommunhão, e que, morrendo vm. no duello, o poderei mandar enterrar na igreja ou no adro, e não atraz da Estrella no cemiterio inglez, ou no monturo das obras do conde de Tarouca, farei o que vm. me pede para promptamente o servir.»

§

FRANCISCO BOTELHO E O CONDE DA ERICEIRA

O Botelho, author do *Alfonso*, conversando

em casa dos Alegretes, lhe perguntou o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes: «Que dizem de mim em Castella?»

Respondeu: — Que v. ex.ª é um grande de Portugal.

Não digo isso: fallo a respeito dos meus versos... — tornou o conde.

— E' coisa em que lá se não falla.

Assim castiga Deus com um desengano uma vaidade!

Não teve, entretanto, rasão o Botelho para tão seccamente responder. O serem do mesmo officio lhe causou displicencia. Deveria agradecido lembrar-se que o sr. conde, honrador dos vivos, que não sómente dos mortos, com merecimento, lhe fizera elogios n'uma oitava da sua *Henriqueida* chamando-lhe «Cysne a que é Caystro o Douro.» Em Hespanha é assaz celebrada a memoria do conde da Ericeira na pena d'aguias d'alto vôo, como Bacallar y Sana, sem fallar nos gabos de Maner e outra inferior turba de nocturnas aves.

Em premio do poema *Alfonso* deram habito de Christo a Botelho; porém, como lhe não pagaram a tença, largou o habito. Perguntado por el-rei D. João v: «não trazeis o habito?» Respondeu: — Não senhor: não sou cerineu da cruz, sem me pagarem...

§

PEDRO JOSÉ SUPPICO DE MORAES [1]

Este homem matou tyrannamente uma mulher em o seu estrado no bairro de Mocambo. Escapou de morrer em Bemfica ás mãos do padre frei Estevão Cotrim, monge de S. Bento; por que estando este padre na quinta de uma cunhada, junto á quinta do celebre Diogo de Mendonça Corte Real, divertindo-se a vêr passar gente, á janella, em companhia da dita dama — espectavel objecto n'aquella edade — passaram um conde e Suppico acavallo; e, como era menos discreto nos seus bons ditos, invejou a situação do padre, proferindo uma expressão grosseira. Tinha frei Estevão ao pé de si uma espingarda, de que se servia no divertimento da caça; promptamente lançou mão d'ella, e os cavalleiros correram á espora fita.

N'outra occasião correu perigo o Suppico, por que, encontrando-se na varanda dos Caetanos, em Lisboa, com o sr. de Murça, a quem tinha offendido, este, tão louco como elle, lançou-lhe as mãos ao pescoço, e valeu a ambos o padre Raphael Bluteau e D. José Barbosa, separando

1 Sabia-se que este famigerado author dos «Apophtegmas» tinha nascido, escripto, e morrido: pouco mais. Presume o sr. Innocencio que antes de 1760 morreria o aphorismatico author. O bispo do Pará illucida as miudesas ignoradas de uma existencia, que daria ensanchas para um curioso livro.

este o Suppico, e o outro o senhor de Murça.

Continuou o Suppico nos seus desacertos; e introduzindo-se com o infante D. Francisco, [1] se presumiu que lhe inspirava sentimentos indignos do nascimento de infante, com infidelidade á corôa, desconfiança que se aggravou com a retirada d'elle para Inglaterra. Lembrou alguem que havia conloio com os inglezes, para virem procurar com poderosa armada o infante e ir coroar-se rei ao Brasil, correndo a negociação entre America e Londres. Não fico por fiador da idéa: direi porém o que se seguiu.

Soube-se que estava em Bayona de França Pedro José Suppico e alguem lhe armou o laço pelo modo seguinte: Chegaram de Moçambique o padre Antonio Serra, religioso dominico, sujeito de quem a sua illustre ordem não fará menção nos seus Agiologios nem metterá entre os varões illustres.

Este homem, capaz de qualquer empreza, escreveu a Suppico, persuadindo-o ser muito preciso conferirem ambos em Compostella materias gravissimas; e assim dirigisse sua viagem para tal tempo, em que elle, padre Serra, o estaria esperando em designada estalagem da cidade.

Preparou-se Suppico, e metteu-se a caminho com um creado unicamente. Oito dias antes de chegar a Compostella, appareceu em Santiago

(1) Irmão de D. João V.

um moço valente, bem feito, trigueiro de côr, ou baço, sem criado, montado em um forte e ligeiro cavallo, com espada e clavina, pistolas e uma maleta de veludo

Este homem aquartelou-se em casa de um clerigo de Barcellos, exterminado do reino, grande cytharista; occupou o incognito armado seu tempo em visitar as estalagens, perguntando se chegara algum francez a ellas, chamado João Satur — tal era o nome que devia ter mr. Suppico fóra de França — Até que finalmente chegou uma tarde á hospedaria do ajuste, perguntou por frei Antonio Serra; e, como o não achasse, justou um proprio que immediatamente expediu com carta ao Serra que se achava em Amarante. Deixemos caminhar o proprio.

Na mesma noite entra o portuguez da diligencia ponderada, e, dando com João Satur, lhe fallou conforme as instrucções amigavelmente, louvando-lhe muito a sinceridade da gente d'aquella terra. Convidou-o, para emquanto se fazia a ceia, irem ambos a casa de umas senhoras que moravam perto, onde veria dançar e cantar com muito agrado e gostos as Gigas hespanholas. Suppico desculpou-se com a fadiga; mas a sua fatalidade o conduziu por meio da condescendencia aos importunos rogos do fingido amigo. Fóra dos muros da cidade, lhe cravou este um punhal com cabo de prata no alto da cabeça, e, montado a

cavallo, se fez na volta de Portugal. O assassino e fatal instrumento d'aquella ruidosa morte era o filho do carcereiro de Lisboa, que morreu enforcado por ordem D. João v.

Não se explica o horror que similhante facto causou, por ser coisa muito rara o homicidio em Galliza. Soube-se logo que fôra um portuguez o matador; e das camisas e outras coisas do morto inferiram ser pessoa distincta, e erradamente assentaram que era o marquez de Gouveia, que tinha fugido com a sr.ª D. Maria de Penha de França, a qual eu conheci depois recolhida em um convento de Redondella em Galliza. N'esta hypothese lhe fizeram exequias na cathedral com pompa e generosidade de missas geraes como as poderiam fazer a Filippe v, seu monarcha.

Já n'este tempo estava preso o criado de Satur para dizer quem era seu amo; elle, porém, o ignorava, dizendo que aquelle cavalheiro o convidara para o acompanhar na jornada, visto já ter vindo com elle outra vez a Santiago, e lhe dava um tanto. Foi solto.

Chegou emfim de Portugal o proprio, e logo preso, declarou o seguinte: que chegara á portaria de S. Gonçalo de Amarante, e dando a carta ao padre Serra, este mostrou affligir-se de não ter cumprido a palavra de se encontrar em Galliza com mr. Satur no tempo destinado; que estava mal de hemorrodias e sem liteira. Escreveu

a Fernando de Magalhães, que lhe mandou dez moedas, as quaes o padre Serra entregou ao proprio, e no dia seguinte se resolveu a montar a cavallo até Valença do Minho, onde disse ao gallego que não podia continuar a jornada. N'este tempo estava o padre frei Lourenço Brandão, monge beneditino, em companhia dos snrs. de Aguiar em Compostella: e, voltando para Portugal, na feira da Arrifana, se encontrou com Fernando de Magalhães, e este lhe disse: «já sei que esteve em Compostella quando mataram João Satur.» — Sim, diz frei Lourenço, e você me ha de dizer quem é João Satur —Mudou de côres e conversação. Retirou-se, e frei Lourenço o seguiu, e com amisade o apertava, mas o Magalhães lhe pediu que não instasse, porque não podia fallar, e n'aquella materia lhe pedia inviolavel segredo.

Até hoje se ignora em Galliza quem fosse o morto.

Não sei como ao pensamento me veio em Lisboa se seria este defunto o Suppico; e muito casualmente perguntando eu ao padre D. Celestino Teguineau da Providencia que fim tivera, respondeu-me que ouvira muito em voz baixa dizer que o mataram em Compostella, intervindo um religioso na morte; e, muito apertado por mim, nomeou o padre frei Antonio Serra, acrescen-

tando que Suppico morrera em castigo de maquinar conspirações contra D. João v.

§

O PAINEL DE S. BENTO.

Quando o mestre frei Jorge de Carvalho [1], benedítino e irmão do bisavô do primeiro conde de Oeyras prégou em Odivellas, sendo juiz ou principal mordomo D. Pedro Cavallo, na venia ao Sacramento, disse que via a Christo como em Belem, visto ser casa do pão, e Christo *panis cui de cœlo descendit*, concluindo que se em Belem se vira adorado de uma mula, era n'aquelle dia em Odivellas adorado de um cavallo. Houve grande alegria nos fidalgos, por que n'aquelle tempo miseravel todo o logar e estação era de entrudo. Acabou o sermão, e o mordomo perguntou a frei Jorge: «vocês os bentos são irmãos dos bernardos?» Somos, diz frei Jorge, e continuou: — Olhae vós, o sr. vosso pae Antonio Alvares da Cunha foi o maior cortesão e o maior juiso do seu tempo, e vós sahistes o sr. D. Pedro Cavallo, e vosso irmão o sr. D. Luiz o Burro.

Esta noticia me deu o célebre poeta Antonio Sanches. A que vou escrever adquiri na ordem:

1 São estimados e pouco vulgares os sermões d'este frade, nascido em 1606 e fallecido em 1677, no mosteiro da Estrella em Lisboa.

quem quizer vêr o retrato do mestre frei Jorge de Carvalho, o de frei Pedro de Sousa, o de frei Jeronimo Vahia, e o do padre Lemos, todos beneditinos, entre pela portaria de S. Bento da Saude, e no grande quadro que fica defronte os tem figurados, em S. Gregorio, S. Bernardo, Santo Anselmo, e S. Bento. As caras foi o pintor fazendo pelos frades que mais assistiam á obra.

Succedeu que na mesma portaria entrou um padre graciano a visitar um monge, e não o achando voltou para a portaria. Olhou para o dito quadro, e rindo-se, disse: bem podiam tirar S. Gregorio d'alli porque elle não foi bento, — pretenção que já se lhes tirou da cabeça aos padres da graça depois que leram a exposição do santo sobre o Livro dos Reis — O leigo foi andando seis ou sete passos acompanhando o hospede, e parando defronte do painel do triumpho de Nossa Senhora lhe disse: «reverendo padre, nós os leigos não sabemos historias, e por isso não sei responder a V. P. se foi ou não S. Gregorio cá da ordem, ou se n'isso ha duvida; o que não tem duvida é que este que vae aqui atado ao carro do triumpho da Mãe de Deus, era da ordem de V. P.

Olhou o padre, viu Luthero, calou a boca e foi-se embora.

A' maldade do leigo, ajuntemos a innocencia de um homem simples, que muitas vezes vinha

*

do convento do Calvario saber de mim, mandado de minha prima N. Saindo do claustro e entrando na portaria do mosteiro, olhou para o alto d'aquella formosissima casa, e vêndo um leão nas armas de S. Bento postas no estuque, pozse a chorar dizendo a frei Agostinho de Santa Maria que era o porteiro: «Bemdito seja Deus! que chegasse um leão a ser santo! Já os dias passados li na folhinha: tal dia S. Leão; e eu peccador tão bruto!» Ria-se frei Agostinho exclamando: «O' santa simplicidade!»

§

O CONDE DE VALLADARES

Não ha que fiar em annos. O conde de Valladares velho, depois de cargos tão distinctos, cegou-o a paixão de uma criada de sua casa, principio de muitos desgostos. A' força d'estes, morreu uma filha do conde, talvez profundamente sentida da injusta presumpção de seu concurso. Foi a criada para Santa Clara; e o conde se vestiu de manto e toucas para fallar á manceba. Quanto não riria Omphale vêndo Hercules de roca, se a fabula fosse verdadeira? Deveria chorar.

§

D. LUIZ MASCARENHAS [1]

A este senhor, que morreu tragicamente na India, disse eu, um dia de confissão — circumstancia, que facilita mais o credito da historia, á vista da paciencia e amisade que lhe devi —: «Olhe v. s.ª se se verifica o que se conta de seu primo o sr. marquez d'Alorna, sobre o proceder que teve na Asia. Seguro-lhe que, se eu fosse mo-

1 E' pouco notoria a morte de D. Luiz. Fr. João de S. Joseph escrevia tão perto dos successos, que se não detinha a circumstancial-os para os vindouros. Nunca elle talvez ideou a possibilidade de serem lidas e impressas suas memorias, volvidos cem annos por sobre esses cadernos. D. Luiz Mascarenhas, Conde d'Avila, morreu em 28 de junho de 1756. Succedeu assim o tragico acabamento d'este viso-rei da India. A fortaleza de Pondá defendia-se cheia de indios. O viso-rei mandou-lhe lançar dentro cinco bombas. Uma levantou rapido incendio no baluarte das portas. Deu ordem o commandante da escalada que avançassem as companhias de granadeiros e cinco de «ligeiros.» Nada, porém, estava prevenido: não tinham escadas, nem betardos, nem brecha. Assim estiveram quatro horas debaixo das muralhas, sobranceados da artilheria inimiga. A chuva caía torrencialmente, e arrastava cadaveres de envolta com os vivos, que precipitava pelo declive do outeiro subjacente á fortaleza. Os indios, presenceando tanta desordem, abriram o postigo, sairam, foram e mataram mais de duzentos. D. Luis Mascarenhas morreu de tres cutiladas; ao pé d'elle mataram o jesuita padre Angelo, seu confessor, e outro padre Dorinini. Assim acabaram D. Joaquim de Noronha, filho do conde dos Arcos, o capitão de mar e guerra D. Angelo Furtado de Mendonça, o capitão Jayme José Lapim, que morreu abafado na sua immensa gordura (diz uma testemunha ocular); alguns coroneis, capitaes e sargentos móres, e mais de 180 soldados. Do commandante da acção escreve o meu informador: «Antonio Mourão de Miranda diz que veio ferido; mas ninguem o viu; e, se com effeito recebeu algum golpe, seria dos que costuma fazer a si com um canivete.» E prosegue: «Muitos morreram afogados nos paues. Muitos appareceram nús. Os petrechos de guerra todos lá ficaram, trem de corpo, abarracamento, tudo. Os que poderam fugir aquartelaram-se no pagode de Quilá; e, se não fogem na mesma noite, lá ficava tudo. Perderam-se tres peças de nova invenção. Ao fim de tres dias é que se foi procurar o conde viso-rei. Tão corrupto o trouxeram, que os seus criados só o poderam conhecer pelos pulsos. Fosse elle ou não, lá está enterrado no Bom Jesus, egreja dos padres da companhia.»

narcha, lhe tinha mandado despegar a cabeça dos hombros.

— Jesus! nome de Jesus! — exclamou D. Luiz — meu primo conta uma historia do marechal de Villars, o qual, servindo a Luiz XVI, venceu os alemães, entrou por Alsacia e fez prodigios. Fallou-se n'elle perante o rei. E a inveja d'um aulico disse: «Villars vae fazendo maravilhas; teve grandes despojos de batalha.... e vae-se arranjando bellamente. — E o rei disse: «Tambem eu.» Assim foi meu primo...

§

D. LUIZ DE SOUZA

Arcebispo de Lisboa, da casa de Arronches. Teve suas verduras em rapaz. Feito prelado, deu-lhe na venêta para visitar Lisboa. Fallava n'isto com um irmão conego, a tempo que um antigo criado, d'aquelles que tudo ouvem nas ante-camaras, quando resam por suas contas, — olhando para elle o prelado disse-lhe: «Tu és quem nos ha de informar de quem e quem não anda amancebado.» Escusou-se o criado. Teimaram. Até que o socarão, fingindo-se simples, lhes arrumou com esta: «Eu nada sei, porque nada creio do que me dizem. Se me disserem que o sr. arcebispo tem a amiga na Mouraria,

eu hei de crêr isso? E, se me disser que o sr. conego a tem em casa, com dois filhos e uma menina, ou coisa semilhante, hei de eu crêl-o? Ora, deixem-me, meus senhores.

§

A VIDA DE SANTO ANTONIO

A historia da vida de Santo Antonio, escripta por Braz Luiz de Abreu, foi approvada por D. Manuel Caetano de Sousa, sem vêl-a e na fé dos padrinhos. Como a tal historia ou collecção de trocadilhos saiu indigna pela fórma e puerilidade do author, repetia o conde de Oeiras passagens celebres a D. Manuel que dera a censura. Não a deu favoravel João Alvares da Costa, porque informou do desembargo do paço pelo theor seguinte: *Como vossa magestade pela sua real grandeza tem permittido que se imprimam os autos de Maria Parda, imperatriz Porcina e outros, parece-me póde permittir a impressão da vida de Santo Antonio, por Braz Luiz de Abreu, salvo* sempre meliori judicio.

§

SERMÕES E COMEDIAS

Algumas comedias de Goldoni são mais uteis no theatro de que muitos sermões em o pulpito. Deixem-me dizer uma piedosa blasphemia: são mais uteis que os sermões do padre Gouvêa e muitos mais. Espero que ninguem rasgue os vestidos, nem esta folha ao lêr semilhante blasphemia. No 3.º tomo de Goldoni, a 1.ª comedia *Il cavaliere y la dama*, é nobilissimo estimulo de honra e exemplo de castidade. Conheceu o author, a fundo, o caracter do theatro. Se o judeu Antonio José soubesse as regras theatraes, e aproveitasse seu grande engenho, seria um dos primeiros homens; mas a ignorancia e falta de probidade fizeram que, attentando sómente em fazer rir, perdesse de vista o aproveitar. Não attingiu o alto ponto de misturar o util com o dôce, antes caiu tanto, que enxafurdou na immundicie, e deveriam ser suas operas imitadoras da fortuna de seu author, que espirou tragicamente no fogo em Lisbaa, por desertor da lei de Christo [1].

1 Este frade que tão desassombradamente escrevia, não escrevia palavra em offensa do santo officio. Lá diz elle, n'outro ponto, que «sempre será bom estar bem entabolado com os inquisidores.» N'aquelle tempo, todo o odio apontava aos jesuitas. E' lastima que o homem lido em Goldoni e Shaskespear não tivesse uma palavra compassiva para a memoria de Antonio José da Silva!

§.

A ANDORINHA DO FRADE

O sr. D. João III, quando via travessura habil, dizia: «Por ahi andou frade...»

Lembra-me um conego regular de Santo Agostinho, conventual na Serra do Porto, que fica defronte do convento de Santa Clara. Alguns companheiros conservavam varios conhecimentos de mosteiro a mosteiro. Serviu-lhes muito tempo de admiração ouvir ao tal religioso pelas cinco da manhã repetir fielmente varios successos nocturnos das religiosas, a tempo que tudo estava fechado na serra, nem se via vestigio de creatura por mais que examinavam. Era o caso. Ia um trabalhador dormir junto ao convento de Santa Clara e levava em uma condecinha fechada uma andorinha, a qual creava os filhos em ninho junto á janella do frade; e entregue a andorinha a uma certa freira, escrevia ella pelas cinco horas, por exemplo: Fulana riu muito na cella de sicrana; fulana caiu á saida do côro; fulana teve uma indigestão de lagosta, ou qualquer indigestão de coisas assim innocentes. Fechado o escripto, pendurava-o no pescoço da andorinha, e soltava-a. Ella ahi ia como um raio ao ninho. O padre lia, e dava as novas. *O' curas hominum!...* [1]

1 Com estes frades das andorinhas não se inquietava o santo officio; nem o bispo do Pará os alcunhava de faltos de probidade, como ao hebreu Antonio José.

§

MUITO ALTA VAE A LUA!...

Achava-se no Porto, em certa casa de Cima-do-Muro, para vêr passar gente para o mosteiro da Serra, no dia da Assumpção da Senhora, uma fidalga e com ella a mulher d'um desembargador. Houve merenda, e bebeu de sorte a menina desembargadeira, que, no fim de tres quartilhos bem medidos, ficou tão sem juizo que fez uma saude (cuidando que só a ouvia a outra dama), brindando-a em voz intelligivel e portuguez claro, o que eu em periphrase francez direi, com horror, supprindo com diminutivo o que em diminutivo explicou a bebedinha: *'A la santé de votre petit affaire.* A fidalga, aliás honradissima matrona, corou, e, inclinando-se ao espaldar, disse: *Muito alta vae a lua!* Respondeu frei Lourenço Brandão: «Altissima!»

REFLEXÃO

Como foi moda enborracharem-se os fidalgos, tambem andou mui valido beberem as damas. Mas a snr.ª D. Monica, que era a matrona authorisada, lembrou-se sem duvida no que lêra algum dia no *Lereno desenganado* do nosso Francisco Rodri-

gues Lobo, onde o poeta poz em bocca do pastor Oriano a seguinte estrophe:

Adeus, Nizarda minha,
que se escurece o ceu e a luz me falta,
que para vêr-vos tinha.
A lua vae mui alta,
descem as nuvens tristes
para o fundo do mar onde me vistes.

Soube-se, ao outro dia, que carregaram os liteireiros com a dama para a carruagem. Que indecencia! que vergonha! e que consolação do marido ao dormir com um odre! Se elle a toireára, faria boas sortes; mas ordinariamente estas assim fazem toiros os maridos. Suppõem-se Cornelios Tacitos com toga os que não fazem exemplo por sua casa.

§

RODRIGUES LOBO

Esperava uma senhora a visita de pessoa que licitamente amava, e lhe promettera em um correio a ida. No seguinte correio avisou que não ia. A pena que lhe fez a falta explicou-a ella com as palavras de Rodrigues Lobo:

Tive enganos, por ventura
para sentir mais meu damno;
se é mal viver d'um engano,
como um mal tão pouco dura!

Este poeta é excellente em o lyrico, ainda que a primasia se concede em Hespanha ao nosso Jorge de Montemayor [1]. Morreu afogado no Tejo, e foi enterrado em S. Francisco da cidade na capella dos Queimados. Morrendo, diria talvez inspirado de melhor numen: «Formoso Tejo meu, quão differente...» etc. Queira Deus que tivesse n'aquellas correntes a de lagrimas para chorar quanto tinha cantado nas ribeiras do Liz e Lena, nos loucos amores da aya ou dama do palacio do duque de Caminha em Leiria [2], se não foram mais altos seus pensamentos, que emfim, se não foram de Icaro, pareceram de Phaetonte no sitio da sepultura.

§

AS DUAS CABEÇAS CONTIGUAS AO CHAFARIZ DOS CAVALLOS

Quando el-rei D. Pedro, o Cru, mandou enforcar um clerigo e a concubina com quem adulterava foi a tempo que o marido offendido estava em uma festa, por ordem d'el-rei. A este passo alludiam as duas cabeças que nas columnas das casas da rua Nova, junto ao chafariz dos

1 Lapso do frade. Se Jorge de Monte-mór nada escreveu em portuguez, com que documentos póde aspirar ao principiado da lyra entre poetas portuguezes?

2 Eis aqui uma novidade biographica; eu de mim não a sei d'outro auctor. Com estas inducções, póde ser que um agradavel estudo nas poesias de Lobo colha algumas inferencias.

cavallos, estavam como estatuas do aggravo e do castigo. Na mesma rua Nova se via outra cabeça de mulher e um mono de pedra: signaes do castigo que se deu a uma mulher que tratava bestialmente aquelle animal, o qual desamarrando-se do cêpo, a foi encontrar na egreja de S. Domingos, com tão desenvolta lascivia, que serviu de corpo de delicto. Isto sei de Agostinho Domingos no Pará, homem lido e de juiso, com 80 annos de edade, e que foi caixeiro na rua Nova, e conservador das tradições do bairro, emfim portacollo dos successos antigos.

§

DIOGO DE MENDONÇA CORTE-REAL

Depois que Diogo de Mendonça saiu da côrte e se acantoou em uma quinta nas visinhanças do Porto, foi declarado por decreto ter attentado contra a vida de um ministro. Aconteceu o caso assim: Tinha Diogo um compadre em Alemtejo, homem riquissimo, chamado o Toscano, que convidou um caçador, que fôra de Diogo de Mendonça, para que em sua companhia fossem ambos uma noite esperar ao secretario de estado Sebastião José de Carvalho, para lhe tirar a vida, promettendo ao caçador dois mil cruzados. Deu este parte; e Pedro Gonçalves Cordeiro mandou

fazer a prisão pelo juiz de fóra, que foi de Elvas, e hoje é ouvidor em Pernambuco com beca. Vestiu-se á castelhana o ministro, e montado em bom cavallo com um só criado capaz, foi ajustar uma compra de porcos com o Toscano; e, não se fazendo o ajuste entre ambos, mandou cercar a casa, e o segurou, havendo tiros sem mortes. Foi o Toscano para a bastilha da Junqueira, onde negou tudo, ainda mesmo acareado com o caçador. Nunca mais saiu. Teve o juiz de fóra o descuido de não lançar mão dos papeis, de sorte que já não estavam lá quando os mandaram buscar. Soube-se isto pelo paqueboteiro de Pedro Gonçalves Cordeiro, chamado Manuel Gonçalves, que o contou ao desembargador Feliciano Ramos Nobre Mourão.

REFLEXÕES

O descuido de deixar os papeis fez dizer a Pedro Gonçalves o ministro: «Perdeu vossa mercê a diligencia.» O caso era que das correspondencias se queria ardentemente saber qual era a de Diogo de Mendonça. D'aqui nasceu a grande cautella que havia em observar as pessoas que fallavam com Diogo de Mendonça, ou o iam visitar a Salrêo, padecendo, ainda que não innocente, sob o poder de capitães ou tenentes indignissimos, mormente um chamado F. Cachimbo.

Poucos visitaram Mendonça, e esses de baixa condição, porque os grandes, quando vêem um amigo na desgraça do rei, seguem a politica de o abandonar.

UM ERMITÃO

Tratei a certo homem que para salvar a vida se envolvia com habito de ermitão. Era este de nação estrangeira, e passava por Lisboa a outro reino. Era pessoa illustre. No dia dos seus desposorios, enfermou de uma maligna, e votou-se, por consenso da esposa, a recolher-se n'um convento. Ella mesma lhe facilitou e agenciou as dispensas; elle porém, dilatando-se, foi atravessado de um punhal em certo banquete. Melhorou e cumpriu o voto. Depois de estar alguns annos na sua ordem, succedeu ir visitar uma senhora sua irmã, e não a encontrando em casa, achou um fidalgo requestando-lhe deshonestamente uma sobrinha, filha de sua irmã. Disse este ao cavalheiro, sobrinho do duque de N.: *Não pensara yo, sr. D. N. que v. s.ª diece a mi sobriña semejante exemplo!*

Como os vicios andam juntos, levantou-se o fidalgo irado e descarregou no religioso uma bofetada tremenda. Estimulado o frade, mette mão a um canivete de aparar pennas, e com elle deu pela garganta do cavalheiro e o matou. Preso, duas vezes fugiu e na ultima veiu a Portugal. No

caminho taes insolencias lhe fez um moço de cargas, que o frade, pegando n'uma pedra, lhe atirou, e o deixou sem saber se morto se vivo. Angustiado o religioso com tal cadeia de infortunios, apartou-se do caminho para um bosque proximo, e com o mesmo canivete picou uma veia, e quando já a fraquesa principiava a desmaiar-lhe os sentidos, deu um grito por Maria Santissima. A quem deixou a Virgem de ser mãe piedosa? Reparou elle que alli perto corria um córrego d'agua, tomou a sangria com uma liga, e bebendo agua, arrastou-se até á estrada, até que emfim, com os trabalhos que se devem suppôr, chegou a Lisboa, e estando para embarcar-se, e muito enfermo, lhe vali no que pude.

§

MORTE DO BACITTO

A furia dos zêlos é cegüeira grande. Andou muitos annos em letigio o Bacitto em Lisboa com sua mulher, casta matrona á qual levantou a aleivosia de adultera. Deu contra ella 80 testemunhas; todos depuzeram contra elle. Sem exceptuar os confessores, até na egreja da Estrella a zelava. Emfim venceu a innocente mulher e por sentença foi ellé obrigado a dar-lhe o dote de vinte e cinco mil cruzados. Vêndo-se sem di-

nheiro e sem o imaginario peso da cabeça, atirou-se a um poço da sua quinta, junto á Estrella, e morreu em 16 de setembro de 1750.

§

POBRE RELIGIOSA!

Em 3 de junho de 1749 morreu na enfermaria de Santa Clara, de cuja santa era freira professa, uma mulher de quarenta annos, de elegantissima presença. Acabou no hospital real de Lisbôa, fugida de certo convento de Portugal, dezesete annos antes, ao quarto anno de professa. Pareceu bem disposta para a morte. Confessou-se a frei José Troyanno, da congregação do Oratorio. Outro caso similhante succedeu ao mestre Coutinho, cisterciense, com outra freira, a qual, para se enterrar com o habito, fingiu ser devota de S. Bernardo, em Lisboa. — Effeitos de metterem as filhas á força nos conventos. Leiam o marquez d'Argens em uma de suas cartas, e *Le tableau du siècle*.

§

O MALAGRIDA POETA

Gabriel Malagrida, que morreu queimado em

Lisboa, costumava dizer que, se fosse secular, certamente se perdia pela ambição que conhecia em si. Isto me disse um dos jesuitas que ficaram no Pará. O que todos lhe admiravam era a notavel promptidão em compor em verso. Algumas operas vimos que, ainda imperfeitas no borrão, tinham merecimento. D'elle são os seguintes versos para uma composição musical a quatro vozes, de cujos sentimentos se aproveitou bem pouco ao morrer impenitente:

Perdon, caro Gesù,
Pietà, mio Dio;
Prima di peccar più,
Morir vogl'io.

Perchè siete, ó Signor,
Bontà infinita,
Detesto l'impio error,
L'impia mia vita

Non più, non più peccar!
Vada ogni bene;
Son pronto anche a provar
Tutte le pene.

Como possibil fù
Ch'io t'abbia offeso,
Amato mio Gùesù,
E vilipeso?

Con un vero dolor,
Mi dolgo e pento;

Piango di vero cor
L'impio ardimento.

Lo propongo, il farò,
Dolente in tanto;
Il pegno ve ne dó
Con questo pianto.

§

O VISCONDE DE PONTE DO LIMA

A prisão d'este visconde, embaixador que foi em Castella, e morreu no castello da Foz, originou-se assim: Estavam os ajustes da colonia em pratica e termos de se entregar da nossa parte, com a resulta de ficar Portugal com tres leguas de barreira pela raia de Galliza dentro, em que se comprehendia Vigo, Tui, Ciudad Rodrigo e outras terras. Havia de verificar-se primeiro o casamento do snr. infante D. Pedro com sua sobrinha. Instava n'este ponto o visconde de Ponte do Lima, empenhada a rainha de Hespanha, D. Maria Barbara, pelo embaixador, a favor do infante de quem era irmã. Como se mostravam cartas da condescendencia da nossa côrte n'este ponto, e depois se duvidava verificar a promessa, resentida a delicadesa de que suppuzessem que nos obrigavam, dizem fôra resolução de el-rei catholico (em cujo coração ti-

nha despotico dominio a rainha), que marchassem tropas sobre a fronteira de Portugal. A guerra ficou em ameaças. Os infantes casaram, e ao mesmo tempo eram presos o visconde, o conde de S. Lourenço e seu sobrinho Thomaz Telles, como suspeitos de fazerem bandos de descontentes contra o estado e em lisonja ao infante. Diogo de Mendonça Corte Real tambem perdeu n'este jogo.

§

A DEVOÇÃO Á SANTA VIRGEM

E' constante tradição que sempre no convento de Alemquer está um religioso de virtude, mais que ordinaria, com que a côrte costuma ter grande devoção. E, com effeito, assistindo eu a um moribundo de primeira plana em Lisboa, pareceu notavel a casualidade de chegar o padre da benção de Alemquer, a tempo que poude ajudar-me, resando o officio da agonia, emquanto eu auxiliava o moribundo com actos proprios d'aquelle instante. Fôra este dado a travessuras de mocidade, com magua de seus religiosissimos paes e esposa, e com sentimento da visinhança, e grande escandalo de Lisboa. Mandado eu chamar, me disse o enfermo estar mais perigoso do que se imaginava, e me pedia o ajudasse a confessar-se como devia. Assim o fez com pausa,

seriedade, e a meu vêr sentimentos entranhaveis. Feito isto, pediu o sagrado viatico que lhe administrei, com licença do parocho, no seu oratorio. Depois me pediu que lhe escrevesse uns apontamentos para os entregar a quem governava a casa. Concluindo isto, disse: «Ajude-me a bem morrer, já, com actos de contricção, fé, esperança e caridade.»

No espaço de um quarto de hora passou á eternidade.

A todos pareceu que morrera edificantemente, e pensativo nas misericordias do Senhor e escandalos publicos de sua estragada vida. Vim depois a saber que o enfermo era devotissimo da Immaculada Conceição de Maria Santissima Senhora Nossa. Soube mais de sua mulher que andando este fidalgo inquieto nas visinhanças do mosteiro de Chellas, zeloso por vêr em o sitio certo rebuçado, mettera mão á espada, em que era destro e valente soldado. Vendo-se o incognito accommettido lhe deu um tiro, e errando-o virou as costas, porém, caindo, disse: «Valha-me o Santissimo Sacramento!» Parou o fidalgo e disse: «Valha! Levante-se, snr. e vá com Deus.» Em a noite seguinte o esperou, para lhe tirar a vida, o mesmo a quem elle como catholico e cavalheiro a dera, mandando-o levantar. Disparou-lhe um bacamarte ou roqueira. Escapou da morte, e o homicida salvou-se na agilidade dos

pés. Então se recolheu, e desmontou á porta de um convento, onde costumava resar as suas orações a qualquer hora da noite ao Santissimo Sacramento.

O' hóstia saudavel, que abres as portas do céo, e ao homem dás forças para que a si se vença! Como faltarias a quem te adorava? Compadece-te da fraqueza e ignorancia do homem, já que és pão de entendimento e pão dos fracos. Graças te sejam dadas, pois és o cordeiro de cujo throno promanam as aguas puras, que fazem aborridas as cisternas incontinentes, e banham os peitos fracos, limpam as consciencias impuras, e se deixam gosar nas ancias dos sequiosos d'ellas! Maria, formosissima estrella, sem macula! Esther sagrada, para quem se não fez a lei da transgressão...

§

SERMÕES

Dizia um grande prégador em Coimbra aos collegiaes do seu convento em Santo Antonio da Pedreira: «Ha quatro generos de sermões: Sermão bom-bom; sermão mau-mau; sermão bom-mau; e sermão mau-bom. O sermão bom-bom é o bem feito e breve; o sermão mau-mau é o mal feito e grande; o sermão bom-mau é o bem

feito e largo; o sermão mau-bom é o mal feito e breve.

PARAPHRASE E PARERGON

Sermão bom-bom póde ser por excepção alguma vez o que é largo. Se o prégador é excellente em dizer, parece breve a quem escuta. Os sermões de missão, se o missionario é douto, e tem sal junto com grande conceito, não são grandes ainda occupando duas horas. Taes eram os de frei Paulo do Varatojo, os de frei Manuel de Deus e os de frei Affonso dos Prazeres.

O sermão mau-mau — mal feito e comprido — é pessimo. Em vez de se darem a Deus, os ouvintes estão dando ao diabo o prégador, ou já creem que o proprio demonio lhes falla.

Sermão bem feito mas grande é como banquete esplendido de iguarias delicadas e substanciaes; come a gente com gosto, mas em meio do banquete está saciada e talvez com fastio; e, se o tempero ou falta de sal desagrada, mais cedo chega a nauzea. Os prégadores que dizem bem são luz do mundo; mas, se dizem muito e sem graça particular, não os julgo sal da terra; são uns semsaborões.

Frei Raphael da Purificação, doutissimo orador, dizia de um sermão que ouviu: «Se eu me empenhasse em fazer similhante collecção de

despropositos, certamente o não conseguiria, e mais dizem que tenho habilidade e engenho.»

OCULOS

Os oculos de que usam os portuguezes são objecto de galhofa nos paizes estrangeiros. Mr. de la Brue, na *Viagem a Cacheu em* 1700, pinta um portuguez com um esmerelhão ou bacamarte esperando outro para o matar, pondo primeiramente os oculos e atacando-os com prisão ás orelhas. O author do livro intitulado *Le Voyageur* faz outra reflexão similhante. Algaroti tambem zombeteia dos oculos portuguezes.

Que a nação padece falta na vista é certo, e presumo nascer de ter horisontes muito claros. No Pará experimentam os europeus diminuição muito sensivel. Póde ser que a claridade, calor e vista da agua, objecto tremulo e como scintillante ao brilhar ferido da luz, concorra muito. Os padres benedictinos em Coimbra fazem-se reparaveis por nenhum deixar de trazer oculos: o certo é que argue falta de vista e mortificação. Use-se d'elles para o preciso; porém oculos perennes são desnecessarios. Parece affectação como se a authoridade consistisse n'isso. Grande mal fazem os prelados em consentir similhante ridicularia a rapazes, salvo no côro para cantar e rezar. Os mariannos são n'isto bem adverti-

dos. A mim me consentiram os meus padres para a falta de dois graus de vista o uso que me tirou mais: hoje vou emendando; e o peior é que o oculo de punho parece moda, como se, pelo ser, fosse vaidade.

REFLEXÕES

Conheci um monge chamado frei Cypriano, natural de Myragaya. Foi este condiscipulo do mestre frei Ignacio de Jesus, em Basto, onde lia philosophia o mestre frei Isodoro de Santa Anna. Encontraram-se os discipulos em ferias, e como frei Cypriano andasse com solideu e occulos, perguntado, respondeu ao condiscipulo: «Amigo, isto é *propter farsollam.*»

Já o Quevedo no seu Grão-Tacanho, pintando-o em habitos de benedictino, lhe encaixa no nariz uns oculos. Muitos tacanhos cuidam supprir com oculos a falta de corpo, como se o respeito não tivesse maior e mais nobre origem na probidade, modestia e litteratura.

Tambem Miguel de Cervantes descreve a D. Quixote encontrando no campo de Montiel *dos benitos con sus anteojos de camino*. Querer parecer douto com oculos é necedade que se vê atravez dos vidros. Dizia um estudante em Coimbra, grande investidor (e d'aquelles a quem o Lozano nas *Soledades da vida*, chama *hampones del rumbo*) a um novato, sustentando por mais

authoridade uns oculos no nariz: «Vejo um asno diante de mim.» Responde o innocente: «Não é muito que os oculos lhe sirvam de espelho.» Ficou tão mudo o investidor, como outro que na ponte, encontrando dois recolletos da franciscana, se chegou a um d'elles e lhe perguntou: «Vossa paternidade toca viola?» O meu santinho, pondo-lhe a mão no hombro com astucia serpentina por modo de alegre simplicidade, respondeu: «Não, senhor, toco machinho.»

Em o livro *Descripsion de Lisbone* tambem os oculos dos portuguezes vem á dança. Dizia um hespanhol e m'o repetia o padre frei João Chrysosthomo de Carvalho muitas vezes: *Esto en los portugueses ó es astro ó es mania.* Fique-se em problema.

§

MADAME SALVADOR

Com sentimento grande do snr. rei D. João v se descompoz a grande ideia com que viera e se conservava em Portugal o embaixador de Hespanha duque de Sottomaior, tendo-se assentado que em Lisboa se faziam as pazes. Recusaram inteiramente os inglezes a mediação do rei de Portugal, porque, havendo de correr principalmente as negociações por mão de D. Luiz da Cunha, chamado o *Deão dos embaixadores*, suc-

cedeu que se foi apoderando d'elle a célebre madame Salvador, que, sem os agrados da edade, teve os attractivos de penetrante juiso, felicissima explicação, e dominio sobre os affectos de D. Luiz; de sorte que, vivendo com elle, abria os massos do rei quando chegavam de Portugal e lia as cartas. Perceberam isto os inglezes, e não desconfiando até alli de D. Luiz, recearam que esta Omfale mettesse a roca na mão a Hercules, sendo partidaria de França. Teve D. Luiz a mortificação, tres mezes antes de morrer, de lhe mandarem tirar de casa esta *má-dama*. Foi-se para Hollanda a creatura em companhia de D. José de Noronha, irmão do conde de Valladares. D. Luiz morreu logo, na lei em que viveu, que ainda se não assenta qual fosse.

§

GREGORIO DE MATTOS

Fez Gregorio de Mattos em Pernambuco uma satyra universal aò clero e religiões. Escapou-lhe um clerigo, por lhe não occorrer e viver fóra da cidade. Foi este simples sacerdote procurar o poeta e agradecer-lhe muito não o metter na satyra. Perguntou-lhe o Mattos o nome e onde assistia. E depois accrescentou: «Reparou v. m., na obra, n'um *multitudo cavallorum* que lá vem?»

— Sim, snr. — disse o clerigo. «Pois alli está v. m. mettido,» — concluiu o mordaz poeta.

REFLEXÃO

Morreu como impio, sem embargo de o exhortarem padres muito doutos, chegando o bispo de Pernambuco a ir pessoalmente dispôl-o. Recebeu o prelado, dando-lhe as costas, e virando-se para a parede. Instado por aquelle benigno pastor que se animasse e pedisse perdão a Deus, voltou-se, e vendo-lhe na mão um crucificado com os olhos cobertos de sangue, proferiu tão impia como jocosamente o sabido quarteto:

Quando meus olhos mortaes
ponho nos vossos divinos
cuido que vejo os meninos
de Gregorio de Moraes.

Os meninos d'este Gregorio de Moraes, seus visinhos, traziam os olhos inflammados. Intempestiva e indecente allusão! E assim morreu [1].

1 Gregorio de Moraes Guerra morreu em 1696, aos 73 annos de edade. Escreve o snr. Innocencio Francisco da Silva que o poeta morrêra com «grandes mostras de contricção e arrependimento, se é verdade o que affirmam os seus biographos.» Não nos edifica o arrependimento de Gregorio de Mattos, se fechou a vida com a copla celebrada pelo bispo do Pará. A meu vêr, a impia memoria do mordente brasileiro explica o silencio do abbade de Sever, justamente arguido pelo citado bibliophilo.

§

EPITAPHIO D'UM PATRIOTA

Com penna cruel escreveu um portuguez em 1612 a satyra contra os favorecedores das ideias castelhanas, os quaes, sendo portuguezes, eram contra a patria. Fallando de D. Luiz de Lencastro, residente em Madrid, finge que elle se achava moribundo de susto, quando sentiu um terramoto politico, e diz assim: «D. Luiz de Lencastro, depois de acabar alguns bilhetes, como costuma fazer á noite, de madrugada e de manhã em damno do proximo, tomou-o o terramoto, quando elle estava pensando no remedio que teria para D. Belchior de Teiva lhe não tapar a boca no conselho. Caiu no chão e deixou as calças mal limpas e peor perfumadas, de mêdo que teve, não de Deus porque o não conhece em conformidade de alguns avós; e, tornando em si com empuxões que lhe dava seu filho D. Francisco, mais com desejos de o acabar que de lhe dar vida, mandou logo que lhe chamassem a Gaspar Pegado, a quem sempre tratou e achou achegado a seus intentos, o qual lhe aponta com rasões de direito, tendo a cabeça torta e a alma pouco menos. Fechou com elle seu testamento, em que se não trata, segundo se affirma, de restituição

alguma, porque sendo infinitas desesperou assombrado d'ellas... Acabo com dizer a vm.ce que se mandou enterrar este snr. em uma casa sua que se chama a *Galé*, e o letreiro que deixou para a sepultura diz assim:

Aqui jaz um vil traidor
de Mafoma descendente,
que só vivia contente
com ser o malsim maior.
Sempre intentou e soffreu
todo o mal e todo o damno;
tanto tinha de tyranno,
quanto teve de judeu.»

REFLEXÃO

Se algum leitor escrupulisar sobre dizermos o que fica escripto e fôr de *los medios doctores*, de quem Santa Thereza pedia a Deus que a livrasse, advirta que não dizemos coisa que não ande pelos livros genealogicos; e, sendo coisa sabida, não descobrimos defeitos do proximo; quando muito celebramos o desfastio no modo de dizer; e, assim, não prejudicando gravemente ao proximo, cessa a censura de libello famoso e a energia das LL. civis e doutrina dos GG. que cita e expõe copiosamente Themudo em uma de suas *Decisões*.

Nem se diga que, além do sangue, se falla

em vicios particulares de homens mortos, e que ainda aos defunctos se perdoa, quando até aos condemnados se attribue o ter direito á sua fama em opinião provavel que referem os PP. salmanticenses. Por quanto, dado que fosse tal opinião verdadeira, a respeito dos que foram escandalos, suppõe-se na noticia que demos publicidade, pois conforme o conhecimento que havia dos genios e obras, se applica o chiste que deixaria de o ser, não estando clara a allusão do defeito...

E' bem verdade que justamente se manda riscar na vida de Petrarca o dizer-se que o pontifice lhe mandou offerecer o cardinalato, com tanto que lhe entregasse uma sua irmã formosissima donzella. E' justissima a prohibição do livro *Espião turco*, bastando a especie de que o pontifice Leão x dizia: «Esta fabula do Christo muito nos tem rendido!» por quanto estas especies são fabulas de heterodoxos; e, se fossem verdades (caso negado) não deviam os filhos revelal-os (*revelare pudenda patris*), maxime dentro da mesma área da egreja: bastam os combates de fóra, que já passam de vinte e cinco as tormentas que sustenta esta purissima mãe. Quando as cousas são muito publicas, soffre-se pela fé da historia correr a pena de Burio e dizer de certo papa pelo seu nome que fóra *insignis scortator* [1]. Não

1 Devasso insigne.

só elle escreve com livre penna, que tambem o fazem authores catholicos. Louvemos o padre Cavalcanti, que escreveu as *Vindicias dos summos pontifices.*

MIUDEZAS

Uma pessoa conheci riquissima em Lisboa, e depois a vi mendigar. Viera de Angola, onde trazia de noite escravas a prostituirem-se por dinheiro que levavam a seu amo. A riqueza assim havida acabou na prostituição das filhas de quem a ganhára tão infamemente.

*

Caminhava já para a forca um gallego em Santarem, quando lhe chegou o perdão. Passados tempos, encontrou-se com um santo religioso qué o ia auxiliando n'aquelle fatal passo, e reconhecendo-o, perguntou-lhe: «Su reverencia iba delante de mi quando me llebaban a la horca?» Sim, filho — Deu dois passos atraz o gallego e disse: «Assi te guie Deus, como tu me guiabas a mi...»

*

Conheço homens para quem tudo o que lhes desagrada é pedanteria ou pedantismo (palavra inventada ha pouco). Que coisa seja, veja-se

Meuken na *Charlatanaria eruditorum* e Verney na *Logica*, ubre de pedantismo. Acho, porém, graça ao inglez Adisson, author do *Socrates moderno*, onde, criticando estes criticos, e mostrando a variedade de pedantes, no caracter do doutor Honeycombo descobre um; pois lendo este certa composição sua sem orthographia, disse a um dos ouvintes, que o censurava, — que não era pedante, e escrevia como cavalheiro e não como letrado. A desculpa é tão extravagante como a de um mouro em Coimbra, que estava no collegio de S. Bento; e, vindo de fóra com signaes de não ter bebido agua, desculpou-se ao abbade que *beber vinho porque já não estar moro*. Dizia o abbade ironicamente: «Estar bom catholico ás direitas...»

*

Quando o infante D. Manuel passou no Bussaco, na volta de Vienna, comeu no refeitorio. Foi-lhe ministrado o comer em louça amarella. Deram-lhe caldo, peixe secco e uma bogasinha, fruta de espinho e mais nada. Contou-m'o o snr. bispo de Funchal, que assistiu e comeu.

*

Quando o conde de Castello Melhor, valido de Affonso VI, assistia á snr.ª D. Catharina, rainha

da Grã-Bretanha, se viu el-rei consternado pelos parlamentarios, que lhe significaram era indispensavel declarar á lei que seguia. O Castello Melhor — que conhecia os parlamentarios e as differentes religiões que seguiam — disse ao principe perplexo lhes respondesse que elle se queria declarar pela melhor; por conseguinte, lhes dissessem qual era a melhor religião.

Metteu-os em tal discordia, que não se decidiu nada. Carlos morreu catholico. Foi um benedictino o confessor.

*

Não aconselho que se acceitem nos conventos a professar muitos fidalgos da côrte; porque me lembro de frei Placido de Sousa, frei Pedro de Sousa [1], frei Jorge de Carvalho e frei Gaspar Barreto. Rarissimo é o que sae como frei Affonso dos Prazeres e frei Miguel de Tavora. Distinga-se entre vocação e motivos de arrumar filhos para arranjar a casa. Para mim tenho que as prendas em grau relevante ennobrecem; por isso o cirurgião Eliot pretendeu no uxoricidio, isto é, no assassinio de sua innocente mulher, ser de-

2 Fr. Pedro de Sousa, da casa das Minas, monge no Brasil, sendo corista, matou o prior porque lhe chamou malcreado, em capitulo. Fugiu para a Alemanha, onde militou 22 annos, e subiu aos mais elevados postos. Declarou-se afinal ao imperador, e o papa perdoou-lhe. Voltou para o Brazil. Conta-se que, durante um anno, o monge assassinado foi á meia noite resar com elle no côro.

golado, por insigne na sua arte além de cavalleiro da ordem de Christo; porém, nem o rei nem o ministro Bacalhau estiveram por isso [1]; é, todavia, certo que o direito qualifica e ennobrece aos insignes de humilde nascimento. E, se nas prendas de grande organista, de bom contraponto, de boa voz ajudada de sciencia, tem logar o privilegio, um bom philosopho porque não entra no concurso dos nobres? A honra do sangue excede-a a da cadeira, a do livro bem composto, etc.

*

Contava João Pereira da Silva que um fidalgo diante de outros, encaprichados da sua nobreza, dizia: «Os fidalgos, se cavarem, á primeira cavadella hão de achar m...» Um acudiu abespinhado: — Não diga isso v. s.ª — Replicou o outro: «Isto digo eu de mim e de outros como eu; que vv. s.ªs e outros assim encontram a tal historia á primeira cavadella.»

*

Em uma gazeta se lia que o inglez estava na

1 A sentença é datada em 8 de janeiro de 1733. O douto litterato I. Francisco da Silva dá noticia d'esta sentença manuscripta, a pag. 283 do 7 vol. do Dicc.: «Sentença da relação de Lisboa contra Isaac Eliote, cirurgião, e seu criado Henrique Rutier ambos enforcados por terem matado D. Antonia, mulher do primeiro réo, e fr. André, frade trino, a titulo de adulterio.»

*

resolução de conservar o equilibrio da Europa. Dizia em tal caso um innocente homem, que apertava e cingia faim na casa do café em Lisboa: «Emquanto não casar o Equilibrio com uma filha do imperador, não ha de haver paz na Europa.»

*

O snr. D. João v não gostava do estylo de Vieira; e ao desembargador Bacalhau, muito apaixonado d'aquelle orador, dizia o rei: «Tambem gostas de trique-traques?»

*

O padre Alexandre de Gusmão expurgou a *Arte de amar* de Ovidio. E procurando o padre Vieira n'ella um verso, ao vêr as emendas, exclamou: «Que idiota! que ignorantão! que bebado!»

*

Diz Ignacio Barbosa que, antes da fortuna da Azia, eramos uns manchêgos na reputação das nações. As nossas historias, postas em francez e inglez, nos deram nome. Não assinto de todo, distinguidos os tempos. Para com os romanos fomos valentes em tempo de Viriato. Silio o diz; escreveu-o Tito Livio e outros. Para com hespa-

nhoes sempre fomos briosos; aos africanos terriveis; os inglezes contaram acções nossas em romances seus, e foi Londres theatro das aventuras dos doze portuguezes. Manchêgos seriam estes, por terem na cabeça as ideias de D. Quixote, no desaggravo de donzellas.

*

O livro *Memorias reconditas* que, sendo impresso em Villa Franca de Niza na Saboya, traz logar de impressão em Hollanda, é do padre Antonio Vieira, bem que alguns o imputem a um promotor do santo officio de Evora, de appellido Lampreia.

*

O snr. Antas, arcebispo de Lacedemonia, me contou que certo ministro detivera os autos de um pobre, mas resoluto homem, dois annos em Lisboa. Desobrigava-se o ministro na Quaresma com o padre Alexandre Duarte da companhia, em Santo Antão. Estava do lado o litigante e quando o padre principiou: *Misereatur tui...*, sáe como um raio, dizendo: «Tenho embargos n'essa absolvição por este e aquelle motivo.» Mandou-o o padre calar, recolhendo-se com o

desembargador. O resultado foi o despacho dos autos e duzentos mil reis ao homem para gastos da demanda ou satisfação dos que fizera na demora.

*

O cavalheiro José Adisson, nascido em 1661 e fallecido em 1717, assim que a saude lhe foi escasseando, demittiu-se de secretario de estado. Em Portugal é necessario que um secretario estuporado o vá desenganar o confessor de El-Rei, mandando-o ficar na sua quinta em 1761.

*

Morreu D. Lourenço d'Almada pobrissimo, não só pelas sangrias que lhe deu, com ordem de El-Rei, D. Diogo de Mendonça, na veia d'arca; mas porque fiou ao judeu Liz em Hollanda o seu vastissimo cabedal para que o mettesse no banco. O Liz fez um palacio, deu frequentes concertos de musica, banquetes, damas, etc. *Malè parta malè dilabuntur* [1].

*

D. Francisco Manuel de Mello morava em Lis-

1 O mal adquirido mal gastado.

boa junto á *casa dos bicos*, e Jacintho Freire ás portas de Santo Antão [1].

*

Hoje 21 de agosto de 1761 fiz embarcar para Portugal dentro de 24 horas o padre frei José Capellão, para lhe evitar ser morto ou matar, termos infalliveis, pela injuria que fez atirando com um copo á cara do capitão, a quem feriu no sobrolho.

*

João Jacques de Magalhães deu a essencia de ambar ao snr. D. João v, de que resultaram os sabidos effeitos para os quaes o acompanhava um Manuel da Costa. Dizia o doutor Bernardes, seu physico-mór: «Cureo-o João Jacques que sabe o que lhe fez, e Manuel da Costa que sabe o que elle fez.»

*

O conde de Tarouca, á vista do seu grande palacio reduzido a cinzas, compoz o seguinte soneto:

1 D. Francisco Manuel tambem morou no Rocio. Elle o diz na Carta x da Centuria I. «Folgo de viver, já que posto ao canto, n'este canto do Rocio de Lisboa...»

Voraz incendio, horrivel instrumento
de estrago, não me afflijas! determino,
tolerando a inclemencia do destino,
disputar-lhe o poder co'soffrimento.

Cruel ou brando, arrebatado ou lento,
erras por indulgente ou por malino;
se obras como castigo, és mui benino,
se offendes como acaso, és mui violento.

Nada me altera o golpe exorbitante;
que em mim ser venturoso ou desgraçado
produziu sempre effeito similhante.

Mais me temo a mim mesmo do que ao fado;
receio tanto o excesso de constante,
que degenera o firme em obstinado.

*

Contou-me o conde de Oeyras, que, sendo hospede de Leopoldo aquelle sobrinho que depois foi Augusto II, rei da Polonia, o confessor do imperador como quizesse separar o archiduque (depois imperador José) da amizade com o primo luterano, fingiu uma alma do purgatorio, que de noite fazia suas advertencias ao rapaz, e todas concluiam: *Foge do teu primo herege.* Soube o herege da farça e foi esperar o phantasma branco, o qual ás horas costumadas entrou no quarto do archiduque. Sae de traz das cortinas Augusto, que era agigantado. Aperta-o nos bra-

ços, e a alma exclama: «Deixai-me que eu sou associada do reverendo padre confessor.» E Augusto diz: «Alma do purgatorio, vae para o logar d'onde vieste!» e, lançando-o por uma janella á rua, o mandou para o ceu ou para onde Deus foi servido.

*

M.me de Montagnac, mulher do consul de França, jogava no sitio da Luz, na quinta do Reiçand com o marquez de Louriçal D. Luiz, sendo elle ainda conde de Ericeira; e querendo apodar madame lhe disse, tendo cada um sua carta na mão: «Quereis saber como se chamam as *damas* em Portugal? Sottas. (Em francez *sottes* é tolas). Diz a Montagnac promptamente: — Não me admiro, quando em Portugal se chamam os condes *cavallos!*» e mostrou a carta que era um *conde*, assim como a carta do conde foi uma *sotta* [1].

*

Carlos Martin, presbyteriano, [2] e acerrimo no

1 Estas denominações ainda hoje vigoram nas provincias do norte. Aos «condes» do baralho já vão chamando tambem «burros.»

2 Com este aconteceu a impia travessura seguinte: Veiu em uma gazeta que o andgrave de Hassia Cassel quizera atropellar uma procissão em que ia o Santissimo Viatico; mas o bruto reverente não obedeceu á espora posto de joelhos até passar o Santissimo. Argumentava Manuel dos Reis com este facto. Não lhe occorrendo á critica o subterfugio de casualidade, dizia o Carlos. «E's mau philosopho; porque eu infiro d'ahi que o landgrave era lutherano e o cavallo catholico romano.»

Tal espirito tinha o clerigo, que morreu um Lisboa queimado.

seu dogma, morava em Lisboa com o doutor Manuel dos Reis Pereira; ambos bons letrados e sabios na controversia, disputavam continuadamente. Dizia o herege: «Manuel dos Reis tem bom juiso. Ainda o hei de converter.» Soube-o o companheiro, e disse-lhe: — Olha, eu gosto de ti como um bebedor de vinho; porém, quando vê que lhe vae fazendo mal, pega no frasco e atira com elle á rua. Riu-se o inglez.

*

D. João v, no tempo da sua cegueira e libertinagem, quando ia para Odivellas, rebuçava-se até ao Arco dos pregos; ahi descobria-se, e dizia o Coculim: «Alli perde a vergonha.» Na vespera dos Passos se foi collocar ao lado da imagem do Senhor, vestido de pobre para vêr de perto as fidalgas, que alli costumam ir. Dizia-me a snr.ª D. Herculana Coculim: «Vi eu, viu a condessa de S. Vicente e minha prima Constança de Menezes assim a el-rei.

*

Terrivel desafogo teve a condessa de Coculim! Foi o caso: Quiz um seu filho casar com a herdeira da casa da Torre na Bahia. Dois fidalgos requestavam-lh'a, e elle para os afastar disse que

a dita herdeira era judia, e entregou a medalha e venera ao santo officio. Casou, e querendo-a rehaver, escreveu á mãe. Foi a condessa ao cardeal da Cunha expor-lhe a rapazia e a dependencia. O cardeal não assistiu; e, vêndo-se apertado, disse que o santo officio não era guarda-napo de limpar nodoas. Respondeu a Coculim: «E' rodilha de limpar bacios.» Valente desatino!

*

O cardeal Sousa desejou unir á sua grande quinta uma pequena porção de terra de um cavalheiro de Villa Franca de Xira, que sempre resistiu. Os parentes Arronches e outros diziam: «morra o homem!» Um padre trino confessor do cardeal tomou á sua conta persuadir o cavalheiro; e para este fim principiou dizendo-lhe que estava condemnado á morte e elle lh'a impedira. Respondeu o cavalheiro entre choroso e soccarrão: «A pena que tenho é não poder fazer a vontade a s. em.ª, porque, conforme a ordenação, o condemnado á morte não póde fazer contracto nem testamento.

*

Paschoal de Pontes, avô de Thomé Joaquim de Pontes, matou em Angola sua mulher. Casando outra vez, deu como prenda do seu amor

o que fôra instrumento do seu odio—o punhal—á esposa; a qual, bizarramente honrada, o prendeu em um laço e poz ao peito.

*

Hontem 16 de setembro de 1759 se embarcaram em duas naus de guerra 132 jesuitas desnaturalisados pelo caso da conspiração contra o rei.

*

Encommendou D. João v a um padre caetano (cuido que foi a D. Manuel Caetano de Sousa a quem succedeu D. José Barbosa) escrever a historia da casa de Bragança; e, reparando na detença, disse-lhe o padre que se achava embaraçado. (Suppondo seriam as bastardias os embaraços.) Mas o rei, com grande desafogo, respondeu: «Que! Algum barbadão? Diga o padre que sou rei; o mais não importa. A dignidade real é a pia baptismal dos peccados originaes.»

*

Perguntava um genealogico em Lisboa a um velho da Barcarena de 80 e tantos annos, se conhecêra Foão (era este um cavalheiro de conhecida nobresa). Respondia o velho que sim, por

ter vivido em uma quinta sua, onde haviam duas azenhas. Mandou o genealogico logo escrever na arvore do cavalheiro a seguinte nota: *Moleiro.* Acode o velho: — Não, senhor, o moleiro fui eu do dito fidalgo. — Contou-m'o Sebastião José de Carvalho, a quem Felix Machado, marquez de Montebello, persuadia qua fosse genealogico. Defendia-se Carvalho dizendo: «Não, senhor, por que ficarei peor que alfaiate ou pedreiro, porque a estes homens se dá credito em juiso quando são chamados para louvados, e das certidões de genealogias nenhum caso fazem os ministros.» Houve ahi genealogico que em certa arvore de um fidalgo, que tinha uma filha dama do paço, notou a esta de prostituida. — Como assim? — lhe perguntava um amigo; e elle respondeu: «Não reparaes, quando acompanha a rainha, aquelles movimentos de corpo que ella faz?» Assim o ouviu o monsenhor Leitão.

*

O sepulchro de Egas Moniz e seus filhos, em Paço de Souza, foi desfeito, e debaixo d'um presbyterio sem epitaphio se metteu uma canella, sendo abbade frei Manuel das Neves [1].

1 Desfez-se o sepulchro entre 1740 e 1743. Frei Manuel das Neves governou n'este triennio.

*

A bulla de *Puritate* de Pio v foi pedida a instancias dos jesuitas favoraveis á Hespanha para excluir o snr. D. Antonio, filho da judia Pellicana. No levantamento de 1640 não concorreu jesuita algum, e no levantamento de Evora sairam dois a dois a fazer cortezias pela cidade, rindo a uns e a outros. O levantamento do snr. rei D. Pedro e deposição do snr. rei D. Affonso foi meada dos mesmos padres com Vieira, e se infere das cartas d'estes. Foram cabeças com Cadaval os condes de Santa Cruz, de S. João, d'Atouguia, destruindo o conde de Castello Melhor. Agora, vejo a casa de Cadaval abatida em honra e fazenda, e os netos das outras casas justiçados, e um conde valido (Oeiras) instrumento nobre da justiça!... Caiu no terramoto o palacio de Cintra, ficando em pé o quarto que serviu de prisão ao snr. D. Affonso. Calavam os homens, gritavam as pedras, e o sangue do defuncto Abel!...

*

A condessa de Villa-Nova e Figueiró foi o objecto das affeições de D. Francisco Manuel de Mello. Allude a ella quando diz: *Nuevo la vi.* D. João IV, querendo provar a fidelidade de D.

Francisco, persuadiu a condessa que o tentasse. D. Francisco Manuel, para lisongeal-a, disse que seguiria o partido de Castella. Foi preso. Assim m'o revelou o conde de S. Lourenço [1].

*

Conheci na ordem de n. p. S. Bento um padre antigo fr. Roque, o qual contava que, sendo collegial e indo a ferias se embarcára varias vezes com um barqueiro que exercitára em Aveiro cinco annos este officio, sendo monge benedictino. Apostatou porque o fizera recolher e viver no mosteiro. Por fim, procurou a ordem, e se recolheu ao convento de Pendorada, o mais triste e amoldado á penitencia, onde a fez de seus peccados e morreu santamente [2].

*

O marquez de Castello Rodrigo imprimiu em Roma a Nobiliarchia do conde D. Pedro, só para supprimir aquillo de Ruy Capão, judeu de quem descende muita fidalguia portugueza.

1 Se o caso é verosimil, ahi está dilucidado o mysterio do longo encarceramento do grande escriptor. Repugna crêr tão estupida perversidade em João IV!

2 Se o bispo se lembraria de ir, desterrado, morrer no convento «triste e amoldado á penitencia!...»

*

O duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira não quiz comprar as *Memorias genealogicas* de Christovão Alão de Moraes dizem que pela liberdade com que o author qualificava as pessoas de quem escrevia. Creio que foi por não dar os 600$$000 reis que se pediam. Certo é que o tal duque fazia diario das indecencias e miserias de muitas pessoas illustres; vêndo o mundo o castigo em sua casa sem passar a terceira geração. Aprendamos, e tenhamos compaixão das miserias do mundo, e até das do duque e sua casa.

*

Estiveram sempre os jesuitas de má fé com a inquisição, depois da prisão do Vieira, e resolveram fazer uma opera ou dialogo em que o Vieira apparecia no theatro preso com cadeias, e um anjo inspirando-lhe as respostas e razões. Fez-se isto n'aquelle deserto de Coimbra! Não assistiram inquisidores. Desaforo!

Contou-m'o Pedro de Villa-Boas, então lente e membro do santo officio.

*

O padre Antonio Vieira foi hospede, em Hol-

landa, de Jeronymo Nunes da Costa. Este judeu que mereceu a confiança do snr. rei D. Pedro e a envestidura de seu enviado, convidou o padre Vieira para ouvir na synagoga o rabbino explicar o texto. Concluida a explicação, tomou Vieira venia para impugnar. Impediu-o Nunes, tirando-o para fóra, não sem alguma violencia, satisfazendo ao queixoso Vieira com o seguinte dilemma: — Um homem tão grande como V. R. ou convencia ou ficava convencido: Se convencia, dava um mau dia á synagoga; se ficava convencido, a El-Rei de Portugal. Assim, achei prudente evitar o lance.

*

Em Londres vae Martinho de Mello para a assembleia da dama, amiga do rei, e esta, para o atacar, lhe diz gracejando: «Dizem que ja lá vae a inquisição de Portugal?» Responde o Mello: «Não sei; porém, se fôr, haverá no Tejo o levantamento que houve no Tamisa, quando os judeus quizeram entrar em Londres.»

O Mello era ecclesiastico; mas viu que em França o embaixador Saldanha não quiz ir cortejar madame de Pompadour, de que se originou servir o seu amo sem fortuna. A moral mais segura ensina não ser licito valer d'estes meios; mas os gabinetes que se querem servidos, em taes casos, não approvam rigorismos. Eu enten-

do que, se em similhantes casas estão os magnatas jogando, conversando e tomando café, o embaixador, indo cortejar a dama, lhe não diga que faz bem em ser *maitresse* do rei. Não lhe diga nada a tal respeito, e está salva a moral com a indifferença.

*

Um dos grandes erros politicos que n'esta idade se deram foi, quando na porta da alfandega de Lisboa se affixou o edital em que el-rei pedia dinheiro emprestado. O author d'este desaccordo foi Antonio da Costa Freire, arbitrista infeliz, fraco politico, aliás bom jurisconsulto. O conde de Oeiras acudiu a isto, e mandou arrancar o indigno papel, fazendo correr voz publica de que o rei usara d'esta ponta dextramente para evitar contribuir a Inglaterra com donativo, que se dizia precurava a nação ingleza extorquir, sendo que esta se satisfaz com a artificio da sua negociação menos sincera, indigna e cavillosa.

*

Fóra do 4.º grau, não tendo o semblante signal, é ridicula a nota de mulatismo, como foi a do mestre frei Gaspar Barreto. Mostrava-lhe um genealogico certa obra que fizera, e precisando ir á casa ultima do mosteiro, entretanto procu-

rou frei Gaspar a arvore do author, entre varias do mesmo livro, e lhe escreveu á margem: *Mulatismo*. Foi muito celebrado o caso, que custou ao padre annotador uma derreadella de pau tangida pela familia amulatada.

*

No Pará é grande a miseria dos costumes e extraordinaria a facilidade com que os maridos se deixam levar da velleidade de Tacitos com o antecedente de Cornelios, sem historiarem de coisa nenhuma. Póde dizer-se que as arvores aerias tem lançado raizes n'aquelle paiz. Passava eu pelo açougue da cidade de Belem, e reparei nas cinco cabeças d'aquelle edificio. Vinha comigo certo governador que implumara duramente muitos maridos, e reparado tambem, ponderava o despreposito do ministro, que mandara por tantas cabeças engalhadas no edificio; e ajuntou: «gente de letras faz os maiores despropositos em obras.» Disse-lhe eu: — Em pedra sim; mas em carne são maiores os despropositos dos militares.

REFLEXÃO

A causa da descripta miseria é principalmente a muita preguiça que domina aquella gente. Quer comer, beber e andar asseiada sem trabalhar.

*

Acena-lhe quem póde com a bengalla, mostra-lhe vestido ou sustento; acode logo e deixa-se como toiro agarrochar na alma e na reputação.

*

O celebre bobo do theatro do Porto, Manoel Pereira, chamado o Esteireiro, desafiado um dia, respondeu que estava sem colera. Dizia o Esteireiro, posto á janella: «Vá vossê passeiar e torne a vir, que talvez na volta me encontre mais colerico.»

*

Em premio do Agiologio Lusitano teve Jorge Cardoso cem mil reis de tença. Quiz cobral-a; mas para haver de ter cabimento na folha, devia esperar dois annos. Dizia elle: «Então estarei morto! Foi destresa d'el-rei para me tirar os novos direitos. Lá vae o dinheiro que eu reservava para o meu enterro.»

*

O author das satyras manuscriptas que inundavam Madrid em tempo do governo da Parmesana foi D. Joaquim Bernardo. Denominavam-se as satyras El Duende de Madrid. Apoz 16 annos de desterro foi recolhido em S. Vicente de Fóra

D. Joaquim, sob a vigilancia de fr. Gaspar reformador. Fr. Gaspar, n'aquelle tempo, era sua magestade D. Joaquim fallou ao rei na festa de Santa Engracia e disse-lhe: Beijo a mão a V. M. por se dignar de ser minha valia para o padre frei Gaspar.

Riu-se el-rei e disse-lhe: «Parece-se muito com seu pae [1].

Responde o conego: — Snr., estimo muito mais essa memoria que a semelhança: esta é effeito da natureza, e aquella do beneficio de V. M.

Continuou o rei: «Até isso é de seu pae.

Replicou o padre: — E isso é de V. M., por que honrar os mortos é muito seu.

*

O bispo do Porto, D. Fernando Correia de Lacerda, descontentou-se notavelmente com uma sátyra que se cantou na noite de natal no meu convento, composta por Manuel Ferreira Pinheiro, de Arrifana de Sousa [2] author de celebres entremezes. Prohibiu que se cantassem mais versos sem elle os vêr e revêr. No anno seguinte approvou alguns, despachando em verso:

1 O pae era o phisico-mór de D. Pedro II, e irmão do congregado Manoel Bernardes.
2 Penafiel.

Esta se póde cantar.
Fernando, bispo do Porto.

Succedeu irem as letras para o compositor, que era o mestre da capella fr. Diogo, no mosteiro da Victoria, o qual, por travessura, poz o despacho em solfa, dando bem que rir.

FIM DAS MEMORIAS.

PREFACIO Á VISITA

Segue a noticia da primeira visita do bispo do Pará ao sertão. Como dissemos na biographia anteposta ás *Memorias* o bispo remetteu para Portugal a descripção da sua viagem, da qual quatro copias sabemos qual destino tiveram: tres dirigiu-as ao mosteiro benedictino do Porto, a outra a frei Manuel do Cenaculo. Esta que vamos trasladar é a original, com muitos córtes, entrelinhas e substituições de seu author. Se o governo de Portugal a viu, malquisto decerto se fez na vontade dos ministros o bispo do Pará, cujo pendor á critica nem diante do conde de Oeiras se corrigia. Quem sabe quanto pesou no animo dos inimigos que o desterraram algum d'esses audaciosos juizos do prelado sobre coisas que não tinham que vêr com a sua missão?

Fr. João de S. Joseph era uma vocação errada. Estava alli um excellente politico, um gran-

de reformador talvez, e póde ser até que, nas palestras conventuaes e nas assembleias do conde de Oeiras, sustentasse o renome de primeiro espirito. A mitra pesou-lhe mortalmente na cabeça, porque lhe minguava no peito coração robusto de fé com que ajudar o entendimento. E' uma intuição nossa este juizo talvez indiscreto.

Vejamol-o agora n'um trabalho litterario que elle por sem duvida destinava á publicidade. Aqui melhor poderemos compulsar-lhe o merito de escriptor, a quem faltavam condições que todos os seus coetaneos careceram. Fr. João escrevia como os primeiros da sua geração; d'onde é justo inferir que nenhum póde ser apontado como modelo feito na litteratura dos bons seiscentistas. Dir-se-hia que um seculo não era bastante para corrigir os aleijões heriditarios do culteranismo do seculo XVII. E' para vêr como o arcebispo Cenaculo e os Barbosas, estremados escriptores da sua edade, mal conseguiram escrever lidimo portuguez, ou malogradamente se esforçaram em representar a renascença da boa linguagem lusitana. Os *Cuidados litterarios* de Cenaculo são mau exemplar para escriptores, com serem excellentes na doutrina ecclesiastica.

O bispo do Pará chegou ao estalão dos mais distinctos; mas ficou muito áquem dos imataveis.

Todavia não sendo as *Memorias* nem a *Via-*

gem livros inculcados como selecta de vernaculidade, antes libram seu merecimento em noticias não somenos validas para estudiosos, posponhamos discursos que não dizem ao particular intento d'esta publicação,

VISITA PRIMEIRA

1761

Resolvido o dia de sairmos a visitar, para cumprir com o concilio tridentino e sagrados canones, que, conforme os doutores, obrigam gravemente, e com rasão, porque sendo de direito divino apascentar as proprias ovelhas, o Espirito Santo em os Proverbios diz que diligentemente conheça o pastor o seu rebanho: despedindo-nos do governo, communidades e coronel; e, por visitas de recado das pessoas que gosam patente real, como tenentes coroneis e sargentos-móres, partimos da cidade de Belem a 19 de dezembro de 1761, pelas tres horas da manhã, ao repontar a maré, achando-nos já a esta hora prevenido da grande attenção e obsequio do capitão general, que mandou estar prompta no sitio do embarque a tropa, e avisadas as fortalezas. Não podemos impedir este cortejo, e muito nos custou finalmente persuadil-o que attendesse mais á sua saude que ao excessivo primor com que intentou, ainda convalescente, sair a despedir-nos

com a milicia, por meio da qual nós embarcamos acompanhado de varias pessoas principaes, ministros, coronel, sargentos-móres, capitães, religiosos e outras. Escolhemos este tempo para a visita, por nos certificarem ser o melhor para os rios. Nem era improprio o tempo do advento, e vesperas de Natal, em que o filho de Deus nos visitou do alto, nascendo em Belem [1].

Com vento fresco e bem esquipadas tres grandes canôas, a nossa, a da familia, e a da cosinha e dispensa, e outra menor para se antecipar ligeira com os avisos necesarios, passámos sem custo o sitio de S. Boaventura, chamado dos Caldeirões, certamente perigoso quando parece ferverem as aguas, levantando ao ar em vez de fervura uns cachões ou jactos que mostram o impulso com que se encontram as aguas do rio Guama e do Moju, n'aquelle sitio em que a confluencia de ambos termina em angulo recto. Subindo para o rio Bojarú, fomos amanhecer ao sitio de Domingos da Costa Bacellar, deixando de seguir a corrente do rio e entrando por um braço d'elle que fórma uma ribeira á parte esquerda, e se chama em idioma patrio *garapé*. Visitamos a capella d'esta fazenda, jantamos e saimos de viagem para ir dormir a outro sitio chamado Morticú; mas a distancia nos fez anoitecer em a boca de outro garapé. E como estes

1 A modestia da comparação não edificada.

costumam ter atravessados paus de arvores que caem dos lados, sem embargo de levamos archotes, pareceu-nos melhor evitar estes lances e dormir nas canoas, que teem camaras decentes, e são todas cobertas, onde se penduram muito commodamente redes, e na camara da principal ha espaço para cama, mesa e tamboretes. Nem admire; porque as canoas são grandes, e ha tal que tem 120 palmos de comprimento e 14 de boca. Emfim, fazem viagens, como os hiates em Portugal, desde Belem do Pará ao Maranhão e Rio-Negro, perigosas distancias pela passagem de 32 bahias para o Maranhão, e da navegação do Amazonas para o Rio-Negro.

Na manhã de 20 alvejou-nos o dia na egreja de Garaparú, onde dissemos missa, e por falta de maré ahi pernoitamos. No dia 21 fomos com a maré para o sitio da Mocajuba, que fica em agradavel local. Aqui estivemos um dia. D'aqui fomos á Jacariquara, sitio do advogado José Correia, o qual, além de innumeraveis arcos de arvores, flores e laranjas com que nos recebeu, nos recitou no desembarque um elegante poema. Visitamos a sua aceiada e devota capella, e n'essa tarde conferimos o sacramento de chrisma, precedendo. pratica e exortação. Então vi offertas de novellos de algodão, e me lembrou o dito do padre Vieira, que novellas e novellos eram a moeda corrente do Maranhão.

No dia 23 entramos pelo Igarapé de Petucia a visitar a capella de S. Luiz, que achamos indignamente tratada, e providenciamos conforme nossa obrigação. A falta de maré nos fez deter uma noite n'este sitio, onde a praga de morcegos podia converter o Pharaó e castigar o Egypto. Eram sem conto estas aves equivocas; porém, não houve remedio senão esperar para o outro dia, e n'elle esperamos tambem que passasse a pororoca [1].

Saimos d'aqui para casa do visinho mais chegado, por onde deveriamos ter entrado se tivessemos instrucção, podendo entrar no seu posto, que está antes do tal gárapó, que é infamado de perigos. No dia 24, fui jantar á egreja de S. Domingos da Boa-Vista, que fica bem no sitio onde o Guamá se une com o Capim, de cuja confluencia resulta uma copia e peso d'aguas mui notavel. E' dos grandes pontos de vista que encontrei. Estava esta egreja sem parocho, por havermos suspenso ao que estava collocado n'ella por casar um rapariga de dez annos, e sumir os cadernos dos baptismos, rasgando as folhas onde podia estar o assento de edade, e por ter uma lingua tão comprida quanto era curto seu entendimento. Aqui nós dissemos as missas do natal a muita gente. E aqui nos veiu esperar o

1 Synonimo de «Macaréo.» E' o impeto grande da vazante dos rios.

capitão Agostinho Domingos com sua mulher D. Antonia, virtuosos casados da cidade de Belem, sendo elle do arcebispado de Braga. Obrigados d'elles fomos passar o dia de Natal até á manhã da segunda oitava, em o seu sitio, ondo nos hospedaram magnificamente, destinando-nos cartas explendidas com baunilha preciosa, porcellana fina, sedas e mais adereços europeus. Como tem oitenta pessoas de familia, mandaram illuminar a rua principal da roça, e fiezeram os escravos um baile innocente e divertidissimo, e uma galante festa de bosque, terminada com o cantico do terço em muito boas vozes.

No dia 27, pelas duas horas da tarde, deixamos este aprazivel sitio, e não menos util pelas producções de cacau e café, sendo Agostinho Domingos o primeiro que teve esta ultima planta, mandada vir de Cayena pelo governador João da Maya. Cayena pertence á França. Se pertencesse a Inglaterra, seria crime de morte communicar-se a Partugal a planta do café. Quem quizer a descripção d'esta arvore, fructo e seu uso, leia as viagens do padre Labatta, e tambem Bluteau; e aos mesmos se consultem respeito do cacau.

Chegamos á capella de N. S. do Carmo do rio Guamá; e, como chegamos já tarde, e o dono era um clerigo, que assentou que não dormiriamos n'aquelle sitio, ficou assombrado quando

nos viu parar. Quiz Deus que eu tinha que comer. Ceei, deitei-me na cama da canoa, e passei como pude. A familia, que constava de mestre de ceremonias, escrivão, meirinho, cirurgião, criado, e barbeiro, accommodaram-se nas redes, e ceiaram pela meia noite em terra, conversando com o padre até ser dia. Era de bom humor o clerigo. Veio dar-me mil satisfações: consoleio-o, e segurei-lhe que não procurava regalos na visita; antes estimava padecer alguma coisa, e que em tempo tão sagrado era facil e bem proprio aspirar á imitação de Jesus Christo — o que ainda assim não conseguiria, por ter passado muito bem.

Em 28 partimos para a freguezia de S. Miguel do Guamá, onde visitamos, crismamos e prégamos. E no 1.° do anno de 1762 entramos e subimos da cachoeira de S. Miguel (na qual bate e se desfaz a furia da pororoca) pelo rio acima; e, deixando o dito rio, entramos por um braço ou ribeira que se navega por muitas leguas, e caminhando a legua por hora com a maré, gastamos sete horas em chegar á capella de N. S. da Conceição, que é grande e bella. Vem alli gente á missa em canoas de longa distancia de leguas. Aqui visitei, tirou-se devassa, crismei e préguei ao povo.

A 2 de janeiro, descemos pelo mesmo Garapé, e havendo de ir seguindo depois de sair ao

Guamá o rumo d'este rio, impediu o intento o seguinte successo: Cortava uma canoa bem esquipada ligeiramente as aguas, e endireitando á proa, conheci n'ella um moço estudante do Pará, que passando á canoa em que iamos nos entregou cartas do nosso provisor, em que nos dava conta de uma intriga e das providencias. E' caso que poderá servir de instrucção ao leitor. Na cidade de Belém ficaram orphãs de pae duas moças. Chamemos Lauriana a uma Nize a outra.

Sua mãe passou a segundas nupcias com o mais miseravel homem que se conhece. Tratava elle descaridosamente as duas enteadas; de sorte que morrendo elle de pura mingua por não gastar, parecia querer que a familia expirasse na observancia de tão impraticavel dictame. As moças, desesperadas, fugiram de casa, e levando-as a mãe para uma rossa, teve o desaccordo de as conduzir a casa de um seu irmão semi-barbaro (homem que matava escravos com açoutes) para que lhe castigasse as filhas. Achou-se o homem no seu elemento, e sem recato do sexo nem attenção a umas donzellas creadas com aceio e já crescidas, pois uma passava de 20 annos e outra de 17, despindo-as em publico as açoutou com um nervo de boi — costume dos tyrannos de Roma no gentilismo antigo, semelhante ao do Pará menos em polido. Fugiram as moças de

tanta feridade, e aggravadas do rigor, foi muito natural acceitarem no disfarce da commiseração as expressões de affecto com que tentaram insinuar-se compassivas pessoas que não nomeamos. Entre os que tiveram, com celebres pretextos, audiencia particular foi um ecclesiastico, o qual achando-se em conferencia com uma, a mãe que estava em Belem, recebendo avisos, mandou indios com ordem de bater em quem achasse. Dizem que o tal beneficiado tivera a fortuna de se escapar com vida; mas, sempre sacudido com pesada mão, entregou á ligeiresa dos pés desviar-se do que tinha merecido a leveza da cabeça.

Aqui se deve fazer uma reflexão: ha quem creia que o clerigo não foi quem mamou a surra. Dizem que foi outro que no mesmo tempo se sangrou. Se foi, era dos oppositores. O certo é que o clerigo mostrou o corpo a pessoa grave no seguinte dia, e não tinha signal de pisadura, sendo que as pancadas foram rijas. Como, porém, houve escandalo e mais algumas circumstancias, paternalmente o admoestamos e tivemos preso na Barra não entrando em mais averiguações, por motivos que tivemos para isso, desapparecendo as moças de repente, e uma terceira que vivia com ellas.

Na vespera de sairmos para a visita, tivemos aviso de que ellas estavam na cidade, e, mandando-lhe uma intimação para se recolherem a

casa de sua mãe, esconderam uma em casa de um Cafuz, e outra me casa de um beneficiado. Achamos ordem do doutor vigario geral para dar providencias. Achando a primeira, depositou-a em casa honesta; á segunda, porém, custou a arrombar-lhe as portas, á força de alavancas, com ajuda da tropa, por ordem do general, achando-se finalmente senão afogados n'agua como Hero e Leandro, como carrapatos na lama e na immundicie do seu peccado até o pescoço: assim foi, por que mettidos em um lago dos tartarugas só appareciam as cabeças. Tirados fóra, mandou o vigario geral entregal-as á sua mãe. Iam ellas na canoa, que encontrei, e quem me deu as cartas era o irmão d'ellas. Como não quiz acompanhal-as, nem permitti fossem em conserva, deixei navegar as sereyas, e pelo rio abaixo com vario rumo fomos dormir a S. Miguel do Guamá, e no dia seguinte visitamos o oratorio da mãe d'ellas, chamada Clemencia de Catania, a quem não quizemos fallar nem vêl-as a ellas. Pelo soldado que governava a canoa, em que se restituiram á rossa, mandei ordem para que o clerigo, visto necessitar tanto de remedios, os fosse tomar para á Barra, preso na casa forte d'ella, sem liberdade de passeio á muralha.

Deixamos o jantar que nos preparara a snr.ª Clemencia de Catania e fomos visitar o oratorio da Senhora da Conceição do Guamá de Pedro

Furtado, que desempenhou o appellido n'este dia, porque os 60 indios lhe furtaram laranjas horrorosamente e as melhores d'aquelle rio. Aqui pescamos excellente peixe para o jantar, e de tarde para a noute, por ser sabbado. Todo o peixe n'este sitio é delicado: pescadas, tucanaris e trairas.

No dia 3, fomos jantar ao sitio da Senhora da Madre de Deus onde nos anouteceu. A copia da chuva foi tal, que por mostrar o rio ter agua em abundancia, resolvemos caminhar embarcados nas mesmas canoas grandes e com bom successo. Chegamos ao sitio de Santa Cruz, de Francisco da Costa onde se jantou. N'este sitio vimos defronte das casas uma arvore chamada urucuzeiro, de que se faz a tinta do urucú. Teria vinte palmos, coberta de folhagem verde comprida e caxos vermelhos; cada um d'estes tem dez ou doze ouriços como as castanhas de Portugal; quando se abrem, mostram multidão de contas vermelhas, as quaes espremidas, resumam excellente tinta vermelha. Dos olhos dos ouriços escarlates rebentam flores brancas como as nossas mosquetas. Ha outra tinta de carajurú, de que ainda não vimos a planta, e sabemos se dá em Rio Negro. E' finissimo; e para as perspectivas tem grande prestimo em ordem ás sombras.

Logo que jantamos, partimos para o sitio Lazaro Fernandes, onde ceamos. Estando a resar

o officio divino, e levantando acaso os olhos, vimos em um regato perto um jacaré, debaixo da agua, observando uns patos, os quaes ao sentil-o, saltaram em terra. Vieram espingardas; mas elle se retirou, sendo certo que só pela bocca, olhos ou ouvidos póde ser morto, por ser a pelle durissima e como *catapacta*. Os indios andavam contentissimos, esperando ter caça, e diziam ser saborissima e alvissima a carne d'aquelle animal amphibio, e que por isso se come em qualquer dia. Não logramos o intento. O olfacto é atormentado com a catinga do jacaré; porém, uma massa que tem na cabeça, é semelhante almiscar, e mais activo, de maneira que fallandonos com uma petição em Belem uma D. Maria chamada a *maranhota*, bisneta de um dos reis de Inglaterra [1] e neta de um inglez, que morreu fugitivo nas ilhas, conhecido pelos nacionaes ser legitimo filho do seu rei, vinha esta dama já viuva tão embalsamada nos miolos que podia fazer loucos os miolos que o não eram.

Fomos dizer missa, e ainda no fim sentimos o activo cheiro de que estava inficcionado o papel da petição e o ambiente da casa, e a mão que beijou. Fallamos-lhe de pe, aborrecido de

1 Poderia ser bisneta de Jacques II de Inglaterra, e neta d'algum bastardo d'aquelle soberano expulso. Como o avô foi dar ás ilhas, e como ella se andava perfumada no Pará como os miolos de jacaré não sei. Catholica e boa christã era a pobre viuva, que infedorentou a mão do bispo com os pios beiços, que o frade tão indignamente agradeceu.

a vêrmos não como dona viuva, mas como *dama* com saia de veludo e outros adornos tão improprios como alheios da doutrina dos santos; nem são estas as viuvas que S. Paulo manda que honremos. Estas são das que, vivendo em delicias, estão mortas, e por isso os cheiros n'ellas são podridão.

Partimos para a Casa-forte e hoje villa de Ourem. Entramos na egreja a orar, e recolhemos ás casas do nosso destino. E' esta povoação um theatro de miserias. A gente de que se compõe é das ilhas da Graciosa e outras, d'onde veiu em casaes com titulo de povoadores. A pobresa é grande, as enfermidades contínuas, quaes se costumam experimentar no começo das colonisações. Divisam-se macilentos os semblantes de grandes e pequenos. Sua Magestade teve a commiseração de lhes mandar fornecer vacca; a não ser assim, pereceriam todos, sendo muitos os que falleceram. Dava-se a cada um uma vacca e um boi para trabalho; porém, desanimados, não se atreveram a fazer campinas para alles. Algum pequeno terreno occupam para farinha. Não se achou quem trocasse oiro ou prata em miudos para esmolas; unicamente o que tem obrigação de dar a vacca suppriu com pouco. O sitio é excellente e esplainado. E' estrada do Maranhão. As plantas fructificam admiravelmente; mas uma povoação de infermos que fará? Só os indios aqui

poderão valer. Com effeito, está unida a aldeia do Porto Grande a esta freguezia, em distancia de 3 a 4 leguas, e pouco ajudam os da aldeia aos brancos.

Hontem me trouxe o sargento-mór dos indios um presente, que necessariamente acceitamos, porque sentem com excesso o contrario: era um enorme serobim, peixe de pelle branca e parda, saboroso. Teria cinco palmos de comprido e era grossissimo. Não acceitou dinheiro o indio por que dizia lhe não servia de nada o dinheiro. Deilhe contas de coquilho, um espelho pequeno, uma faca ordinaria, e mandei-lhe dar de cear e a dois companheiros, com o que foram contentissimos ao outro dia para o seu Porto Grande. Préguei n'esta freguezia quando crismei e em dia de Reis. Até a falta d'isto fazia crescer a attenção no pallido auditorio. Consolei-os e animei-os a offerecerem a Deus a myrrha da mortificação. Cuido se alentaram, por que os olhos publicavam os sentimentos da alma d'aquelles tristes e pobres desterrados. E' verdade que se para arder o auditorio é preciso que arda o orador, bem póde ser que as lagrimas, que apenas podiamos suster, fosssem tambem causa de que corressem pelos rostos dos ouvintes. Os remedios para o augmento d'esta povoação são faceis e tambem para as infermidades, se houver quem se compadeça, e com ordem do soberano mande

curar de um mal hereditario, que alguns chamam *francez*, outros *napolitano* e alguns *hespanhol*. E por que ha quem diga que, sem o herdarem os filhos, se gera a tal queixa n'estes sitios, lembro-me do que escreve o padre Labatta, etc. E aqui convém o que póde ser de augmento outro principio: servir-se Sua Magestade de mandar negros á sua custa fazerem rossas, queimando arvoredos e mattos com que purifiquem os miasmas nocivos, e deixem a terra capaz de produzir tão copiosamente, que nos seus dizimos terá Sua Magestade em breves annos recebido muito mais da importancia que custaram. Assim o fez a França nas Martinicas, e Inglaterra na Virginia.

E Portugal porque não? Tenham paciencia os politicos. É a lisonja que padeça. Hei de dizel-o: porque gasta mais do que tem no superfluo, por isso falta para o necessario. Se o snr. rei D. João v não gastara em Roma centro e quatro milhões na sua vida, se não fizesse um convento de arrabidos com tão enorme dispendjo, se não gastasse.... podia o seu filho, o snr. D. José, ter com que comprasse negros captivos em justa guerra, com as condições mais benignas da escravidão, e receber por este modo a innocente usura dos seus crescidos dizimos, e se seus vassallos nas conquistas, principalmente do Pará, viverem em menos vexações: visto que a provi-

dencia de se applicarem indios á soldada sae pouco mais que inutil; pois os indios, que conhecem a liberdade, e são de natureza preguiçosos não ha quem os metta a caminho; fogem do trabalho para a ociosidade; não param em casas particulares, excepto emquanto andam divertidos com as indias e malucas, por cuja causa os casam os senhores. Mas não basta isso. Fogem com outras e casam com as que lhe agradam, sendo fatal a ignorancia de muitos parochos, e a condescencia dos jesuitas, como póde ser digamos n'outra parte.

Mas, sem embargo do dito, amplificando a materia, visto herdar el-rei nosso senhor muito menos do que podia, deviam os seus confessores dar-lhe doutrina de solida moral: isto é, que um principe é verdade que deve affrouxar alguma vez as redeas do governo, relaxando o animo para adquirir novo vigor; não deve suffocar-se e abafar com o peso de gravissimos negocios; divirta-se em boa hora e embora, nem isto é contra a virtude, antes é exercicio de eutrapélia, na doutrina de S. Thomaz. Haja musica; mas parece-me que um musico, qual foi Egipcielli, com ordenado de 36:000 cruzados, além de outros grandissimos interesses, cuido que não condiz com um reino que S. M. achou na ultima miseria, vendo-se na edade de ferro; podendo aliás seu pae fazer que elle vivesse na edade de ouro;

e não havendo este de sobejo, não se póde nem deve sustentar a magnificencia, o esplendor e o gosto de um theatro com uma orchestra soberbissima, respeitada pelos embaixadores estrangeiros com a primeira do mundo. Assim m'o disse o conde de Peralada, que esteve na *Favorita* em Vienna, em Napoles, em Italia, e finalmente viu o theatro hespanhol, depois de apurado no governo dos reis D. Fernando e D. Maria Barbara.

Haja concerto de musica; mas quem não póde ter orchestra de 48 instrumentos, tenha-e de 16; e a respeito de operas, lá se avenham os escrupulosos com Bossuet. Como nunca as vi, prescindo.

Do que li em Metastasio, só direi que uma grande matrona portugueza a exc.ma D. Guiomar de Vasconcellos, dona de honor da rainha mãe, dizia que similhantes assumptos não eram para se exporem com tanta vivesa na presença de damas, a quem a camareira do seu tempo não deixava lêr *D. Galindo*, com ser obra de uma senhora, nem á princesa se permittiu lêr o livro de Pedro Norberto [1], etc.

Fez ella este discurso em occasião de se apartarem da sua presença duas damas, que o eram

1 Devia ser o intitulado: «Memorias da serenissima senhora D. Isabel Josefa que foi jurada princesa d'estes reinos.» Lisboa, 1748. Se lh'o não deixaram lêr por sensaborão, era justa a defesa.

do serviço da rainha. Louvaram estas innocentemente a energia pathetica composições de David Peres; e, fallando de uma aria que se cantara na ultima opera, e cujo espirito era em uma despedida uma finissima saudade, disse a primeira das damas: «Eu quasi estive a gritar aqui d'el-rei mettida em convulções.» A outra accudiu: — Pois eu, se não chorasse, arrebentava — Como iam para o paço, fiquei eu continuando o discurso, e concluiu assim aquella grande matrona: «Que lhe parece a vossa reverendissima? A minha N. mettida em convulções, e N. banhada em lagrimas? São effeitos d'aquelles piedosos corações.»

Não são assumpto amatorios para damas de pouca edade, quando lavram ardentissimas as paixões, e quando principiam a rebentar os affectos como em arvores viçosas, uns pimpolhos talvez menos rectos e mais viciosos.

Haja finalmente caçadas, por que são muito proprias dos principes, como seja com cautella por evitar o lance do snr. rei D. Diniz, que escapou por milagre do nosso padre S. Bernardo de morrer nos braços de um urso, assim como o rei Favila dos godos acabou tragicamente comido de outro. E' a caça imagem da guerra. Faz que os membros agitados se façam duros, os nervões e tendões se enrigem, emfim fortalece o homem. Boa é quando não faz o hemem cruel e

amigo de vêr sangue, como receiam e discorrem alguns. Seja porém a caça moderada, que do contrario se podem seguir muitos damnos, e seja moderadissima, porque Portugal não está em termos de pompear como os outros reinos, mórmente depois do terramoto. Os gastos de superfluidades, sendo evitados, poderão ser origem de que sobeje com que se mandem transplantar d'Africa para America colonos bastantes a ajudar os novos povoados, d'aqui resultará ficarem bem pagos os negros, sem se venderem, como a mim, a 115$000 reis, e haver dinheiro para outras coisas com que fazem os reis maior pompa, isto é, boas naus, milicia bem paga, boas esmolas a pobres e invallidos, fabricas reaes, e na paz fazer reserva e thesouro para a guerra futura ou possivel. Carlos III, nosso visinho, é bom original. E o nosso rei tem mostrado de presente que quer isto. Os lados são bons. Queira Deus que a lisonja em alguma vacante não sopre, nem Deus permitta que persuada... [1].

Soprou o zelo; divertiu alguma coisa do rumo; tornemos á viagem; mas antes de sair, digamos o motivo de se chamar Casa-forte este sitio. Ha n'elle uma casa que occupam alguns poucos sol-

1 Em obsequio ao seu frade esconderam os benedictinos do Porto estas agras censuras ao governo de D. José. Porém, se alguma hora o conde de Oeiras as viu — e veria, que o bispo do Pará entre os da sua congregação tinha inimigos — que outra causa buscaremos da desgraça e desterro do corajoso prelado? Por menores despeitos, foram sotterrados na Junqueira e Cova da Moira desaffectos ao governo, que nunca mais viram luz de sol.

dados com um commandante, para evitar os fugidiços para o Maranhão; caso que não é factivel dar-se; pois antes de chegar á cocheira d'este logar, entrando pelo matto e saindo logo adeante, evita-se a diligencia. Este rio do Guamá, que em quatro dias se vence do Pará a Casa-forte ainda se navega vinte dias sempre ao poente e inclinando a sua cabeceira para as cabeceiras do Capim.

Despedido da villa de Ourem com o ultimo sermão, que foi o do menino perdido, em acto de chrisma, aos 10 de Janeiro partimos de madrugada para o Caite e nos embrenhámos no matto, que atravessamos ora a pé, ora a cavallo, e o mais tempo em rede. Apoz larga jornada. Chegamos ao meio dia a sitio onde achamos accomodação feita pelos indios muito bastante e bem escolhida, por ser em sitio por onde fluia um grande ribeiro por leito d'alvissima areia e excellente agua não só pela frescura de neve, que tambem pela bondade diurectica. Aqui pois, fizemos rancho e ficamos essa tarde e noite; e como estavamos cercados de grande arvoredo, sem embargo de ser o logar menos desassombrado, mandamos fazer fogueira em ordem a fazer retirar os animaes para o interior.

Na madrugada seguinte continuamos sem encontrar cousa mais notavel do que ouvir araras, papagaios, motuns e outras aves. Ao sahir para

caminhar, quiz dar um passeio, e a poucos passos por uma ladeira curta me considerei morto, por me faltar a respiração, de sorte que encostado a uma arvore, fiz alguns actos de contricção até que passou aquelle aperto e ataque novo, que o cirurgião Manuel da Silva, assistente e companheiro de viagem, attribuiu ao uso da farinha, por conter muita gomma e não estar eu acostumado áquelle genero de sustento, que serviu em logar de pessimo pão que coseram na villa de Ourem. Dos moradores d'esta terra nos esquecia dizer que sahimos muito desobrigados. Servimo'l-os caridosamente; os nossos indios construiram casas a dois que as não tinham; deixamos dinheiro para uma terceira casa, e não nos quizeram soccorrer com algumas gallinhas para a viagem, e algumas pagamos bem caras.

Assim, passamos a peixe e prezunto; o que, acrescido com a falta de pão, nos podia ser muito nocivo. Se vivermos, favorecemos aos de Ourem da mesma sorte que o fizemos, satisfeito d'esta pequena queixa de sua ingratidão, tanto maior por não serem indios; porém, sempre declaramos, com licença dos elogios do padre Cordeiro, que era gente das ilhas, sem que tentemos ferir a nobresa d'aquelles illustres insulares, que ainda hoje fazem honra aos seus maiores, á patria e a si mesmos.

Chegamos finalmente ao fim do matto sem en-

contrar serpente, excepto alguma jararáca, que são as viboras d'este estado. Curam-se facilmente as mordeduras, se o mordido não é delicado, tomando immediatamente o proprio excreto humano, que, como este abunda de muito sal volatil, com mais algumas partes que deposita a natureza, fazem admiravel effeito, lavando e curtando a parte ferida com azeite de Portugal. Appliquei a alguns indios outras triagas conhecidas na America, e nenhumas operaram efficazmente, salvo a indicada.

As arvores altissimas que vimos n'esta passagem de Ourem para Bragança nos causaram admiração e ainda espanto. No termo do matto achamos um soldado com quatorze indios do Caite e casas muito bem feitas para toda a familia e rancho de indios; isto é, umas barracas de páo cobertas de folhagem de pindoba, com soalho de madeira, com logar para as redes, e com suas janellas, etc. Aqui mataram á frecha os motuns, que comeram do seu rancho, os indios do Caite, e um veado pequeno. A 13 pelas cinco horas da manhã navegamos rio abaixo em canoas pequenas, com o trabalho de cortar a machado muitos troncos. Navegamos dez leguas n'este dia sem susto e divertidos a ver garças e muita caça de alternaria ceder á fortuna de destros caçadores. A termos a mortificação do Santo Borja, largo campo se abria em que a podessemos exercitar.

Aproamos á noite na villa de Bragança (antigamente Caité) resistindo á maré, que subia sete leguas rio dentro. Está a villa situada em uma eminencia cercada de campinas dilatadas, abundantissimas d'agua, sem que até aqui se resolvessem a comprar os da villa uma duzia de vaccas e trez bois, nem a experimentar a fertilidade d'aquelles largos campos. Tudo quer de esmola esta gente. Hontem devi a estes ilheos fazerem conloio, que, como vinha o bispo, poderiam vender melhor as suas gallinhas. Desfiz-lhes a conta, dei-lhes o agradecimento e favoreci-os em tudo que pude: não me pareceram capazes de confusão: de compaixão sim. Estava illuminada a villa, a ordenança formada, e a camara reunida quando chegamos. Dadas as descargas, nos recolhemos, até vêr marchar unidos os da companhia, que fizeram tudo o que sabiam, sem embargo da grande diligencia do capitão commandante, moço perito e homem de bem. Não foi possivel fazerem direito um quarto de conversão a fim de marcharem unidos; antes separando-se as ultimas fileiras da rectaguarda, pareciam destacar a pelotões. Teve graça, mandando o commandante ao alferes que fosse tomar o seu logar no centro para marchar, o santo homem foi postar-se no angulo esquerdo da vanguarda; suou o pobre, que fazia as continencias de espontão; pareciam signaes magicos as evoluções: porém, a

intenção affectuosa com que faziam as suas demonstrações nos obrigaram a tratal-os com obsequio paternal e agradecimento civil, assentando que fizeram muito no que fizeram.

N'este logar ha salinas de excellente sal, que podem soccorrer todo o estado, se houver quem as amplifique e labore n'ellas. Tem a villa sua casa de camara, e tem o director as casas que foram dos jesuitas, os quaes, expulsos d'este sitio, com tanta desesperação sairam, que queimaram tudo o que não podiam levar, como as cortinas de seda da egreja e outros objectos, querendo até queimar umas rotulas de algodão, que serviam em logar de vidraças, dando causa á sua barbara obediencia a ordem que tiveram do seu provincial Toledo. Por não obedecer cegamente no Maranhão o padre Manuel das Neves, quando o reitor lhe mandou pôr fogo ás casas de uma fazenda nos campos, soffreu o que é incrivel; porém, um leigo heroicamente se lançou ao fogo para abrasar as casas. Não resará d'elle a egreja como de S. João de Deus, nem como do meu padre S. Amaro quando se lançou ás aguas.

N'este dia fomos visitar a egreja, recebendo-nos o senado, com assistencia da milicia. Arengou muito bem um dos camaristas, natural das visinhanças de Amarante. Tem esta villa duas egrejas. Uma, que foi de jesuitas, serve hoje de freguezia, por estar coberta de telha, e maior que

a velha dos moradores que fica em proporcionada distancia. Tem crescido muito a villa com a expulsão dos jesuitas, que impediam quanto podiam morarem brancos no Caité, evitando por particulares interesses a communicação dos indios com os brancos, prohibindo aos primeiros tratarem com estes e saberem a lingua portugueza. Advertencia que já o padre Vieira fez na visita do Pará, de que temos copia; e achamos n'esta villa memoria certa moderna de outra prohibição do visitador da companhia ao padre missionario que assistia no Caité. Chamavam-se missionarios n'este estado aquelles religiosos que nas fazendas serviam de procuradores dos seus conventos e contratadores mais destros; esta que foi a companhia se fez transcendente pelas outras ordens, de sorte que encontrei regulares chamados no Pará missionarios, escandalosissimos com mancebias e homicidios, usuras e tyrannias. Entretanto, appareceram-me alguns veneraveis de todas as religiões que fundaram no Pará e que muito dignamente occuparam as chronicas das ordens que professaram. N'esta terra visitei, chrismei, préguei e estive quatro dias admirando a copia de caça que vinha do matto, como adens, motuns, marrecas e porcos. Divertia-se a vista do alto de uma varanda que dava sobre o rio, com vêr bandos de garças muito alvas e outros do goarazes encarnados, japys amarellos e pre-

tos e outra muita variedade de passaros. O porco do matto serviu para a viagem. São muitos n'este sitio, e tem succedido matarem aos 30 e 40 na passagem do rio, coisa que os naturaes não admiram. O peixe, que vi em grande copia, era excellente, e assim o pareceu a um cafuz que, estando na vespera da nossa partida a furtar peixe, que frigia um negro na cosinha, este se agastou, e entrando um meu cosinheiro a tempo de socegar a discordia, o fez com uma acha de lenha, que foi menos saborosa ao cafuz que o peixe que levou. Reprehendi o cosinheiro. Desculpou-se-me dizendo que o cafuz já tinha aberto á faca uma frasqueira d'aguardente e o achara em flagrante delicto. Tive paciencia e não sei se alguma conformidade com a permissão de Deus, visto não faltar sustento ao cafuz. Sem embargo que para uma inculpavel defeza bastava afugentar o indio que intentava fazer cumplices de furto os cosinheiros, como fez S. Thomaz d'Aquino á mulher que o quiz cumpliciar em o sexto e de quem diz a egreja que a afugentou com um tição.

Deixada a villa, embarcamos rio acima com maré: foi muita a caça de marrecos e perdizes. Dormimos essa noite á beira do rio no matto, por não podermos vencer a corrente, e ser necessario alimpar o rio atravancado de madeiros caidos de pouco.

Feito rancho em terra, acesas as fogueiras, prendidas as redes aos troncos, dormiu-se a somno solto. Na madrugada bramia defronte a onça; e os indios, sem medo, a remedavam. Não veiu nem a vimos. Chegando ao porto, dormimos n'elle, isto é, no matto, e ao outro dia partimos para a Casa-Forte. Foi Deus servido exercitar-nos com grossa chuva, que inundou a gente toda, e a rede em que vinhamos não nos defendeu; mas a consideração de que o pastor por não perder de vista as suas ovelhas não foge da inclemencia do tempo, nos serviu de fazer mais soffrido e experimentar-nos.

Pelas tres da tarde, cheguei á Casa-Forte, ou villa d'Ourem, onde fechei a visita e dei as providencias que me pareceram necessarias; e, embarcando em um bote com André Corsino, chegamos ao sitio de Padre Gabriel, e ahi ficamos. Aqui veiu a mãe das duas moças em que fallei [1], trazendo-as em sua companhia. Fallei-lhes na capella, disse-lhes o que devia, e despedi-as com brevidade e contentes, porque lhes prometti que seria soldado um irmão de quem justamente viviam aggravadas, e com effeito está no serviço militar.

De manhã partimos para S. Miguel do Guamá onde dormimos, e no dia... fomos a casa de

1 Aquella snr.ª Clemencia de Catanea, nome e apellido impregnados de lyrismo, não vulgar em mulheres indianas.

Agostinho Domingos onde estivemos dois dias e crismamos. A..., seguimos viagem, e, jantando na casa residencial de S. Domingos, vimos bater a pororoca bravamente, vêndo-se a larga distancia a grande onda que atravessava o rio mais de um quarto de legua e espumava dos lados, até que, dividindo-se no sitio em que estavamos, tomou caminho do Guamá, e ao mesmo o de Capim por onde entramos com a maré.

Aqui topamos varias pessoas da nossa amisade, e entre ellas Domingos Barbosa Bacellar senhor do primeiro sitio que visitamos ao sair de Belem; o qual tem engenhos e grandes fazendas n'este rio de Capim.

E' um velho de 70 annos, cheio de bondade e dos que trabalham muito n'este estado; muito caritativo e de quem se contam historias célebres que provam seu desinteresse.

Darei uma ou outra. Descendo elle um dia o rio em uma canoa, costeando suas fazendas, que abrangem cinco ou seis leguas da terra, viu um homem mettido em um cacoal colhendo solicitamente o fructo de que já tinha quasi cheia a canoa. Parou Barbosa e perguntou que fazia? Respondeu de dentro o visitador dos cacoaes: «Estou aproveitando o que o ladrão do Barbosa deixou aqui perder.» Não se alterou o honrado dono, e disse: — Ora pois, aproveitar, visto que Deus é para todos.

Continuou seu caminho, e sabendo logo o aproveitador que fallara com o dono, insolentemente se foi lançar a seus pés. Foi recebido com generosa caridade e gracioso accolhimento. Teve annos Barbosa de colher mil e quinhentas arrobas de cacau, que no Pará se vendia a 4$800 reis a arroba. Diverte-se com beneficiar os pobres nos seus estaleiros. Entre feitas e imperfeitas, terá oitenta canoas. Tem feito mais de oitocentas, que distribue pelos seus domesticos. Sendo liberalissimo com todos, trata sua familia com abundancia. Ainda que veja um indio com o furto na mão, finge que o não vê, e costuma dizer: «Deixem-n'o, que isto seu é: elles o trabalham... que muito que comam o que seu suor lhes custa!» Sómente comsigo é parco. Satisfaz-se com fructas, e dessedenta-se com agua.

Fomos dormir a sua casa, e visitar outra capella, que tem junto de umas magnificentes casas que dominam o rio, cercadas de deleitoso arvoredo e jasmineiros de Italia, e um jogo de bolla em local amenissimo.

Em Belem tem outras casas nobres, principiadas, tambem sobre o rio, e só lhe falta acabal-as, o que nos faz pôr certo ponto politico. Dil-o-hei. Mostrou-lhe a experiencia que chegam de Portugal ministros ou militares. Pedem emprestadas as casas de alguns homens de bem que estão nas rossas; e, depois de introduzidos,

é mais facil livrar o demonio de algum corpo [1] do que achar exorcismo pàra pôr fóra de casa taes hospedes.

A familia d'este honrado homem é numerosa em negros, mulatos e indios livres. Hoje são muito menos, já pelas justissimas leis de liberdade, já pela mortandade occasionada pelo serampo, que matou mais de 600:000 almas. De Belem saiam pessoas de bom nome á busca de indios para escravos, sob pretexto de os receberem á fé cotholica. Com efleito captivaram-os; mas por onde iam passando deixavam a peste, como se o Deus das justiças, por mão dos injustamente captivos, abrazasse a materia das mesmas injustiças, ou a tirasse dos olhos para cessarem tamanhos escandalos. Desde então, se arruinou muito o Pará e iria de todo a pique, se o rei lhe não acudisse com providencias fortes, nomeadamente com a extincção dos jesuitas, que unicamente tinham indios pàra serem senhores das aldeias, e sel-o-hiam de tudo, se podessem.

Boas diligencias fez o padre Malagrida com Domingos da Costa para lhe largar as casas da cidade para seminario, escrevendo-lhe em tom prophetico com um seguro de salvação, cuja carta pára na mão do nosso antecessor, como tambem

1 Parece que o bispo n'este dizer presume-se que o demonio está de peior partido que o corpo, visto ser elle quem os exorcismos livram! Não nos espantemos; que ha ahi corpos indignos de tamanho hospede, que não coube no céo.

outras d'este miseravel homem que sendo um louco fanatico, aliaz engenhoso e poeta, deslumbrou muita gente com a sua hypocrisia, facil de descobrir da falta de humildade com que se atirava a quem contradizia os seus desatinos, como observamos em Odivellas, jantando com elle. Disse-lhe o companheiro jesuita que comesse o seu bocado de peixe (costumava comer ervas e fructa); faltou bater-lhe o padre Malagrida com os pratos na cara. Não fallaremos na ambição? Fallemos. E' publico que benzia agua chamada *dos milagres*; mas sem lhe darem uma libra de cacau (para a mãe de Deus, dizia elle) não ia a agua. Prégava contra o oiro, prata, pedras, etc.; mas mandava levar um menino Jesus ao auditorio, clamando: «Ahi vae esse prohibindo pedir alguma coisa.» Viam-se envergonhadas as mulheres sem darem coisa alguma, e em tal caso diz uma com graça: «Para remir a minha vexação que remedio tinha eu senão largar o annel, outra a cruz, outra a joia.» Por este modo encheu de peças a imagem de Nossa Senhora que expunha como taboleta de ourives; e quem queria comprar uma peça das que estavam na imagem, o nosso italiano, sem se embaraçar com usuras, antes julgando moderado ganho cento-por cento, vendia-lh'a dando por doze o que custou seis. Finalmente, perguntando-lhe o rei como deixara o Pará com tanta brevidade — fallava

da segunda vez em que achou o governador e capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado resistente em dar-lhe as terras d'el-rei em varios sitios onde o padre ideou cinco ou seis hospicios, e por isso abalou para Lisboa — respondeu a sua magestade que a rainha o chamara. Fallando o rei com sua mãe, benzeu-se ella dizendo tal não havia. Bem póde ser que algum jesuita do paço se valesse d'este meio para o fazer recolher do Pará, vista a grande diligencia que fizeram os seus padres, logo que elle chegou para que não fosse ao paço, dando por desculpa que não era grande talento. Seja o que fôr, as suas falsas prophecias a respeito do rei, e a loucura de dizer ao conde de Oeiras que fôra inspirado, tudo serve para o juiso prudente com que lhe negou as casas Domingos da Costa pelo principio da prophecia, que posto seja graciosamente dada e por isso campativel com o peccado, comtudo não se acha pelo ordinario em homens d'esta casta. A historia de Portugal dirá o mais, emquanto os seus padres em Roma gritam que é um santo o padre Malagrida; mas duvidamos que a sagrada congregação o beatifique.

Despidos do engenho de Domingos da Costa, onde nós e a nossa comitiva fomos magnificamente hospedados, levamos ancora, e rio acima velejamos tres dias para chegar á nova povoação de indios que sairam do matto, onde desde muito

andavam fugidos, e numero de cento e quarenta pessoas. Ainda não tinham sido visitados. Para este effeito levamos dous confessores e prégadores praticos na lingua geral, que de boamente nos acompanharam, o doutor Nicolau Gaspar da Fonseca, e o padre frei Manuel da Cruz carmelita calçado. De caminho fomos observando que, sendo este rio de Capim de grandes haveres se acham arruinados sessenta e tantos sitios ou roças por falta de quem possa trabalhar, e não haver dinheiro para comprar pretos nem a companhia do Pará os querer hoje fiar. O que nunca se póde extinguir é uma casta de gente que vive junta á freguezia de Sant'Anna do Capim em treze ou quatorze casas todas de uma familia chamada Bragas. — D'esta familia ha uma ou outra casa que vive com honra. — Os Bragas, misturados com negros ou cafuzes, vivem como ciganos e como gente de corso. Não é facil prender algum por que não dormem em casa, mas sim no matto; e sentindo soldados ou novidade no rio tocam bosinas do sertão ou tabocas que se ouvem muito, e mais com o écco do arvoredo, e acautellam-se.

São destros em furtar, e ha celebres factos de que daremos um ou outro, podendo servir esta diversão ao leitor de desenfastial-o da leitura e acautellar-se se encontrar os braguezes. Um bem celebrado necessitou de indios de emprestimo, e

para isto foi a uma aldeia, onde vivia um padre do Carmo, pedir gente; mas o padre, que lhe conhecia as manhas, lhe disse com a sobrancelha carregada: «não ha gente» — Acode o Braga: — paciencia meu reverendo padre. Vejo v. s.ª mortificado e dando aos hombros! que tem? — O padre com humor melancolico respondeu: «impigens» — Ai pobre religioso. — disse o Braga, — eu conheço um remedio que o põe logo são.

O padre dilatou a testa enrugada e mais o animo e perguntou-lhe alegre: «Que remedio?» Astutamente prompto, o novo medico lhe disse — é leite, de uma planta do matto. Chamou um indio seu e mandou-o buscar o leite de maçaranduba. Já o padre entrou a cuidar em lhe emprestar cinco indios, ao bemfeitor, que apenas chegou o leite e os teve promptos a caminho, untou as impigens ao padre que com a frescura no principio sentiu refrigerio; mas, passada uma hora tal desesperação lhe causava o estravagante remedio que para se vêr livre, foi necessario sair a camisa a pedaços, que tão unida estava com o remedio do Braga só proprio para curar impigens, se as houvesse no inferno, por ser tormento sobre tormento.

Em outra occasião, o astuto malfeitor mandou aliciar uns indios dos quaes fugiram para elle quatro ou cinco; achando porém; poucos, resol-

veu ir ter com o senhor d'elles fingindo ir atraz d'um que n'aquelle dia lhe fugira, e sabia estar no matto com os cinco que tinham fugido para elle. O pobre homem concedeu-lhe cinco ou seis indios com frexas sob condição de lh'os trazer logo. Cahiu o tolo no logro, e o Braga foi marchando com dez. Esta casta de gente teve sempre protectores no Pará, como alguns dos nossos fidalgos em Portugal timbram de ser valedores de ciganos [1] cuidam que as suas cazas assim ficam mais temidas com similhantes pestes da republica.

Por este rio até á nova colonia tivemos o praser de observar lindissimas flores e tambem fructas silvestres, peixes deliciosos, barreiras de que se tira excellente tinta amarella, e uma qualidade de gesso a que chamavam tavatinga alvissimo e melhor do que a cal. Dormimos uma noite em casa de José Alvares Roxo de Potfliz honrado homem do Pará, filho de um francez, e irmão do erudito chantre, de quem faz honrosa memoria mr. de Condamine. Adquirimos aqui a noticia pratica de um peixe cuja propriedade poderia moderar a critica com que o reverendo Feijóo, aliás varão maior de todo o elogio, escreveu contra o peixe torpêdo, pois a experiencia dos indios mostra ficar estuporado o braço

1 N'aquelle tempo o protector primaz dos ciganos e ciganas em Portugal era o conde d'Obidos. Vej. O cavalheiro d Oliveira, «Amusement periodique.

que o tocou; e se não lhe acertaram não torna a emergir da agua. Os indios, assim que o conhecem, fogem; e os portuguezes chamam-lhe *tremelga*, da qual nos referiu raras maravilhas o padre fr. Manuel da Cruz, muito instruido nas coisas do paiz em que vive ha muitos annos, pessoa de verdade e juizo. Chama-se o peixe turaqué ou tremelga grande.

Chegamos emfim á povoação nova, á qual demos nome de S. Bento de Capim, não só a exemplo do nosso antecessor que a outra freguezia poz o nome do seu padre S. Domingos, mas tambem por ser especialissimo advogado o meu santo patriarcha contra mordeduras de serpentes e venenos e maleficios de que usa o gentilismo e de que grande preocupação grassa n'estas terras, e alguns padres não contribuem pouco para ella. N'esta aldeia se confessou e commungou muita gente. Confirmamos com o santo chrisma a muitos, acção em que admiramos indios e indias de nação, pintadas as caras da meia face para baixo com tintas como cinza indelevel, e tal havia que, principiando na raiz do cabello no meio da testa um grosso fio d'aquella tinta escura, cortava até á ponta do nariz, descendo em linha recta pelos beiços até á ponta da barba, coisa mais ridicula ainda que os signaes das damas em França e em Portugal, ou ao menos ridicularia egual.

Dois dias estivemos n'este sitio em que persuadimos a diligencia de cortar madeiras para a egreja, e chamarem os seus parentes do matto. Prometteram fazer tudo, e mostraram-se grandemente satisfeitos de os termos ido vêr e abençoar. O escrivão da camara e secretario nosso, tirou na visita onze arrobas de peixe, n'este sitio, e deseseis tartarugas e um jacaré pequeno de quatro palmos, com que os rapazes brincaram, os indios encheram as barrigas.

Despedidos da freguezia, paramos em a freguezia, de Sant'Anna, acommodando-se a familia em casas de um padre Custodio, e ficando nós na canoa, por causa de se nos ter tirado de um dedo quatro bichos que, sendo pulgas de cão ou gato, se introduzem na cutis e carne do pé, e crescendo se fazem do tamanho e feitio d'uma perola ou aljofar ordinario. Mortificaram-nos muito por espaço de quinze dias. Assim mesmo, não obstante as persuasões em contrario, resolvemos ir chrismar. D'ahi proseguimos e de caminho vimos o engenho de moer cana de assucar, não com cavallos ou bois como os outros, mas sim com agua, tendo por fóra uma azenha ou moinho de cubo excellente. O dono é N... natural das Caldas da Rainha.

Animou-se a comprar fiados quarenta negros, e teve a fortuna de lhe dar excellentes terras Domingos Bacellar, que n'este rio possue seis ou

sitio antigamente dos jesuitas e hoje comprado por... mil cruzados por Balthasar do Rego, natural de Vianna, e um dos honrados cidadãos do Pará. A egreja é grande: tem boas imagens e bom côro. As gentes que tem esta fazenda passam de 200 pessoas, ás quaes administra com licença nossa os sacramentos um filho clerigo de Balthasar do Rego. Aqui encontramos um mulato ou cafuz cego chamado Ignacio, que foi criado do padre Antonio; e pela confrontação dos governadores e capitães môres, seguia a chronologia direita e sem anachronismo, de que se colhia ter mais de 120 annos; e de robusta compleição, voz forte, tino excellente, sacristão da egreja, e cathequista dos mais, ensinando-lhes a doutrina, e muito respeitado d'elles. Aqui se despediu de nós o tenente coronel João Filippe para a cidade, e ao mesmo tempo chegaram o reverendo padre fr. João d'Assumpção, custodio que foi da sua provincia, e votou em Roma no capitulo de sua ordem, religioso honradissimo. Com elle veiu o nosso provisor e vigario geral dr. Pedro Barbosa Canaes, ecclesiastico douto, grave e de exemplares costumes, com inteireza de ministro incorrupto e honrado. Tambem chegou o capitão José Diogo da Serra, que com sua familia vive no Pará, benemerito de maior fortuna pelos distinctos serviços de seus pae e avós, pessoas muito qualificadas, e tambem pelos pro-

prios, com que se sacrificou a servir em Angola na fortaleza de Mavangano. O qual nos acompanhou sempre pelo rio Acará até nos recolhermos. N'este sitio descançamos um dia; e, no seguinte, depois de fallarmos á senhora do Balthasar do Rego e a suas filhas, honrada matrona e perfeitas damas, e as mais recolhidas que ha em o Pará, sem que admitam visita alguma, nem de seus primos e menos de padres; tal foi a cautella de seu pae, que achou a cidade n'aquelle tempo adultera, incestuosa e sacrilega. Assim vivem contentes no seu retiro, custando muito a uma, que se acha casada, grande diligencia para admittir o estado e largar suas irmãs. Depois dos cumprimentos, nos embarcamos a tempo que já tinha chegado da cidade o nosso escrivão da camara, por quem mandamos visitar o snr. general.

Entrando pelo Acará dentro, rio alegre e de boas terras, occupando o tempo em resa, lição e outros exercicios, para o que folgavamos de ir solitario, e a que o genio nos inclinou desde os primeiros annos, chegamos a casa de Guilherme Brossem, visitamos a sua capella, onde ouvimos missa, a qual foi cantada pelas suas indias e mamelucas a quatro vozes bem ajustadas, e no fim varias cantatas devotas e de edificação, sobre o que lhe fizemos uma pequena pratica, em louvor do canto honesto, e ao mesmo tempo inve-

ctiva contra o lascivo das sarabandas e modas do tempo.

Aqui comi a primeira vez tartaruga de varios modos concertada; e, se eu tivesse empenho em escrever muitos tomos de viagens, era tempo de dizer, como o padre Labatta fez, como se guisava isto maiormente uns pastellinhos do sangue, bem delicados e saborosos, e similhantes ás morcellas de sangue que se fazem em Portugal: cuido, porém, que é escusado isso.

Bem vejo que para fazer leitura agradavel faltam aqui regras e intrigas galantes; mas se eu não topo d'isso, que remedio? Fingil-as é indigno de escriptor e só proprio de quem compõe novellas de desatinos como a *Historia de Persiles e Segismunda*. Seria tão reprehensivel como as fabulas atribuidas ao arcebispo D. Turpim, e tão indignas do nosso estado como a historia ou novella de Cariclea, que compoz o bispo Heliodoro e é a primeira que critica o discreto Cervantes na novella de Persiles, verdadeiramente satyra de similhantes assumptos. Supposto, para não haver caso notavel, sel-o-ha a piedade d'este honrado homem, a quem Deus N. S. deu uma similhante consorte, negou-lhes filhos para que podessem crear os outros expostos de seus paes: emfim é a casa de Brossem uma roda de engeitados, e sempre prompta para este bemfazer, que se exercita em toda a linha de piedade ou

genero, instruindo na fé e devoção aos meninos, e sustentando-os até lhes dar modo de vida honesto, sendo aliás o tracto da sua casa muito civil e elle um aceiadissimo ancião.

Estando n'este sitio chegou uma canoa, e nos entregou uma carta, que se dizia vir da cidade. Não vinha assignada. O que continha era dar-nos uma conta do que havia escandaloso n'aquelle rio. Similhantes papeis não se prezam nem se desprezam. Não se prezam, porque trazem a presumpção de que a vingança rebuçada na capa do zelo esconde a cara; nem o impio quer o nome conhecido nem é nome que se escreva. Saiba-se (dizia Santo Antonio de Padua) o nome do pobre Lazaro; mas não se ponha em papel o nome do rico avarento. Não se desprezam, porque muitas vezes um espirito são, verdadeiramente zeloso, mas pusillanime, não se atreve a descobrir a cara, pela não expor ás bofetadas do offendido, se a cautella não fôr grande em guardar um inviolavel segredo, que nem todos sabem observar e alguns confessam que não podem: taes são os genios novelleiros. E assim tenho por maxima errada a d'aquelles prelados, que chegando-lhes á mão aviso anonymo, fazem gala de rasgar o papel ou de o não lêr; sendo que por este caminho se tem evitado muitas desgraças depois de prudentes informes; e talvez para o proprio proceder é conveniente re-

parar n'estes avisos. Se Cesar, ao entrar no senado, lêra o papel d'aviso da conjuração contra elle, não caira nas mãos de Marco Bruto e dos complices que a punhaladas o acabaram.

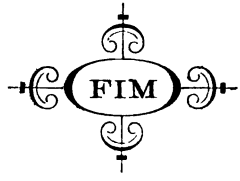
Deixada a casa de Brossem, partimos com a maré a visitar a capella de Pedro de Paiva, e d'ahi fomos á capella da snr.ª viuva D. Catharina, filha do mestre de campo Antonio Ferreira Ribeiro, onde se achavam seu pae e irmãos, todos militares, com que no dia seguinte partimos para o engenho que o mestre de campo tem no mesmo rio. Aqui fomos percebendo, pelas informações que tiramos, o que continha a carta anonyma. Uma conspiração de testemunhas para relatarem ao santo officio de um cavalheiro, em vingança d'este ter feito umas prisões por ordem do capitão general, dizendo que elle affirmava não haver inferno; varios incestos publicos e mancebias de trinta annos. Já ficam presos e remettidos para a fortalesa da cidade dois dos culpados, e um, que é dos principaes, fugiu para o matto; mas nem os seus annos permittem soffrer muito tempo o retiro, nem outras pessoas, que se metteram ao interior, são capazes de subsistir n'elle. Brevemente esperamos estes reus, para vêr ao menos com o castigo se resolvem a deixar o peccado. Muitas vezes ficaram em visitas; mas enganaram a algum de meus predecessores, promettendo fazer egreja á sua custa,

e com effeito fizeram; mas sem emenda de vida, que, se a houvesse, esta seria o modo do extinguir o escandalo, como aquelles muitos portuguezes, que remiam suas culpas ou a pena que resultava d'ellas com obras pias de fundações de egrejas, mosteiros, doações, esmolas, etc., e se encontra nos nossos archivos da ordem, nas historias da mesma e chronicas do reino.

Aqui nos chegou a noticia do feliz nascimento de um herdeiro da corôa, primeiro fructo da serenissima princeza do Brazil e de seu tio o snr. infante D. Pedro, communicada esta alegre nova pelo governador do Maranhão. Ainda não tivemos da côrte aviso costumado; mas, sem embargo; fomos logo á capella do mestre de campo, que se achava bem ordenada, e em companhia de varios ecclesiasticos e pessoas graves, se entoou o *Te Deum laudamus*, e dissemos as orações do ritual. Ao mesmo tempo recebemos noticias de que padre Malagrida morrera obstinado em erros, qualificados taes pelo santo officio de Lisboa, e sentenciado finalmente a ser queimado. Que novo martyr amanhece á companhia para solemnisar a sua memoria no necrologio do padre Antonio José, do padre Guignard e outros varões, que serão eterno borrão e escandalo da historia para a posteridade. Em que precipicios se não lança quem fomenta uma occulta soberba!

Humilhem-se as faias, que os cedros, quando caem, só servem para o fogo.

Depois de fechar a lista e chrismar muitas pessoas que necessitavam d'este sacramento, nos despedimos, e voltando pelo mesmo rio a casa de Guilherme Brossem, nos embarcamos pelas 10 horas da noite para a cidade, assim por ter feliz maré, como por evitar a molestia de sair a esperar-nos o capitão general. Chegamos sem ser esperados, pelas tres horas da madrugada, ao porto de Belem, e nos recolhemos a dar graças a Deus pelo feliz successo da viagem.



INDEX

Pag.

Introducção 1

Prefacio do editor 41

Miscellaneas 44

Prologo — dedicatoria 48

Segunda parte do prologo. 54

Memorias-miscellaneas 61

Prefacio á visita. 167

Visita primeira 170

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

COLLECÇÃO

DAS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO-BRANCO

Abençoadas lagrimas, drama em tres actos .	240
Agostinho de Ceuta, quatro actos. . . .	240
Agulha em palheiro	500
Amor de perdição	500
Amor de salvação	500
Anathema	500
Annos de prosa	500
Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado .	500
Bem (o) e o mal	500
Bruxa (a) de Monte-Cordova	500
Carlota Angela.	500
Cavar em ruinas	500
Cousas leves e pesadas	500
Cousas espantosas	500
Coração, cabeça e estomago	500
Divindade de Jesus — Estudos religiosos .	600
Doida (a) do Candal	500